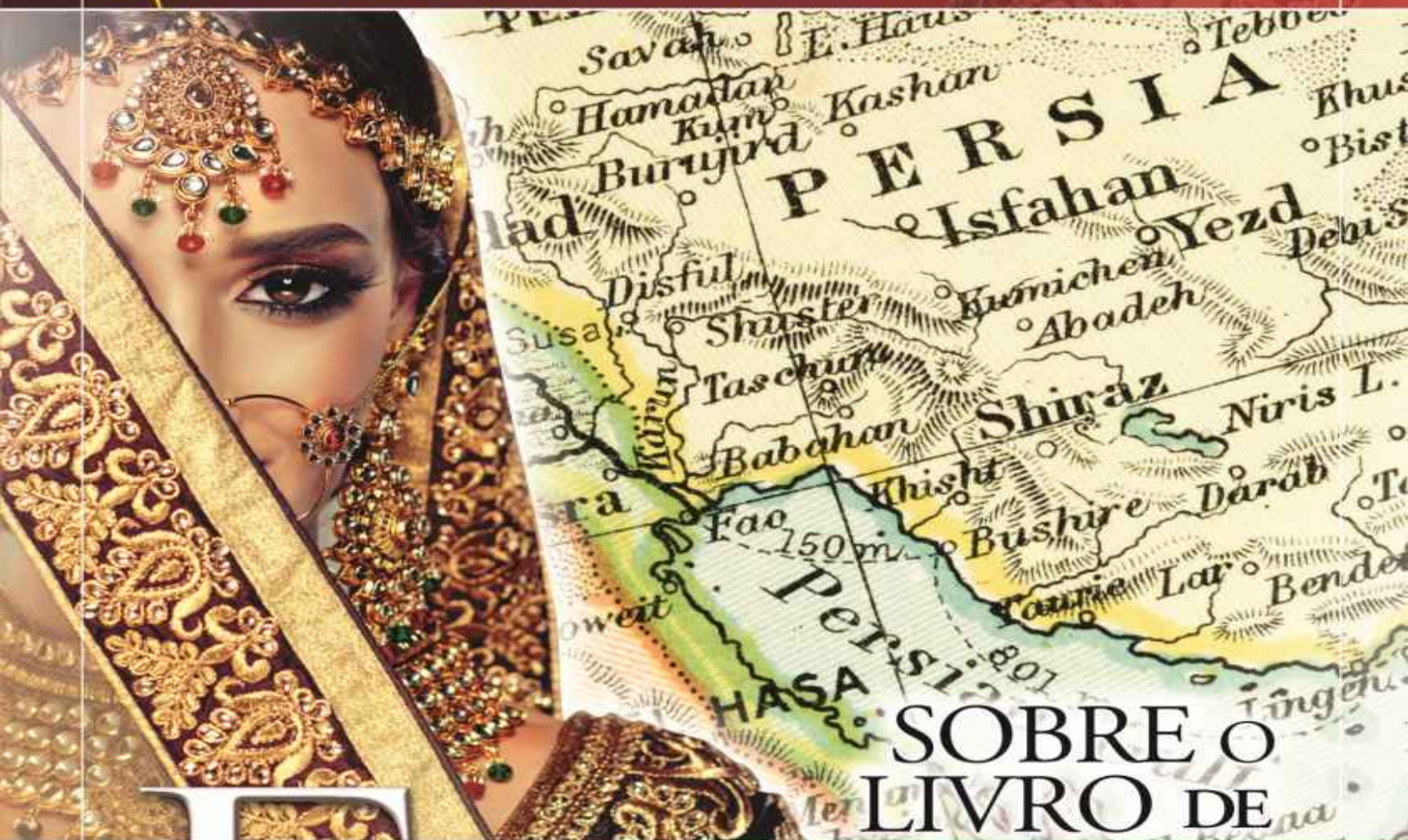


1º artigo: William Kelly
2º artigo: autor desconhecido

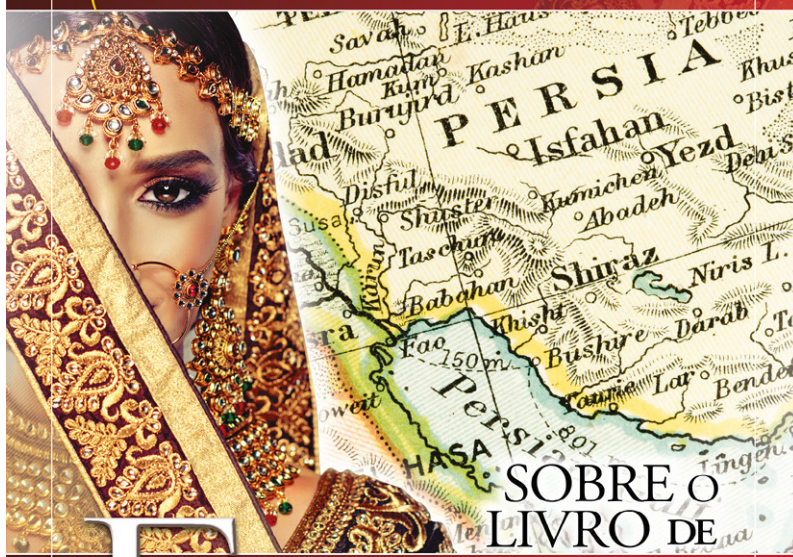
Estudos



SOBRE O LIVRO DE ESTER

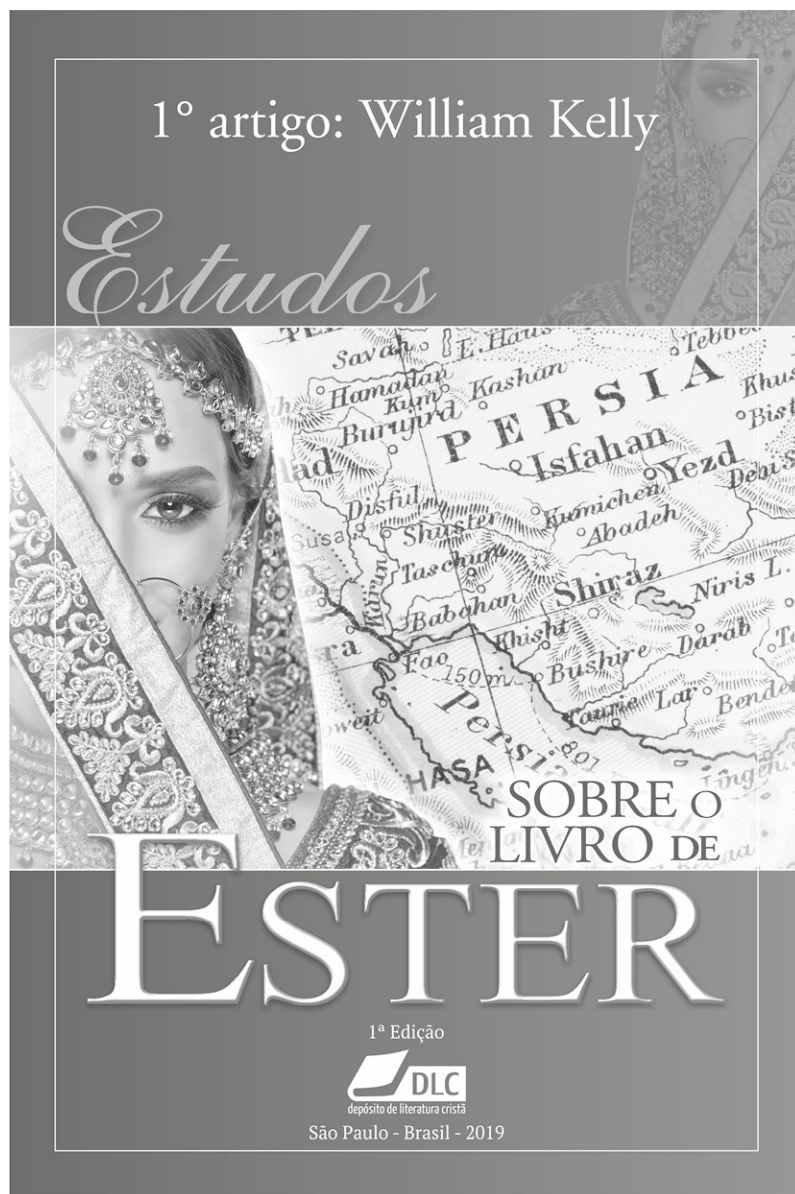
1º artigo: William Kelly
2º artigo: autor desconhecido

Estudos



SOBRE O LIVRO DE ESTER





Todas as citações bíblicas contidas nesta obra são da versão de Almeida Corrigida e Revisada Fiel ao Texto Original, a menos que outra seja, especificamente, mencionada.

Nenhuma parte dessa publicação poderá ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por quaisquer meios, sejam eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópias, gravação, ou por meio de qualquer sistema de recuperação de dados sem a permissão escrita dos editores.

Copyright © 2019 - Todos os direitos reservados por:

Depósito de Literatura Cristã

"Estudos sobre o Livro de Ester"

Capa + Projeto Gráfico / Diagramação

Liliana Ester Dinella

Impressão e Acabamento

Imprensa da Fé, São Paulo - SP, Brasil

Traduzido do original "Studies on the Book of Esther"

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

KELLY, William

Estudos sobre o Livro de Ester; São Paulo-SP:

Depósito de Literatura Cristã, 2018. 120 p. ; 14 x 21 cm.

ISBN: 978-85-9579-023-0

1. Comentário Bíblico. 2. Teologia. 3. Escatologia

CDD 230

1ª Edição - Janeiro 2019

www.boasemente.com.br

Rua Athos Palma, 250

CEP 04476-020 - São Paulo - SP BRASIL



Estudos
SOBRE O
LIVRO DE **ESTER**

1º ARTIGO

<u>Introdução</u>	7
<u>Capítulo 1</u>	11
<u>Capítulo 2</u>	15
<u>Capítulo 3</u>	17
<u>Capítulo 4</u>	19
<u>Capítulo 5</u>	21
<u>Capítulo 6</u>	23
<u>Capítulo 7</u>	25
<u>Capítulo 8</u>	27
<u>Capítulo 9</u>	29
<u>Capítulo 10</u>	31
<u>Conclusão</u>	33

2º ARTIGO

<u>Introdução</u>	39
<u>O governo dos gentios</u>	43
<u>Os judeus</u>	53
<u>Mardoqueu e Ester</u>	65
<u>O grande adversário — Hamã, o agagita</u>	105
<u>Algumas das evidências circunstanciais da mão de Deus</u>	115
<u>Observações finais do tradutor</u>	119

Lembramos ao leitor ser conveniente acompanhar a leitura deste estudo com o texto correspondente na Bíblia. Recomendamos que estude sempre em espírito de oração, pois só com a ajuda do Espírito Santo será possível alcançar uma compreensão verdadeira do que está escrito na Palavra de Deus.

INTRODUÇÃO

O livro de Ester é uma das poucas porções encontradas aqui e ali na Palavra de Deus que se destacam pela ausência do nome dEle. Isso frequentemente surpreendeu a muitos. Os próprios judeus não puderam compreendê-lo, e há muitos cristãos não muito melhores. Tem sido comum, especialmente em tempos recentes, alguns tratarem o livro com uma certa medida de desconfiança, como se a ausência do nome do SENHOR fosse um motivo justo de suspeita — como se não pudesse vir de Deus, porque o nome dEle não estava lá. Agora, espero mostrar que o fato de o nome de Deus não estar lá, contribui para a excelência do livro, visto que há ocasiões nas quais Deus mascara Sua glória. Não existe ocasião na qual Ele não trabalhe, mas Ele nem sempre permite que Seu nome seja ouvido ou Seus caminhos sejam vistos. Mostrarei que é exatamente o que o caráter do livro requer: que o nome de Deus não esteja lá. Isso, portanto, em vez de enfraquecer a reivindicação de Ester ao seu lugar no sagrado volume, mostra a perfeição dos caminhos de Deus, mesmo em um fato tão excepcional quanto a ausência do Seu nome em um livro inteiro.

Assim, precisamos compreender o que Deus tem em vista. A resposta é: Ele está falando de Seu povo nos tempos antigos em circunstâncias nas quais não podia citar Seu nome em conexão com ele, visto que a posição do povo era totalmente irregular. Mais propriamente, no livro de Ester, o povo judeu não tem nenhuma posição. Não podemos dizer exatamente o mesmo sobre os judeus que haviam saído da Babilônia de acordo com a permissão que Ciro, o persa, deu a eles, cumprindo a palavra dos profetas. É verdade que, mesmo em relação ao remanescente, Deus não os chama mais de “meu povo”.

Ao permitir que Nabucodonosor varresse a terra da casa de Davi e as tribos que ainda continuavam fiéis à aliança delas, Deus lhes tirou a propriedade da terra por um breve período, sendo que ela ainda não lhes foi devolvida. No entanto, ela está bem guardada. Ele pretende restituir a terra da herança deles, porém o título de posse, no momento, está desaparecido. Não significa que ele esteja perdido, mas reservado para um momento futuro. Ele é guardado secretamente para eles por Deus mesmo. Quando chegar o dia em

que Israel será levado de volta, Deus gradativamente o levará ao seu lugar devido e ao relacionamento correto, e então virão os dias de céu na terra. No entanto, isso estava longe de acontecer, mesmo com o remanescente que subiu a Jerusalém. Ali, como sabemos, o livro de Esdras nos mostra que eles estavam se reunindo em torno do altar de Deus e construindo a Sua casa, enquanto o livro de Neemias os mostra reforçando sua distinção. Embora tivessem perdido a sua propriedade, ainda não tinham perdido seu Deus. Se Deus não os chamasse de Seu povo, eles, pelo menos, o chamariam de seu Deus. A fé se apegava ao que Deus era para eles quando Deus não os chamava de “Seu povo”. Portanto, eles construíram os muros de Jerusalém, para que o Seu povo pudesse, mesmo na sua fragilidade, ter um senso de separação para Ele. Isso caracterizou toda a vida deles. Não era meramente sua vida religiosa, mas a vida inteira. Esdras olha para a vida religiosa, enquanto Neemias visa toda a vida deles consagrada ao SENHOR.

Porém o livro de Ester apresenta uma visão bem diferente. O que aconteceu aos judeus que não foram para Jerusalém? O que aconteceu àqueles que ignoraram a permissão ou não valorizaram a liberdade de ir para a terra sobre a qual os olhos de Deus repousavam e onde Ele ainda pretende exaltar seu nome — Seu Filho, o Messias — bem como o Seu povo escolhido, que então será manifestamente Seu?

O livro de Ester é a resposta a essa pergunta e nos mostra que, quando Deus não podia assumi-los de nenhuma forma — e eles também não o assumiam publicamente — quando não havia nenhum sinal da parte de Deus, nem da parte do povo — sendo que o nome de Deus, portanto, está totalmente oculto, sem ser mencionado uma vez durante o livro — em meio a tudo isso, vê-se a mão e a obra secreta de Deus em favor do Seu povo, mesmo na condição irregular na qual se encontravam. Essa é a natureza do livro e, creio eu, a solução da dificuldade em relação ao fato de o nome de Deus não ser mencionado nenhuma vez nele. Veremos muitas confirmações do que mencionei quando estudarmos o livro. Por ora, dou apenas uma pequena pista do seu caráter para que possamos prestar mais atenção a ele conforme os diversos incidentes nos forem apresentados.

CAPÍTULO 1

Logo de início, mergulhamos em uma festa memorável feita pelo rei Assuero, quem, presumo eu, é provavelmente aquele conhecido na história secular como Xerxes. Isso não tem grandes implicações — se foi Xerxes ou Artaxerxes ou mesmo outro que tenha sido indicado como a verdadeira resposta a essa pergunta. Precisamos lembrar que Assuero era um título geral na Pérsia, assim como Faraó era o título geral no Egito e Abimeleque o era entre os filisteus; ou seja, havia vários Faraós e vários Abimeleques. Portanto, entre os persas, havia vários com a designação de Assuero. O que Assuero significa de fato, é duvidoso, mas não tem relevância; se tivesse, Deus no-lo teria dito. No entanto, presumo que de fato foi Xerxes, em parte por causa do caráter do homem — um homem de recursos extraordinários, fortuna ilimitada, imenso luxo e vaidade —; além disso, um homem de caráter muito arbitrário e inconstante. Veremos isso na conduta para com a sua esposa e, também, na sua conduta para com os judeus. Então, veremos a história de uma parte notável do reinado desse monarca inconstante. Afinal, se houve algum rei persa com o qual os judeus estivessem destinados a passar por aflição, então foi esse. Dario era um grande admirador de Ciro e, conseqüentemente, um grande amigo dos judeus. Xerxes não era amigo de ninguém além de si mesmo. Ele simplesmente era um homem que vivia para o seu prazer — para agradar aos seus gostos e paixões de acordo com os amplos meios que a providência de Deus havia confiado às suas mãos, mas que ele gastou com o seu próprio luxo, como infelizmente a maioria dos homens o faz.

Bem, ele nos é apresentado na época do império persa quando esse já não consistia apenas de 120 províncias, que era o caso do reinado de Dario, o medo, e Ciro, o persa. Descobrimos no livro de Daniel que, posteriormente, sete províncias foram acrescentadas por conquistas. Portanto, Xerxes reinou em um tempo quando o império persa estava no auge da sua glória e de seus recursos, sendo que ele tem toda a pompa e circunstância do império à sua volta — todos os grandes e sátrapas do seu vasto império. É nessas circunstâncias que ele chama Vasti, que se recusa a vir. Isso provocou o monarca inconstante e arbitrário. Vasti desobedeceu ao

rei. Ela se recusou de acordo com o peculiar gosto por intimidade que caracterizava as mulheres persas. Ela se recusou a atender aos seus desejos. Ele pretendia exhibir sua beleza para todo o mundo, e ela se negou. A consequência foi que o rei pediu conselho dos seus nobres, e um deles arrisca um conselho muito ousado — a deposição de Vasti. Assim, esse é o primeiro grande passo na providência de Deus apresentada a nós nesse livro e de todas as questões notáveis que se seguem.

Isso por si só já desperta grande interesse; no entanto, há mais. O livro não é apenas um livro sobre providência — a providência secreta de Deus —, quando Ele não podia mencionar Seu nome a favor de Seu povo, a favor dos judeus na sua condição pobre e dispersa entre os gentios. É também típico das grandes obras de Deus que ainda estão por vir: afinal, como o livro começa, em boa medida? Com isto — a grande esposa gentia do grande rei é deposta, e então ocorre o fato singular de que uma judia toma o lugar dela. De minha parte, não tenho dúvidas de que é isso que acontecerá quando a gentia tiver se mostrado desobediente e não tiver demonstrado a beleza que deveria ser o testemunho de Deus diante do mundo. Em resumo, é o que está acontecendo agora; ou seja, na presente era, a gentia é quem assume uma determinada posição diante de Deus no mundo. O povo judeu, como se sabe, não é a atual testemunha de Deus, mas os gentios. O povo gentio falhou completamente. De acordo com a linguagem do capítulo 11 de Romanos, os ramos da oliveira brava, do zambugueiro — os gentios — serão quebrados, e os judeus serão enxertados novamente. Bem, Vasti é a esposa gentia descartada pela sua desobediência e falha em mostrar sua beleza diante do mundo. É isso que o cristianismo deveria fazer. Os gentios, digo eu, serão quebrados e dispensados, e os judeus serão introduzidos. Isso é representado pelo chamado de Ester. Ela se torna objeto das grandes afeições do rei e substitui Vasti, que jamais é restaurada. No entanto, apenas faço essa observação a fim de mostrar a típica conexão do livro com o grande curso dos desígnios de Deus nas Escrituras.

CAPÍTULO 2

Agora, volto a expor um pouco os fatos traçados como o grandioso desenvolvimento da providência secreta quando não é possível mencionar o nome de Deus. Deus pode trabalhar onde não pode se proclamar, o que é ilustrado de maneira impressionante pelo fato de que, quando foi divulgado o mandado de que se buscassem moças virgens para o rei escolher, havia, entre outros, “um homem judeu na fortaleza de Susã, cujo nome era Mardoqueu, filho de Jair, filho de Simei, filho de Quis, homem benjaminita, que fora transportado de Jerusalém, com os cativos que foram levados com Jeconias, rei de Judá, o qual transportara Nabucodonosor, rei de Babilônia. Este criara a Hadassa (que é Ester, filha de seu tio), porque não tinha pai nem mãe; e era jovem bela de presença e formosa; e, morrendo seu pai e sua mãe, Mardoqueu a tomara por filha. Sucedeu que, divulgando-se o mandado do rei e a sua lei, e ajuntando-se muitas moças na fortaleza de Susã, aos cuidados de Hegai, também levaram Ester à casa do rei, sob a custódia de Hegai, guarda das mulheres. E a moça pareceu formosa aos seus olhos, e alcançou graça perante ele” (Et 2:5-9).

Em resumo, quando chegou a vez das diferentes moças e, entre outros, de Ester, ela não apenas obteve favor aos olhos do camareiro, mas, ainda por cima, aos olhos do rei. “Assim foi levada Ester ao rei Assuero, à sua casa real, no décimo mês, que é o mês de tebete, no sétimo ano do seu reinado” (Et 2:16). A propósito, devo observar que se trata de uma impressionante confirmação de que essas transações de Assuero correspondem à época de Xerxes, visto que foi no terceiro ano do reinado de Xerxes, conforme a história nos relata, que ele realizou um grande concílio com todos os grandes do seu império. O objetivo político era a sua tentativa de conquistar a Grécia, sendo que ele retornou no sétimo ano do seu reinado — exatamente as datas mencionadas neste livro de Ester. Nesse período, ele esteve fora do país e ficou ocupado com o vão esforço que culminou na completa destruição da frota persa e a derrota dos seus exércitos pelo poder comparativamente reduzido dos gregos. Seja como for, apenas faço a observação a fim de mostrar a forma maravilhosa como a providência de Deus preserva até mesmo as datas e a forma como os fatos se encaixam. Porém,

esse é um aspecto pequeno, pois a grande questão é esta: que a judia foi preferida a todas as outras. A judia é aquela que será a única noiva na terra do Grande Rei. Sabemos a quem o Grande Rei se refere. Suponho que todos saibam que “Grande rei” era um título especial do monarca persa. Porém, a Escritura usa “o grande rei” em referência ao SENHOR. Portanto, não tenho dúvidas de que há uma intenção até nessa forma típica de se falar dEle.

Então, Ester se torna noiva — a rainha do grande rei, depois que a rainha gentia foi deposta por causa da sua desobediência, e para isso o rei faz outro grande banquete. Ele envia um alívio às províncias, como sabemos que acontecerá. Quando o povo judeu obtiver favor, será como reviver da morte, seja qual for a misericórdia de Deus agora — e rica ela é; mas, quanto à terra, ela está totalmente comprometida por mundanismo, egoísmo, vaidade. Tudo isso destruiu o caráter do reino de Deus no que se refere ao seu testemunho na terra. Sem dúvida, Deus cumpre Seu propósito celestial, mas isso não tem nada a ver com esse livro. O modelo das coisas celestiais não é encontrado aqui. Trata-se apenas da terra e do aspecto terreno do cristianismo deposto pelo futuro chamado dos judeus. Ela se torna a noiva permanente do Rei.

Aqui, no final do segundo capítulo, somos informados de que Mardoqueu não apenas senta à porta do rei, mas se transforma no meio de tornar conhecido ao grande rei um atentado à sua vida. Dois dos camareiros do rei, que guardavam a porta, tentaram pôr as mãos no rei, mas o plano foi descoberto. Foi feita uma investigação e ambos foram pendurados numa árvore. Sabemos bem que todo ofensor naquele dia vindouro será descoberto e enfrentado imediatamente. Não haverá mais a incerteza da lei. Nesse dia, “um Rei reinará com justiça”. Haverá uma grande revelação e punição daqueles que agirem contra o SENHOR.

CAPÍTULO 3

No terceiro capítulo, temos uma cena muito diferente. “Depois destas coisas o rei Assuero engrandeceu a Hamã, filho de Hamedata, agagita, e o exaltou, e pôs o seu assento acima de todos os príncipes que estavam com ele” (Et 1:1).

É apenas um modelo — apenas uma sombra, não a imagem propriamente. No reino milenar, não haverá Hamã. Até esse dia chegar, por mais que a imagem das bênçãos futuras seja vívida, sempre há uma sombra escura. Há um inimigo; há alguém que tenta frustrar todos os planos de Deus: e, de todas as raças da terra, havia uma particularmente hostil ao povo de Deus nos tempos antigos — os amalequitas —, tanto que SENHOR jurou e convocou Seu povo a travar uma guerra perpétua contra aquela raça. Ele apagaria a memória deles debaixo do céu. Os amalequitas eram objeto peculiar do julgamento justo de Deus, por causa do ódio deles ao Seu povo. Esse Hamã, por sua vez, pertencia não apenas a Amaleque, mas inclusive à família real de Amaleque. Ele era descendente de Hamedata, o agagita, conforme é dito, e Assuero exalta esse nobre à mais alta posição. Mas em meio a essa abundante honra havia um espinho! Mardoqueu não se curvava. A consequência foi que ele se tornou objeto de reprovação. Os servos do rei lhe perguntaram: “Por que transgredes o mandado do rei?” (Et 3:3) Depois de isso acontecer por um tempo, chegou aos ouvidos de Hamã. “Ele lhes tinha declarado que era judeu” (Et 3:4).

Havia aquele mistério: Deus não aparece. Não há nenhuma indicação na história de que Deus tivesse falado sobre Hamã! Porém havia a ação secreta de Deus. E o único motivo aparente disso é que Mardoqueu era judeu. “Vendo, pois, Hamã que Mardoqueu não se inclinava nem se prostrava diante dele, Hamã se encheu de furor. Porém teve como pouco, nos seus propósitos, o pôr as mãos só em Mardoqueu (porque lhe haviam declarado de que povo era Mardoqueu); Hamã, pois, procurou destruir a todos os judeus, o povo de Mardoqueu, que havia em todo o reino de Assuero” (Et 3:5-6). E Hamã o faz da seguinte maneira. Ele informa ao rei, sendo o principal nobre favorecido, que existia “espalhado e dividido entre os povos em todas as províncias... um povo, cujas leis são diferentes das leis de todos os povos, e que não cumpre as

leis do rei; por isso não convém ao rei deixá-lo ficar. Se bem parecer ao rei, decrete-se que os matem; e eu porei nas mãos dos que fizerem a obra dez mil talentos de prata, para que entrem nos tesouros do rei” (Et 3:8-9).

O rei, de acordo com o caráter que já descrevi, não ofereceu resistência a essa tremenda solicitação de Hamã. Ele tirou o anel da mão, deu-o a Hamã e lhe disse para ficar com a sua prata. Ele enviou os escribas para cumprirem essa solicitação, a fim de que o correio percorresse todas as províncias do rei. A propósito, os persas foram os primeiros criadores do sistema postal que continuamos a usar até hoje. “Enviaram-se as cartas por intermédio dos correios a todas as províncias do rei, para que destruíssem, matassem, e fizessem perecer a todos os judeus, desde o jovem até ao velho, crianças e mulheres, em um mesmo dia, a treze do duodécimo mês (que é o mês de Adar), e que saqueassem os seus bens” (Et 3:13). O rei e seu ministro se assentaram a beber; porém a cidade de Susã estava confusa.

CAPÍTULO 4

Naturalmente havia um grande clamor entre os judeus. Seu destino estava selado — ao menos era o que parecia. Quanto mais considerando-se que era uma regra no império persa que uma lei, uma vez aprovada, nunca era revogada — “conforme a lei dos medos e dos persas, que não se pode revogar” (Dn 6:9,13). Naquele momento, aparentemente, nada poderia salvar o povo. O senhor de 127 províncias havia dado sua palavra real, selada com o seu anel, e a enviou pelos correios por toda a extensão e largura do império. O dia estava determinado; as pessoas, designadas. A destruição parecia certa, mas Mardoqueu rasga suas vestes e se veste de pano de saco, indo para o meio da cidade e clamando com um grande e amargo clamor (veja Et 4:1), e se o nome de Deus não está escrito e não aparece, ainda assim os ouvidos de Deus ouviam. Mardoqueu chegou ao portão do rei, já que ninguém poderia entrar pela porta vestido de saco. Ele chegou ao portão, sem entrar, e Ester o ouviu. A rainha foi informada e ficou extremamente aflita, mal sabendo a causa da tristeza. Ester envia um dos camareiros e Mardoqueu lhe conta tudo que lhe havia acontecido e o que Hamã havia prometido pagar e que a destruição dos judeus era iminente.

Diante disso, Ester, conforme nos é relatado, dá a Hataque ordem para relatar a Mardoqueu que se tratava de um caso perdido. O objetivo era que ela fosse e fizesse uma súplica ao rei. Mas como? Uma das leis do império persa era que ninguém poderia entrar na presença do rei sem ser chamado. O rei precisava chamar, e ele não havia chamado a rainha há trinta dias. Era ilegal se aventurar ali. Então, Mardoqueu lhe envia uma mensagem inequívoca, porém severa. “Não imagines no teu íntimo”, disse ele, “que, por estares na casa do rei, escaparás só tu entre todos os judeus. Porque, se de todo te calares neste tempo, socorro e livramento de outra parte sairá para os judeus” (Et 4:13-14). Nenhuma palavra sobre Deus. Ele está oculto. Mardoqueu se refere a Deus, mas preserva o segredo de Deus tão perfeitamente que apenas faz uma vaga alusão a isso nos notáveis termos: “Socorro e livramento de outra parte sairá para os judeus” — porque Deus olharia do céu; mas Mardoqueu apenas fala do lugar e não da pessoa — “mas tu e a

casa de teu pai perecereis; e quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?” (Et 4:14).

Desse modo, Ester é levada a avaliar adequadamente a situação. Ela se identifica perfeitamente com o sentimento de Mardoqueu pelo povo e sua confiança no livramento que viria de outra parte. Assim, ela pede a Mardoqueu: “Vai, ajunta a todos os judeus que se acharem em Susã, e jejuai por mim, e não comais nem bebais por três dias, nem de dia nem de noite” (Et 4:16). Ela, conforme diz, faria o mesmo. “Eu e minhas servas também assim jejuaremos. E assim irei ter com o rei” (Et 4:16). Nenhuma palavra sobre os perfumes agora. Nenhuma palavra sobre os doces aromas para se preparar para a presença do rei. A isso ela havia cedido. Era a ordem do rei; mas agora, embora ela não mencione a Deus, é evidente onde o coração dela está. Ela procede a essa preparação muito singular, porém admirável para um momento desses — jejum — um grande sinal de humilhação perante Deus. No entanto, mesmo aqui, Deus não é mencionado. Não há dúvida de que Deus está nos bastidores da cena; porém, o que aparece, é um simples jejum humano, não o Deus diante de quem o jejum era feito. “E se perecer, pereci” (Et 4:16). Sua mente estava decidida.

CAPÍTULO 5

Logo, no terceiro dia (Ester 5), Ester veste seus trajes reais “e se pôs no pátio interior da casa do rei, defronte do aposento do rei; e o rei estava assentado sobre o seu trono real, na casa real, defronte da porta do aposento. E sucedeu que, vendo o rei a rainha Ester, que estava no pátio, ela alcançou graça aos seus olhos; e o rei estendeu para Ester o cetro de ouro, que tinha na sua mão” (Et 5:1-2), porque a fé na bondade de Deus era grande. Tudo parece meramente humano, mas a mão invisível estava ali. Era o que ela procurava e foi o que ela encontrou. “E Ester chegou, e tocou na ponta do cetro. Então o rei lhe disse: Que é que queres, rainha Ester, ou qual é a tua petição? Até metade do reino se te dará” (Et 5:2-3). E disse Ester: “Se parecer bem ao rei, venha o rei hoje com Hamã ao banquete que lhe tenho preparado” (Et 5:4). Deus lhe deu sabedoria. Ela não expõe de uma vez o que tanto pesava no seu coração. “Aquele que crer não se apresse” (Is 28:16). O Deus invisível que era objeto da sua fé permitia à sua alma esperar. Ela convida não apenas o rei ao banquete, mas o rei e Hamã. Com que frequência isso acontece! Foi assim com o SENHOR quando Ele deu a Judas o bocado mesmo antes da terrível traição que culminou na cruz. Mal sabia Hamã o que aquele Deus que não aparecia estava preparando para ele. No banquete, o rei volta à pergunta, porque ele sabia muito bem que havia algo mais do que o banquete na mente da rainha Ester. “Qual é a tua petição? E ser-te-á concedida, e qual é o teu desejo? E se fará, ainda até metade do reino” (Et 5:6).

Novamente a rainha solicita a companhia deles em outro banquete. “E amanhã farei conforme a palavra do rei” (Et 5:8). Assim, Hamã sai naquele dia “alegre e de bom ânimo” (Et 5:9), mas quando vê o judeu Mardoqueu e vê que ele não se levantou nem se moveu diante dele, ficou cheio de indignação contra Mardoqueu. No entanto, Hamã se conteve. Quando ele vai para casa, à sua esposa e aos seus amigos, ele lhes conta sobre a glória das suas riquezas, a multidão de seus filhos e tudo em que o rei o tinha engrandecido, e como o havia exaltado sobre os príncipes e servos do rei, e também cita como ápice de toda a honra especial o convite da rainha Ester a um banquete ao qual ninguém mais compareceu além do próprio rei. “E também para amanhã”, diz ele, “estou

convidado por ela juntamente com o rei. Porém tudo isto não me satisfaz” — tamanha era a amargura de seu coração e do ódio — “enquanto eu vir o judeu Mardoqueu assentado à porta do rei” (Et 5:12-13). Então, a esposa, com a fraqueza inerente à sua natureza, sugeriu que uma forca fosse feita para o perverso Mardoqueu. “Faça-se uma forca de cinquenta côvados de altura, e amanhã diga ao rei que nela seja enforcado Mardoqueu; e então entra alegre com o rei ao banquete” (Et 5:14). Isso pareceu bem a Hamã e foi feito.

CAPÍTULO 6

Porém o Deus invisível entrou em ação naquela noite. O rei não conseguiu dormir; caso contrário, ocorreria um amargo banquete para Ester antes do banquete com o rei. “Naquela mesma noite fugiu o sono do rei” (Et 6:1). Ele mandou trazer o registro do reino. A providência de Deus estava em ação. Achou-se escrito que Mardoqueu havia denunciado os camareiros enganosos, e o rei pergunta: “Que honra e distinção se deu por isso a Mardoqueu?” (Et 6:3) — “Nada” — disseram os servos. Naquele mesmo momento, Hamã entra no corte. Ele queria ver o rei, para pedir a vida de Mardoqueu. Mal sabia ele o que estava no coração do rei. Ele é conduzido à presença do rei, a pedido dele, e o rei, cheio do que estava no seu próprio coração, providencialmente foi levado a perguntar o que deveria fazer para aquele a quem desejava honrar. “Que se fará ao homem de cuja honra o rei se agrada?” (Et 6:6).

Hamã não pensou em ninguém além de si mesmo. Assim, ele caiu na própria armadilha. Ele pediu sem restrições. Sugeriu ao rei as maiores honrarias — honrarias maiores do que jamais haviam sido dadas a um súdito antes. “Para o homem, de cuja honra o rei se agrada, tragam a veste real que o rei costuma vestir; como também o cavalo em que o rei costuma andar montado, e ponha-se-lhe a coroa real na sua cabeça. E entregue-se a veste e o cavalo à mão de um dos príncipes mais nobres do rei, e vistam delas aquele homem a quem o rei deseja honrar; e levem-no a cavalo pelas ruas da cidade, e apregoe-se diante dele: Assim se fará ao homem a quem o rei deseja honrar!” (Et 6:7-9). Então o rei imediatamente diz a Hamã: “Apressa-te, toma a veste e o cavalo, como disseste, e fazer assim para com o judeu Mardoqueu, que está assentado à porta do rei; e coisa nenhuma omitas de tudo quanto disseste” (Et 6:10).

Oh, que derrocada! O horror dos horrores deve ter tomado o coração desse homem perverso ao pensar que aquele que ele mais odiava entre todos os homens vivos era precisamente quem ele mesmo como principal nobre do império foi obrigado a tributar essa honra, segundo a sua própria sugestão! No entanto, era impossível alterar a palavra do rei. “E Hamã tomou a veste e o cavalo, e vestiu a Mardoqueu, e o levou a cavalo pelas ruas da cidade, e apregoeou

diante dele: Assim se fará ao homem a quem o rei deseja honrar!” (Et 6:11). Quão diferente Hamã voltou para a sua esposa e seus amigos naquele dia! “Hamã se retirou correndo à sua casa, triste, e de cabeça coberta. E contou Hamã a Zeres, sua mulher, e a todos os seus amigos, tudo quanto tinha lhe sucedido. Então os seus sábios e Zeres, sua mulher, lhe disseram: Se Mardoqueu, diante de quem já começaste a cair, é da descendência dos judeus, não prevalecerás contra ele, antes certamente cairás diante dele” (Et 6:12-13). Esse é o sentimento secreto dos gentios em relação aos judeus. Tudo pode correr muito bem para os gentios, enquanto o judeu for afastado da presença de Deus, mas quando chegar o dia de exaltar os judeus, a grandeza dos gentios deverá desaparecer da face da terra. A intenção é que o judeu seja o senhor aqui na terra. O judeu será a cabeça, o gentio, a cauda.

CAPÍTULO 7

Assim, o banquete prossegue, e o rei e Hamã são trazidos, porque não havia tempo a perder. O camareiro havia vindo e chamado Hamã ao banquete, e agora o rei, pela terceira vez, pergunta à rainha qual a sua petição. “Qual é a tua petição, rainha Ester? E se te dará. E qual é o teu desejo? Até metade do reino, se te dará. Então respondeu a rainha Ester, e disse: Se, ó rei, achei graça aos teus olhos, e se bem parecer ao rei, dê-se-me a minha vida como minha petição” (Et 7:3). O quê? Será possível? A rainha implorando pela vida dela! “Dê-se-me a minha vida como minha petição, e o meu povo como meu desejo. Porque fomos vendidos, eu e o meu povo, para nos destruírem, matarem, e aniquilarem de vez; se ainda por servos e servas nos vendessem, calar-me-ia; ainda que o opressor não poderia ter compensado a perda do rei” (Et 7:4). Ela havia tocado o ponto fraco. Não só o rei perde a compostura diante desse insulto dirigido àquela que ele amava acima de tudo no reino, mas mais ainda: havia a ousada presunção que tentaria destruir a rainha e todo o povo da rainha — todo o povo dela — sem o rei nem mesmo saber. Quem poderia ser o traidor?

“Então falou o rei Assuero, e disse à rainha Ester: Quem é esse e onde está esse, cujo coração o instigou a assim fazer? E disse Ester: O homem, o opressor, e o inimigo, é este mau Hamã” (Et 7:6). “Então Hamã se perturbou” — e deveria mesmo — “perante o rei e a rainha. E o rei no seu furor se levantou do banquete do vinho e passou para o jardim do palácio” (Et 7:7). Hamã sabia bem que era uma sentença de morte que havia sido pronunciada sobre ele. “E Hamã se pôs em pé, para rogar à rainha Ester pela sua vida; porque viu que já o mal lhe estava determinado pelo rei” (Et 7:7). Quando o rei retorna, ele encontra Hamã na sua agonia prostrado na cama onde Ester estava e prontamente faz a pior interpretação disso. A palavra saiu da boca dele e eles cobrem o rosto de Hamã para a execução imediata. Harbona, um dos camareiros, sugeriu ao rei a forca que já havia sido feita nas dependências do próprio Hamã, o que também atende aos desejos do rei. “Então disse o rei: Enforcai-o nela. Enforcaram, pois, a Hamã na forca, que ele tinha preparado para Mardoqueu. Então o furor do rei se aplacou” (Et 7:10).

CAPÍTULO 8

Mas isso não era tudo. Não apenas Deus pegou o cruel adversário do Seu povo na própria cilada, mas Deus iria cuidar dos judeus em todo o domínio do reino, onde eles ainda estavam sob a sentença de morte. A redenção ainda não estava concluída. O principal inimigo havia sido destruído, mas eles ainda corriam perigo; então, Mardoqueu, conforme é dito, veio perante o rei. “Porque Ester tinha declarado quem ele era” (Et 8:1). O rei tira seu anel e o dá a Mardoqueu. Então, o judeu entra no lugar de governo da terra. Os inimigos deles foram destruídos, mas eles ainda precisam ser vindicados e redimidos completamente em todo o império. Ester se lança aos pés do rei e lhe implora chorando que revogasse a maldade de Hamã, e o rei novamente estende o cetro de ouro. Então, Ester explica que os correios que haviam saído com as cartas do rei estavam levando destruição aos judeus em todas as suas províncias. O rei responde: “Eis que dei a Ester a casa de Hamã, e a ele penduraram numa forca, porquanto estendera as mãos contra os judeus. Escrevei, pois, aos judeus, como parecer bem aos vossos olhos, em nome do rei, e selai-o com o anel do rei; porque o documento que se escreve em nome do rei, e que se sela com o anel do rei, não se pode revogar” (Et 8:7-8).

Como proceder nessa situação? Do seguinte modo: que em todo império fossem enviadas cartas por um novo correio nas quais “o rei concedia aos judeus, que havia em cada cidade, que se reunissem, e se dispusessem para defenderem as suas vidas, e para destruírem, matarem e aniquilarem todas as forças do povo e da província que viessem contra eles, crianças e mulheres, e que se saqueassem os seus bens” (Et 8:11). Assim foi feito. “Então Mardoqueu saiu da presença do rei”, agora com todos os sinais de honra real (veja Et 8:15). E “para os judeus houve luz, e alegria, e gozo, e honra. Também em toda a província, e em toda a cidade, aonde chegava a palavra do rei e sua ordem, havia entre os judeus alegria e gozo, banquetes e dias de folguedo” (Et 8:16-17).

CAPÍTULO 9

Então, assim foi feito. Os judeus se ajuntaram e puseram as mãos em todos que ameaçavam a vida deles. Ninguém podia resistir-lhes. É um modelo evidente do dia quando os judeus voltarão a ser restaurados no seu lugar devido e adequado em toda a terra. E “Mardoqueu era grande na casa do rei, e a sua fama crescia por todas as províncias, porque o homem Mardoqueu ia sendo engrandecido. Feriram, pois, os judeus a todos os seus inimigos, a golpes de espada, com matança e com destruição; e fizeram dos seus inimigos o que quiseram” (Et 9:4-5). Assim, o relatório nos foi dado. Mas não é só isso. “E disse o rei à rainha Ester: Na fortaleza de Susã os judeus mataram e destruíram quinhentos homens, e os dez filhos de Hamã; nas demais províncias do rei que teriam feito? Qual é, pois, a tua petição? E dar-se-te-á. Ou qual é ainda o teu requerimento? E far-se-á. Então disse Ester: Se bem parecer ao rei, conceda-se aos judeus que se acham em Susã que também façam amanhã conforme ao mandado de hoje; e pendurem numa forca os dez filhos de Hamã” (Et 9:13).

Há muitos que não conseguem entender isso. Não é de se espantar! Eles tomam Ester como modelo das relações do SENHOR com a Igreja. Imediatamente se percebe a profunda confusão gerada por isso. Não é esse o caso. O povo gentio será dispensado e o judeu será convocado, porém justiça será o caráter do reinado do reino afinal. Graça é o que diz respeito à igreja agora. Portanto, seria perfeitamente incompreensível fazer Ester representar a igreja agora. A execução de vingança justa seria totalmente incompatível com o chamado do cristão — com a posição da igreja. Porém, com o povo judeu sendo chamado a enfim compartilhar do reino — convocado às honras do reino —, é perfeitamente adequado. Então, quando o Messias reinar e Jerusalém for Sua rainha, a palavra será comprovada: “A nação e o reino que não te servirem perecerão” (Is 60:12).

Assim foi nesse dia. Portanto, vê-se que, sempre que obtemos a verdade, a palavra de Deus se enquadra no seu devido lugar. Nós a compreendemos e distinguimos entre coisas divergentes; dividimos corretamente a palavra da verdade. Quando, por outro lado, em nossa ansiedade aplicamos coisas àquilo que diz respeito a nós,

cometemos um grande erro e destruimos o lugar correto da Igreja de Deus e nossa participação nos afetos celestiais de Deus. Nosso devido lugar é agir apropriadamente diante dEle, que está à direita de Deus. Mas quando o Senhor Jesus vier do céu à terra — quando ele vier para reinar, o caráter do Seu reino será justiça, e coisas terríveis serão feitas em justiça, de acordo com o salmo 45. Desse modo, a execução dos dez filhos de Hamã não causa a menor dificuldade uma vez que se compreende isso, visto que o Senhor não apenas ferirá no início, mas haverá uma repetição do golpe: haverá uma completa aniquilação do adversário e de todos que não prestarem senão obediência fingida. O Senhor lidará com eles no dia que está por vir.

Então, o rei deu ordem e os judeus se ajuntaram por mais um dia. Não apenas aqueles em Susã, mas “também os demais judeus que se achavam nas províncias do rei se reuniram a se dispuseram em defesa das suas vidas, e tiveram descanso dos seus inimigos; e mataram dos seus inimigos setenta e cinco mil; porém ao despojo não estenderam a sua mão” (Et 9:16). Assim, alegria e felicidade enchem o coração dos judeus. Mardoqueu escreve e envia cartas a todas as províncias, de modo que a alegria se espalha por toda a terra. Não só isso, mas os judeus, conforme nos é dito, instauraram uma festa após essa notável intervenção da providência de Deus.

CAPÍTULO 10

O livro se encerra, no próximo capítulo, com um relato da grandeza do domínio do rei, e também de Mardoqueu, seu ministro. “Porque o judeu Mardoqueu foi o segundo depois do rei Assuero, e grande entre os judeus, e estimado pela multidão de seus irmãos, procurando o bem do seu povo, e proclamando a prosperidade de toda a sua descendência” (Et 10:3). Dignamente se encerra, assim, este livro impressionante. O judeu, liberto de todas as suas angústias, é levado ao lugar mais próximo do Grande Rei e, em vez de ser vítima do ódio dos gentios, ele tem autoridade sobre todos para executar vingança contra todos que matariam a descendência de Abraão.

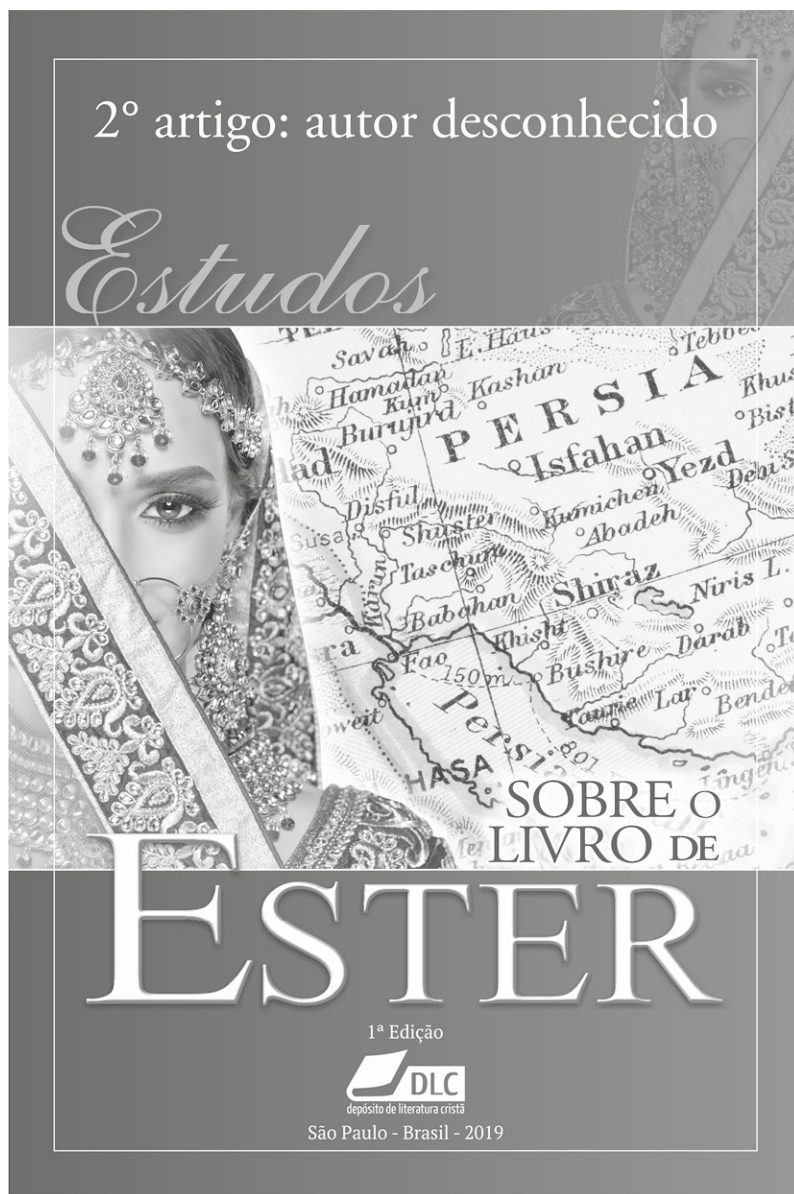
CONCLUSÃO

O Senhor nos conceda que tenhamos prazer nos caminhos de Deus! Que possamos ler Sua Palavra e aproveitá-la em toda sabedoria e entendimento espiritual. Não tiraremos o menor proveito do livro pelo fato de o entendermos. Aplicá-lo a nós, é apenas enganar a nós mesmos. Vemos o lugar do povo de Deus nos tempos antigos quando o povo gentio será humilhado por causa da sua desobediência e quando o povo judeu será trazido em toda formosura que Deus lhe puder conceder para o seu lugar adequado diante da terra. Essas são as perspectivas que o livro nos dá. Não só isso, mas a parte bela que, acredito eu, você verá completamente preservada do início ao fim, é que tudo isso foi dado durante o dia da nebulosidade, das trevas, da dispersão e do não reconhecimento dos judeus. O nome de Deus está inteiramente ausente da história. Trata-se do poder secreto de Deus, agindo em circunstâncias que podem parecer desfavoráveis. Mas que conforto para nós! Nós também lidamos com a mesma providência de Deus, ainda que não visando o mesmo fim, porque o objetivo de Deus não é nos conceder vingança contra os nossos inimigos, não é nos exaltar com grandeza terrena. Porém lidamos com o mesmo Deus — e só com Ele — graças sejam dadas a Ele! Ele não nos rejeita. Ele nos traz para um relacionamento que jamais poderá ser perdido, um relacionamento que depende de Cristo e é selado pelo Espírito Santo. Consequentemente, Ele nunca rejeita que o chamemos por “nosso Deus e Pai”; tampouco Ele se recusa a nos possuir como filhos do Seu amor.

Assim, vê-se que o livro não se aplica minimamente a nós naquilo que Ester representa; mas certamente estamos justificados em obter todo o conforto da poderosa mão de Deus. Onde os homens apenas veem circunstâncias acontecendo à nossa volta, sabemos que “todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8:28). Podemos não enxergar o caminho, mas conhecemos a Deus, vemos a Deus, podemos nos aproximar desse Deus que controla tudo em nosso favor.

Em resumo, portanto, a providência de Deus é uma verdade universal, até que venha o dia quando as obras de Deus serão

públicas e manifestas e o Seu povo será chamado pelo Seu nome. Nesse ínterim, tudo isso tem o seu valor para Israel. Sabemos que agora eles estão dispersos — que agora estão em uma condição totalmente anômala —, mas virá o dia em que Deus rejeitará os gentios e enxertará Israel mais uma vez — e os nossos corações podem se alegrar também com isso. Não será nenhuma perda para nós, porque estaremos com o Senhor Jesus na glória, e somente depois disso acontecer, Deus julgará os gentios e chamará os judeus de volta.



INTRODUÇÃO

Este livro faz parte das Escrituras divinamente inspiradas, nas quais ocupa um lugar muito particular. Ele nos apresenta, com relação a Israel, o povo terrenal de Deus, uma notável demonstração dos caminhos de Deus, que a Bíblia na sua perfeita unidade expõe como um todo. Visto sob essa ótica, o nosso livro é de grande interesse. Lá, encontramos ensinamentos preciosos e, como em todos os livros do Antigo Testamento, vemos sombras daquilo que aponta para Cristo e Seu povo terreno no futuro.

Após o decreto de Ciro (Ed 1:1-4) permitir que os judeus, cativos na Babilônia, retornassem à sua terra e reconstruíssem o templo, vemos que eles se encontravam em duas posições distintas.

Um pequeno número se beneficiou pelo decreto e retornou à sua terra. Ali, eles não são formalmente reconhecidos por Deus porque “Lo Ami” (não sois meu povo) havia sido pronunciado sobre eles e o tempo de remover a sentença ainda não havia chegado (Os 1:9-11). Porém, trabalhando com fé e sob a ação do Espírito Santo (Ed 1:5; Ag 1:14), eles se portaram como judeus fiéis na terra. Vemo-los cumprindo as ordenanças da lei de Moisés, erguendo o altar e oferecendo sacrifícios, reconstruindo o templo e levantando os muros de Jerusalém.

É verdade que a glória do SENHOR (ou: do SENHOR) não veio ao templo desses filhos da dispersão, como havia enchido outrora o tabernáculo no deserto e também o templo de Salomão — não, a glória se foi (Ed 11:22-25); o trono do SENHOR não está mais em Jerusalém. Não há menção à arca que tampouco esteve nesse novo templo. “Porque”, disse o SENHOR por meio de Ageu aos cativos que retornaram, “*eu sou convosco... segundo a palavra da aliança que fiz convosco quando saístes do Egito, o meu Espírito permanece no meio de vós; não temais.*” (Ag 2:4-5). Pela fé, Deus estava lá e aquela casa era o Seu templo. Consequentemente, os judeus se separaram das nações, liam as Escrituras e lhes obedeciam e seguiam os caminhos de Deus na medida em que os poderes dos gentios, sob cujo domínio estavam, lho permitiam. Nunca mais desde então, como nação, eles têm se rendido à idolatria. Eles clamam a Deus e Deus os protege nos perigos e os sustenta nas dificuldades. Eles têm governantes, libertadores e profetas.

Esse estado dos “filhos da dispersão” é o tema dos livros de Esdras, Neemias, Ageu e parte de Zacarias. Malaquias, o último dos profetas, testemunha a ruína que, infelizmente, sobreviria a esse estado no futuro. Mas — quão maravilhosa graça! — foi então que o Servo fiel de Deus, o Senhor Jesus Cristo, veio a este mundo que jazia nas trevas!

Portanto, esta é uma nova condição na qual eles são inseridos e provados. Como dissemos, o trono de Deus não está mais lá, a glória de Deus não está mais no templo e não há um “sacerdote com Urim e Tumim” para consultar os oráculos de Deus (Ne 7:65; Nm 27:21). Porém repetimos que, pela fé, essa é sempre a Casa de Deus; foi assim que o Senhor Jesus a reconheceu — embora fosse outro templo naquela época (Ag 2:3, comp. Jo 2:16).

Os judeus que retornaram à sua terra têm sido sempre escravos, dependentes das nações (Ne 9:36-38). Eles foram reunidos novamente na expectativa do Libertador, do Messias (Ag 2:7). Essa seria a última provação do homem. Eles O receberiam quando fizer ouvir seu apelo à graça depois de convocá-los ao arrependimento? Sabemos o resultado pelo relato dos evangelhos e Malaquias já mostra o declínio e o início da condição encontrada por Jesus quando habitou entre eles.

No entanto, muitos dos judeus — ou seja, os cativos da Babilônia — não tiraram proveito do decreto de Ciro. Eles continuaram não apenas na Babilônia, mas dispersos pelas províncias do vasto império persa (Et 2:5-6; 3:6,8). Não há como não ver nessa conduta uma falta de fé, de energia, de consideração pela Casa de Deus! Apesar disso, eles mantêm os costumes que os diferenciam das nações corruptas. Eles continuam separados mesmo estando no meio destes. Aqui, claro, não têm sacrifícios, nem dias de festa solene, nem a palavra do SENHOR por meio de profetas; tampouco podem cumprir as ordenanças da lei de Moisés inteiramente. Em certo sentido, eles estão em uma posição comparável aos judeus dos nossos dias; sem rei, nem príncipe ou sacrifícios, estatutos, éfode ou terafim (Os 3:4). Deus não os reconhece com povo dEle, mas seja qual for o estado deles — e é isso que mostra Suas bondade e fidelidade — Sua afeição se volta a eles: Ele estende

lhes graça; Ele os protege e livra, mas Suas ações se dão de forma oculta, e por isso Seu nome nunca é mencionado neste livro.

É isso que pretendemos traçar neste livro. Queremos conhecer os caminhos secretos da graça de Deus quanto ao Seu povo disperso entre as nações até que finalmente seja levado à glória do reino.

Vamos examinar alguns dos principais assuntos que encontramos neste livro extremamente interessante e instrutivo.

Na cena inicial, notamos o governo que Deus estabeleceu na terra, após seu trono ter sido removido de Jerusalém por causa da iniquidade de Israel e a liderança transferida para as nações gentias. O governo foi concedido ao rei Nabucodonosor, representando-o em seu aspecto majestoso inicial de uma sucessão de épocas mostrada em um sonho que Daniel recorda e interpreta (Dn 2). Esses são os “tempos dos gentios” dos quais o Senhor fala (Lc 21:24). Eles começaram no império babilônico liderado pelo seu poderoso governante: Nabucodonosor, a cabeça dourada daquela imagem vista no sonho dele. Seu senhorio era universal e absoluto. Ele o recebera do próprio Deus (Dn 2:37-38; Jr 27:6-8), conforme Daniel lhe disse.

No entanto, no livro de Ester, esse império babilônico já não está presente. Ele terminou na noite em que a Babilônia foi tomada por Dario, o Medo, quando Belsazar, neto de Nabucodonosor, foi morto (Jr 27:7; Dn 5:28-31). O império dos medos e persas o sucedeu, representado pelo peito e pelos braços de prata da imagem que Nabucodonosor viu no seu sonho — menos excelente agora, uma vez que a autoridade real era limitada e não mais absoluta (Dn 6:7-8), porém participante dos mesmos privilégios e dotado do mesmo espírito. Ciro, sucessor de Dario, e governante real do império persa, reconheceu que seu poder vinha do “SENHOR Deus dos céus” (Ed 1:2). Esse é o império que reinou sobre a terra nos dias de Ester, por meio do rei Assuero, que “reinou desde a Índia até a Etiópia, sobre cento e vinte e sete províncias” (Et 1:1).

Os impérios que se sucederam, constituindo a estátua do sonho, também são apresentados individualmente na profecia de acordo com o seu caráter moral, na figura de “bestas” ou animais selvagens (Dn 7 e 8). Essa descrição nos relata como seu caráter, sua forma de agir e sua responsabilidade se manifestariam. A besta não

conhece a Deus, não ergue seus olhos para o céu, mas os mantém fixos na terra; ela pertence à terra, segue seus instintos e serve apenas para satisfazer a inteligência mais ou menos desenvolvida que possui. Esses impérios, na pessoa de seus governantes, em vez de se relacionarem com Deus, a fonte de seu poder, e viverem na dependência dEle, glorificavam a si mesmos, como se tudo se devesse a mérito próprio. Nabucodonosor ouviu as seguintes palavras da boca de Daniel: “Tu, ó rei, és rei de reis; a quem o Deus do céu tem dado o reino, o poder, a força, e a glória” (Dn 2:37).

Mais tarde, ele se esqueceu delas e ousou dizer: “Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, *com a força do meu poder, e para glória da minha magnificência?*” (Dn 4:30).

Não há nada para Deus ali; trata-se de uma exaltação do *homem* a si mesmo. Quando Nabucodonosor desvia seus olhos de Deus para olhar para si mesmo, e em seguida baixa seu olhar para a terra, ele se torna semelhante a um animal (ver Sl 49:20), sem conhecimento, entregue aos instintos e não guiado pela sabedoria do alto. Somente ao erguer os olhos para Deus é que ele pode fazer a admirável confissão: “*E tornou-me a vir o entendimento, e eu bendisse o Altíssimo*” (Dn 4:34-36). Nos últimos tempos, isso sucederá entre as nações; elas reconhecerão e bendirão o Senhor (ver Sl 138:4-5).

Não iremos nos deter agora para considerar em detalhes a imagem pela qual o poder babilônico é representado. É possível ver a majestade, o poder, a energia e a rapidez de execução. O animal que representa o império persa é “semelhante a um urso, o qual se levantou de um lado, tendo na boca três costelas entre os seus dentes; e foi-lhe dito assim: Levanta-te, devora muita carne” (Dn 7:5). Essa descrição expressa, de maneira contundente, o caráter do segundo reino. Ele combina avareza e ganância com a voracidade e crueldade do predador. De fato, o poder dos persas foi nutrido pela exploração dos conquistados, sobre quem eles impunham seu jugo intolerável, a fim de satisfazer os gostos e desejos desenfreados do luxo e dos prazeres do rei, dos sátrapas e dos nobres.

O capítulo 8 de Daniel apresenta o poder dos persas na figura do carneiro que “dava marradas para o ocidente, e para o norte e para

o sul; e nenhum dos animais lhe podia resistir; nem havia que pudesse livrar-se da sua mão; e ele fazia conforme a sua vontade, e se engrandecia” (Dn 8:3-4). As direções nas quais suas conquistas foram bem-sucedidas, a irresistível força dos seus exércitos desde o início (2 Cr 36:23; Is 45:1-3), a extensão de território que governavam e que lhes rendeu o nome de “grande rei” (*padishah*) são admiravelmente descritas no breve relato da visão de Daniel.

No entanto, o império persa, como já observamos, de acordo com a palavra do profeta, era “inferior” à cabeça de ouro. Sua posição, inclusive o metal ao qual ele foi comparado naquela visão, indicava o grande monarca dos caldeus. *Abaixo* da cabeça de ouro estavam o peito e os braços de prata. Esse era o império persa; ele não era inferior ao império babilônico em termos de extensão, mas a autoridade dos seus reis era limitada, no sentido de que eles mesmos estavam sujeitos às leis que haviam promulgado. Havia um limite ao uso da sua vontade. Em vez de serem absolutos, como Nabucodonosor, que não aceitava nenhum conselho além do seu próprio, e cuja vontade era a única lei, com os medos e os persas, a autoridade real era regulamentada por um conselho de sete presidentes do reino, e uma vez que um edito era assinado, o próprio rei não podia alterá-lo; ele era irrevogável (Et 1:19; Dn 6:7-8,12,15).

Outros traços também caracterizavam o poder dos gentios que predominava nos tempos de Ester. Embora, por um lado, a sua autoridade era limitada, por outro, os reis persas exigiam ser tratados como um deus. Nabucodonosor, imediatamente após a visão que lhe desvendou o curso dos impérios, embora tivesse reconhecido o Deus de Daniel como o “Deus dos deuses, e o Senhor dos reis”, usa a autoridade dada por Deus que possui para conferir à idolatria um esplendor sem igual, propondo-se a unificar todas as pessoas sujeitas a ele. A morte é a sentença pronunciada contra qualquer pessoa que não obedecesse à vontade do poderoso monarca e se recusasse a se prostrar diante da estátua de ouro representativa dele mesmo (Dn 3). Do mesmo modo, no porvir, a besta e sua imagem deverão ser adoradas, sob pena de morte, pelos habitantes da terra (Ap 13).

Com os reis da Pérsia, predominava uma pretensão muito maior. Eles assumiam o lugar da divindade. A primeira sedução que Satanás ofereceu ao homem foi: “Sereis como Deus” (Gn 3:5). O ser humano não se esqueceu disso. Essa sugestão ainda surte efeito dentro dele. Ele persegue esse objetivo com todo seu poder, enquanto sua mente multiplica descobertas e ciências e ele subjuga as forças da natureza. Chegará o momento em que, sob a ação de Satanás, “se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição, o qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus” (2 Ts 2:3-4). Os santos desta era presente já estarão com o SENHOR — mas que futuro terrível aguarda este mundo!

A pretensão sobre a qual falamos era evidente nos reis da Pérsia de diferentes formas. Ninguém podia se apresentar a eles sem ser chamado, e quando a lei era infringida, significava morte para o transgressor, exceto se o rei demonstrasse misericórdia (Et 4:11). Ninguém podia aparecer triste diante dele. A presença de alguém deveria ser fonte de alegria (Ne 2:1-2). Todo decreto proferido por sua boca era irrevogável. Além disso, vemos Dario, instigado pelos seus conselheiros, recusando-se a permitir que qualquer pessoa pedisse algo a qualquer deus ou pessoa exceto ele mesmo, sob pena de ser jogado na cova dos leões (Dn 6:7-8). Novamente, vemos como uma palavra desses monarcas, proferida contra qualquer pessoa, podia bem ser uma sentença de morte (Et 7:8-10).

Tanto a idolatria que Nabucodonosor pretendia estabelecer e impor a todos quanto a pretensão de ser considerado um deus, que caracterizava os reis persas, eram efeitos da influência do inimigo de Deus. O inimigo estava trabalhando contra o povo de Deus, como se vê em Daniel e como veremos no livro de Ester.

Lembremos que o poder real é instituído por Deus e, portanto, representa o poder de Deus sobre a terra. Consequentemente, referindo-se também aos juízes, Deus diz: “Eu disse: Vós sois deuses” (Sl 82:1,6). O soberano tem autoridade sobre a vida e a morte. Paulo nos diz, exortando a “toda a alma” que se sujeite à autoridade que provém de Deus, que o magistrado “não traz em vão

a espada” (Rm 13:1-5). A mão do regente estende um cetro de ouro, um símbolo do poder para reinar, e um sinal de autoridade e majestade. No entanto, o cetro estendido e tocado por uma pessoa é para esta um sinal de graça e misericórdia, símbolo de que ela é aceita pelo favor real e que, em vez da morte, sua vida é poupada (Et 4:11; 8:4). Não poderíamos permanecer diante da majestade de Deus, mas Sua graça intervém, nos concede o Seu favor e vivemos! Sendo assim, o poder do soberano humilha e exalta quem Ele quiser, como veremos em Mardoqueu e Hamã. Na sua aplicação divina, isso é o que se diz do SENHOR: “O SENHOR abaixa e também exalta” (1 Sm 2:7). Além disso, o poder do rei da Pérsia lhe confere o direito ao tributo e à honra de todas as nações sujeitas a ele; ele possuía a glória e o poder. De todas essas perspectivas, o grande rei representa, em boa medida, a autoridade divina. No entanto, ele também é apenas um homem, e sua história nesse livro o mostra claramente.

Agora, vamos entrar em mais detalhes sobre o que o livro de Ester nos diz. A grandeza e extensão, a glória e as riquezas do império sobre o qual Assuero reinava nos são mostradas nos primeiros versículos: “o Assuero que reinou desde a Índia até a Etiópia, sobre cento e vinte e sete províncias”, cada qual sendo considerado um reino. Desejando exibir o poder da Pérsia e da Média aos seus príncipes e servos e aos nobres e príncipes de todas as províncias que convidara, ele lhes mostrou “as riquezas da glória de seu reino, e o esplendor da sua excelente grandeza”. Deu-lhes um banquete e uma festa durante cento e oitenta dias. Depois disso, o grande rei estendeu seu convite à população inteira de Susã, a capital, por mais sete dias de celebração.

Não vemos situações análogas nos nossos dias? O curso deste mundo não muda. O homem está utilizando os talentos dados por Deus, a força que ele concede, para o acúmulo de tesouros, exibindo orgulhosamente seu luxo e suas riquezas e convidando outros a desfrutarem livremente dos prazeres que essas riquezas oferecem, fazendo isso em total independência sem restrição (Et 1:8). Todos bebiam como lhes agradasse e se entregavam ao prazer e à alegria. É este o curso deste mundo hoje em dia, não é?

Tudo nessa festa de Assuero era por prazer, para a satisfação do desejo da carne, do desejo dos olhos e do orgulho da vida (1 Jo 2:16). Então, pergunto novamente: o mundo mudou? Vemos o esplendor das *Feiras Mundiais* onde as nações da terra concordam em exibir tudo que sua riqueza produziu. O homem se orgulha de tudo que a ciência, as artes e a indústria humana inventaram para embelezar esta vida, enfeitar os seus dias e aumentar as alegrias sobre a terra, mas se mantém distante de Deus. Talvez, essas festas sejam menos luxuosas do que as de Assuero, porém são mais frequentes — uma vã mostra de riquezas e da inteligência e genialidade humana. Isso não se parece com as festas de Assuero, mais de 4300 anos atrás, “no pátio do jardim do palácio real”? Ali, “as tapeçarias eram de pano branco, verde, e azul celeste, pendentes de cordões de linho fino e púrpura, e argolas de prata, e colunas de mármore; os leitos de ouro e de prata, sobre um pavimento de mármore vermelho, e azul, e branco, e preto” (Et 1:6). Essa era a cena suntuosa decorada onde a festa acontecia. Vinhos finos corriam em grandes volumes “em copos de ouro, e os copos eram diferentes uns dos outros”. Todos faziam como lhes agradava sem restrição, conforme as instruções do rei (vv. 7-8). Quanto esplendor, quantas riquezas, assim como o divertimento — um prazer mundano, de intoxicação e esquecimento — enchiam os corações. Que satisfação para a carne! Essa é a ostentação do mundo. Porém, “o mundo passa”, com suas festas e seu divertimento, suas vaidades e cobiças, “mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre” (1 Jo 2:17).

Isso não é tudo. Apesar de todo o esplendor que ele oferece, o mundo está em inimizade com Deus, e qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus (Tg 4:4). O mundo está julgado desde que demonstrou seu ódio no mais alto grau, ao crucificar o filho de Deus. Em breve, a sentença será executada contra o mundo e contra a falsa igreja, contra a Babilônia cujos luxos, riquezas, orgulho e queda são descritos no capítulo dezoito de Apocalipse. A voz do anjo será ouvida: “Caiu, caiu a grande Babilônia”. Ela perece com todos aqueles que se autoglorificaram com ela. E qual é a palavra dirigida aos fiéis? “Sai dela, povo meu”. Portanto, que participação o cristão poderá ter nas celebrações do

mundo, nas feiras, nas diversões etc.? Para ele, tudo está julgado, uma vez que Deus o julgou. “Não são do mundo”, disse Jesus, “como eu do mundo não sou” (Jo 17:16). Iremos nos associar ou prender àquilo que perecerá sob o julgamento de Deus? Considere as palavras do anjo: “Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados” (Ap 18:4).

O mundo se esquece do fim para o qual se precipita. Ele está entregue completamente às suas distrações e aos seus prazeres, porém, misturado a esse cálice intoxicante, há sempre algo pronto a causar problemas, uma amargura às vezes totalmente inesperada. Quão sábias são as palavras do sábio: “Até no riso o coração sente dor e o fim da alegria é tristeza” (Pv 14:13). No entanto, subitamente, aquilo que esperávamos que aumentasse o nosso prazer muitas vezes traz tristeza e estraga nossa diversão.

“A rainha Vasti deu um banquete às mulheres, na casa real” (Et 1:9). Nada parecia mais apropriado do que a rainha se unir ao espírito do que o marido estava fazendo e, na sua esfera, igualmente oferecer prazer. Porém, Vasti agiu de forma independente. Ela queria desfrutar pessoalmente da festa que havia preparado para as mulheres da casa real e se recusou a ser associada à festa do seu marido e adorná-la com sua presença. Assuero queria mostrar a beleza e dignidade da sua esposa ao povo e aos príncipes. Queria que eles vissem que ela, a mais próxima a ele, é digna dele e do cargo que ocupa. No entanto, ao ser solicitada a vir, Vasti se recusa a aparecer. “Mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos”, é uma ordem antiga, que já fora dada a Eva: “O teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará”. Mas assim como o homem que é o cabeça da mulher se rebela contra Cristo, seu SENHOR, assim também se observa no mundo que a mulher se exalta acima do seu cabeça. Hoje, em particular, o espírito de independência está ganhando força sobre aquelas cuja glória deve ser a submissão.

Assim, o banquete real e suas alegrias são perturbados. O rei e seus príncipes precisam chamar à ordem esse espírito de insubordinação que, partindo da rainha, se espalharia para todas as classes. Vasti perde sua coroa, que seria dada a alguém melhor do que ela. Por um decreto irrevogável, ela é reduzida à obscuridade e

esse decreto, publicado em todo o reino, estabelece a posição de autoridade do homem.

Embora o rei e seus conselheiros estivessem agindo de forma ignorante e dirigidos por motivações humanas, o assunto pertencia a Deus. A ordem que Ele havia dado desde o início precisa ser mantida. Rebelar-se contra Ele é um sinal dos últimos dias. No entanto, nos desígnios secretos de Deus, a queda de Vasti teria consequências graves, ainda que passassem despercebidas pelo mundo. Ainda que essa fosse a época dos gentios, Deus dá indícios de que não cessa de se importar com o Seu povo. Dentro dos planos de Deus para o mundo, tudo gira em torno dessa raça desprezada.

A queda de Vasti, rainha dos gentios, abre caminho para a rainha dos judeus a fim de libertar o povo de Deus. As circunstâncias que levam a esse fato podem parecer um tanto miseráveis. É o caráter arrogante de uma mulher insubmissa que dá ensejo a ele e a irritação de um rei cujas ordens foram ignoradas. No entanto, Deus usa esses sentimentos para promover aquilo que tem em mente. Ele governa todas as coisas e conduz até mesmo os pensamentos e ações daquele que não sabe que trabalha para cumprir os Seus desígnios. “Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus!” (Rm 11:33). Não o vemos nesse acontecimento, quando Vasti é substituída por Ester? Não é uma imagem daquilo que está sendo preparado e em breve há de acontecer? Sabemos que, durante o tempo em que a noiva judaica é posta de lado por causa de sua infidelidade, há uma noiva gentia, a Igreja, na terra.

Não estamos falando sobre a igreja como vaso de testemunho divino aqui na terra, o candelabro de ouro que deve dissipar a luz de Cristo. A igreja foi chamada para mostrar ao mundo a beleza e a glória com a qual o seu Cabeça divino a investiu: a coroa real que coroou a cabeça dEle. Ela o fez? Não, e sabemos, de acordo com a Palavra, que por esse motivo ela será rejeitada.

“Não te glories”, disse o apóstolo àqueles que pela graça foram feitos participantes da raiz e da seiva da oliveira (Israel), “mas teme que não te poupe a ti também. Considera, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas para

contigo, benignidade, se permaneceres na sua benignidade; de outra maneira também tu serás cortado” (Rm 11:17-22). A igreja não prosseguiu; não mostrou a beleza dEle ao mundo. Ela se livrou do jugo da obediência ao seu SENHOR; é altiva e quis desfrutar de prazeres; ela se exalta como se nada faltasse e será vomitada da boca de Cristo (Ap 3:16-17).

Porém, de acordo com os caminhos de misericórdia de Deus para com Israel, Seu povo terreno, a esposa judaica que foi posta de lado por um tempo será restaurada e substituirá a esposa gentia aqui na terra. Os ramos rejeitados serão enxertados novamente (Rm 11:23; Os 2:14-17). Então, se cumprirá o que Isaías descreve em termos radiantes:

“Amplia o lugar da tua tenda, e estendam-se as cortinas das tuas habitações; não o impeças; alonga as tuas cordas, e fixa bem as tuas estacas. Porque transbordarás para a direita e para a esquerda; e a tua descendência possuirá os gentios e fará que sejam habitadas as cidades assoladas. Não temas, porque não serás envergonhada; e não te envergonhes, porque não serás humilhada; antes te esquecerás da vergonha da tua mocidade, e não te lembrarás mais do opróbrio da tua viuvez. Porque o teu Criador é o teu marido; o SENHOR dos Exércitos é o seu nome; e o Santo de Israel é o teu Redentor; que é chamado o Deus de toda a terra. Porque o Senhor te chamou como a mulher desamparada e triste de espírito; como a mulher da mocidade, que fora desprezada, diz o teu Deus. Por um breve momento te deixei, mas com grandes misericórdias te recolherei; com um pouco de ira escondi a minha face de ti por um momento; mas com benignidade eterna me compadecerei de ti, diz o SENHOR, o teu Redentor.” (Is 54:2-8)

Esse será o tempo da glória de Israel, ainda que no presente eles estejam dispersos e expostos ao cerco de seus inimigos. Vemos isso sendo prefigurado nos eventos que o livro de Ester relata. Assim, somos conduzidos a um segundo assunto que se apresenta, os judeus.

O GOVERNO DOS GENTIOS

OS JUDEUS

Se os considerarmos como são agora, vemos um povo, anteriormente reconhecido por Deus como Seu povo e na terra que o SENHOR lhes dera, agora, porém, distante da sua terra, disperso e sujeito ao poder das nações, aparentemente abandonado por Deus. Digo “aparentemente”, porque sempre se vê a mão de Deus nos bastidores dirigindo todas as circunstâncias e permanecendo atento até à mais simples delas. É isso que confere ao livro de Ester seu grande significado e o faz ser de um enorme interesse.

Os judeus¹ são considerados, portanto, como um povo disperso por todas as nações do vasto império de Assuero. Apesar disso, mesmo em meio às nações, eles sempre se mantiveram judeus — um povo separado em seus modos, costumes, religião e rituais. Seu grande inimigo, Hamã, os julgou e apresentou corretamente em seu relatório. No entanto, acrescentou um traço perverso e falso à sua descrição. Hamã disse ao rei Assuero: “Existe espalhado e dividido entre os povos em todas as províncias do teu reino um povo, cujas leis são diferentes das leis de todos os povos, *e que não cumpre as leis do rei*; por isso não convém ao rei deixá-lo ficar. Se bem parecer ao rei, decrete-se que os matem” (Et 3:8-9).

Todo o relatório de Hamã sobre os judeus estava correto, exceto a acusação de insubordinação às leis do rei. Eles lhes obedeciam por dever de consciência (ver Dn 3:16-18; 6:4-16). As ordenanças e proibições do seu Deus estavam acima de qualquer ordem e interdição do homem, quem quer que fosse. “Mais importa obedecer a Deus do que aos homens” (At 5:29). Porém, a acusação de Hamã não era verdadeira. Neste ponto, observamos que geralmente os inimigos dos fiéis têm se valido dessa artimanha, para dirigir a eles o rigor das autoridades e o ódio das pessoas.

Os judeus acusaram Jesus perante Pilatos dizendo: “Havemos achado este pervertendo a nação, proibindo dar o tributo a César... alvoroça o povo” (Lc 23:2-5). Mais tarde, os senhores da jovem possuída com espírito de adivinhação, frustrados na sua esperança de obterem grande lucro, levaram Paulo e Silas diante dos magistrados. “Estes homens”, eles disseram, “sendo judeus, perturbaram a nossa cidade, e nos expõem costumes que não nos é

lícito receber nem praticar, visto que somos romanos” (At 16:19-21). Do mesmo modo, essa acusação é dirigida a Paulo por Tértulo (At 24:5). Há, ainda, os mártires do primeiro século, que se recusaram a oferecer sacrifícios às imagens dos imperadores. Eles eram considerados maus cidadãos. Em alguma medida, estamos vendo o mesmo acontecer nos nossos dias, não é? Seguir pelo caminho da separação daquilo que é do mundo, por dever de consciência, sempre atiza o inimigo e gera a repreensão do mundo ao crente. Se um cristão não vota, não participa das feiras, dos festivais patrióticos e das reuniões públicas, ele é chamado de mau cidadão, publicamente ou não. Mas se decidirmos estar sujeitos às autoridades, pagar impostos, dar honra a quem é devida (Rm 13:1-7), precisamos também manter nossa separação do mundo, manifestando que não somos do mundo e que a nossa cidadania está no céu (Jo 15:19; 17:16; Fp 3:20).

Outra característica dos judeus no livro de Ester é que, em determinado momento, após se tornarem o alvo escolhido de agressão, sendo por isso expostos à vergonha e contenda, a tribulação suscitada pelo adversário lhes sobrevém: “Se bem parecer ao rei, decrete-se que os matem”. É um momento de angústia sem par, no qual tudo e todos se voltam contra eles. Eles estão destinados a serem destruídos e aparentemente nada pode livrá-los. O decreto que exige a sua morte foi promulgado em nome do rei, selado com o seu anel e enviado a todas as províncias com ordens aos governadores para que o executassem. Não era possível revogá-lo, conforme a lei dos medos e dos persas (Dn 6:12-15). Ele afetava todos os judeus pessoalmente, além de envolver seus pertences. Ninguém deveria escapar. “Todos os judeus, desde o jovem até ao velho, crianças e mulheres, em um mesmo dia, a treze do duodécimo mês (que é o mês de Adar)” (Et 3:12-13) deveriam ser destruídos.

Essa ordem relembra o decreto do Faraó em outra época, mas o excede em crueldade singular. Será que não vemos aqui uma imagem da tribulação dos últimos dias, da qual o SENHOR fala nos seguintes termos: “Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver. E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne

se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias” (Mt 24:21-22)? Haverá também um tempo de angústia inimaginável durante todo o Império Romano, restaurado pelo poder satânico, quando todos que se recusarem a adorar a imagem da besta serão mortos (Ap 13:15).

Em todo lugar, no tempo de Ester, eram encontrados inimigos dos judeus nos domínios de Assuero prontos a darem vazão ao ódio e executarem aquele decreto cruel, impelidos ainda mais pela perspectiva do saqueio. O Adversário, inimigo do povo de Deus, encontra e sempre encontrará ajudantes dispostos. Ao mesmo tempo, porém, o efeito que o decreto produziu nos povos das nações é impressionante. Eles sentiram o golpe que atingiria os judeus que viviam entre eles há muito tempo. “A lei se proclamou na fortaleza de Susã... porém a cidade de Susã estava confusa” (Et 3:15). O mal que ameaçava os judeus despertou sua compaixão; era uma calamidade pública, visto que, sem dúvida, os judeus contribuíam para o bem-estar de todos e talvez alguns dos gentios tivessem recebido conhecimento sobre Deus por meio deles. Mais de um exemplo na Escritura mostra a influência que os judeus da dispersão tinham para o bem ou para o desprezo. Alguns eram levados a se perguntarem os motivos da separação deles e, assim, eram levados a lerem as Escrituras.

Ah, que a nossa separação pudesse ser mais real, para que, embora incompreendidos pelo mundo, fôssemos como luzes e que, entre os do mundo, houvesse aqueles que desejassem saber o segredo dessa vida separada do mundo e também fossem levados a Cristo! Sabemos também, considerando o que ocorrerá no dia do julgamento dos vivos (Mt 25:31), que no porvir, quando os irmãos do Rei, os mensageiros do “evangelho do reino” forem perseguidos, alguns dentre as nações os receberão e não perderão sua recompensa.

Não é impressionante ver também que em meio ao abalo da cidade de Susã, “o rei e Hamã se assentaram a beber”? A angústia de um povo inteiro prestes a morrer e o efeito que isso teve sobre a população da cidade não os afetou. Eles se assentaram para beber e festejar. Hamã, o adversário, vislumbra o desaparecimento dos objetos de seu ódio; isso o alegra. Não é isso que vemos também

em outras ocasiões nas Escrituras? Isso ocorre especialmente quando o mundo consegue se livrar da luz que tanto o expôs: Cristo, a luz do mundo. “Os homens amaram mais as trevas do que a luz” (Jo 3:19). O mundo se alegrou, mas os santos lamentaram (Jo 16:20).

Além disso, após sermos reunidos em volta do Salvador, Deus levantará, em meio a um povo apóstata e um mundo inimigo, testemunhas fiéis que profetizarão. A besta que sobe do abismo os mata, “e os que habitam na terra se regozijarão sobre eles, e se alegrarão, e mandarão presentes uns aos outros” (Ap 11:3-10).

Tal é o terrível ódio no coração do homem contra a verdade e contra todo testemunho da verdade. Ele se deixa levar pelo Pai da mentira, o Adversário de Deus, o inimigo de Cristo, que só busca uma coisa — evitar que os propósitos de Deus se cumpram, impedindo-os de todas as formas possíveis. Na verdade, em toda a história de Israel e antes mesmo de isso começar, vemos o esforço de Satanás em atingir seu objetivo de anular os planos de Deus, se pudesse. Ele sempre tem instrumentos prontos para esse fim. Ele se lembra da palavra proferida contra si no Éden, que a semente da mulher lhe “ferirá a cabeça”, e ele gostaria de anular aquela sentença. No tempo do dilúvio, quem havia afundado toda a raça humana em corrupção e violência? Era Satanás, esperando que se a raça inteira desaparecesse sob o julgamento de Deus, a semente da mulher não apareceria para ferir o seu poder. Deus venceu a astúcia dele, preservando Noé, “justo nesta geração” e que “achou graça aos olhos do SENHOR” (Gn 6:7-9).

Mais tarde, quando Deus já havia escolhido um povo em Abraão, que seria seu patriarca e garantia da promessa, “em tua descendência serão benditas todas as nações da terra” (Gn 22:18), esse povo desceu para o Egito, onde se multiplicou muito. Como Satanás tentou anular a promessa vinculada à existência de Israel? Faraó, temendo o crescimento abundante desse povo e os perigos que poderiam resultar disso para o Egito, deu ordens para que se destruísse todos os filhos homens de Israel. Se ele fosse bem-sucedido, qual teria sido a consequência? A exterminação gradual do povo eleito. O que teria acontecido com a promessa? Ela teria sido anulada. Aparentemente, Faraó agiu por motivações políticas.

A sabedoria humana o motivou, mas quem, de fato, o inspirou, quem o incitou a medidas tão cruéis? Foi Satanás, o Adversário de Deus.

Ao final da travessia do deserto, Balaque, por meio de Balaão, tentou destruir Israel. Ele não tinha permissão para fazê-lo, uma vez que o SENHOR, vendo Seu povo de acordo com os Seus desígnios, não viu iniquidade em Jacó (Nm 23:21). Então, por meio do conselho de Balaão, ele fez os israelitas pecarem. Por quê? Para que, privados de Deus, e sob a maldição que Balaão não conseguiu proferir, mas que a sua infidelidade merecia, eles não pudessem vencer seus inimigos e entrar em Canaã, a terra prometida. No entanto, por detrás de Balaque e Balaão, vemos a mão de Satanás, de quem o miserável profeta foi o instrumento responsável.

As promessas são asseguradas a Davi e à sua descendência. Após a morte de seu filho Acazias, Atalia, a rainha ímpia filha de Acabe, usurpou o trono real de Judá, para que nada impedisse suas ambições de destruir toda a família de Davi (2 Rs 11:1-3). Apenas Joás escapou. Quem levou Atalia a essa revolução sanguinária? Da perspectiva humana, era a ambição dela, mas no fundo, era Satanás que queria destruir a linhagem da qual o Messias deveria vir de acordo com a promessa. Na história de Ester, isso é instigado por um sentimento de orgulho ferido e um desejo de vingança pessoal que fez Hamã tentar se livrar de Mardoqueu, mas somos informados de que ele “teve como pouco, nos seus propósitos, o pôr as mãos só em Mardoqueu (porque lhe haviam declarado de que povo era Mardoqueu); Hamã, pois, procurou destruir a todos os judeus, o povo de Mardoqueu, que havia em todo o reino de Assuero” (Et 3:16). Esse é o orgulho ferido que exigia uma vingança igual à autoapreciação de Hamã.

No entanto, Satanás, que o motivou, visava a destruir todo o povo do qual o Redentor viria. Observe que, na verdade, o decreto também abrangia todos os judeus que haviam reconstruído o templo ao voltarem para a sua terra, entre eles, Zorobabel, seu governador e ancestral de Cristo. Novamente, Satanás planejava destruir os propósitos de Deus, por isso despertou as paixões do coração de Hamã. Que terrível! O homem sem Deus é a marionete da sua cobiça e, portanto, escravo e instrumento de Satanás.

Posteriormente, “vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher” (Gl 4:4), e Satanás fez uma nova tentativa. Herodes, temendo perder o trono, ordenou que as crianças de Belém fossem destruídas, pensando que incluiria o “Rei dos Judeus” que os magos estavam buscando. Quem moveu Herodes a fazer essa tentativa por amor ao poder? Satanás — vemos isso claramente em Apocalipse 12:1-6. A mulher (Israel vista nos propósitos de Deus) dá à luz um filho, Cristo, que governaria as nações com vara de ferro (ver salmo 2). No entanto, o dragão, a velha serpente que é o diabo e Satanás, “parou diante da mulher que havia de dar à luz, para que, dando ela à luz, lhe tragasse o filho”. O dragão queria fazer Cristo morrer logo após Seu nascimento pela mão de Herodes; ele não conseguiu, pois Deus estava cuidando do Seu Filho. Em seguida, ele levantou os sacerdotes e anciãos, atizando seu ódio a Cristo, e eles, por meio do poder romano, a quarta besta, cujos traços o dragão carrega — sete cabeças e dez chifres (comp. Dn 7; Ap 13 e 17) —, pregaram Cristo numa cruz. Isso levou à quebra do poder de Satanás. É a sua última tentativa malfadada de anular a promessa. A semente da mulher foi ferida no calcanhar, mas a cabeça da serpente foi ferida pelo mesmo golpe. Cristo passou pela morte para que “pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo” (Hb 2:14).

Quem pode anular os propósitos de Deus? Satanás aparentemente pode triunfar por um tempo, mas seus esforços sempre têm se mostrado vãos. Hoje, ainda que derrotado, ele ainda procura atacar os santos, obstruir seu progresso. Ele procura enganar e seduzi-los pelos seus instrumentos, muitas vezes inconscientemente, a falsas doutrinas, por ensinamentos humanos. Se ele não puder atacar a Cristo diretamente agora, ele tenta fazer com que o nome dEle seja desonrado pelos Seus, afastando-os de Cristo pela cobiça do seu próprio coração. A guerra não acabou. Após perseguições violentas, ele se utiliza do engano para atrair o cristão a se juntar ao mundo. No entanto, o cristão deve lutar o bom combate, vestir toda a armadura de Deus, sendo lembrado da preciosa Palavra de Paulo: “E o Deus de paz esmagará em breve

Satanás debaixo dos vossos pés” (Rm 16:20). Logo a guerra acabará por intervenção de Deus e teremos descanso.

Não obstante, ainda haverá outro surto de iniquidade sobre a terra. Isso ocorrerá no tempo da angústia de Israel, os tempos de triste tentação que acometerão todo o mundo para provar aqueles que vivem na terra (Ap 3:10). Nesses momentos finais, a besta, pelo poder satânico, subirá do abismo para governar as nações; o falso profeta com dois chifres como de um cordeiro, mas que fala como um dragão, seduzirá as pessoas. Os santos sofrerão perseguição; o grande Adversário, o dragão, lançará de sua boca água como um rio para arrebatá-la mulher, isto é, os fiéis de Israel, porém Cristo triunfará. A derrota final de Satanás é certa. O divino, o Cordeiro, acompanhado pelos seus seguidores, os chamados, eleitos e fiéis, vencerão os reis da terra, a besta e o falso profeta que os dirigirá contra Ele. Depois disso, Satanás ficará preso por mil anos. Após seduzir as nações mais uma vez e incitá-las contra Deus e os santos, ele será lançado para sempre no lago de fogo e enxofre (ver Ap 12, 13, 17, 19, 20). Esses são os caminhos maravilhosos de Deus com os Seus, o triunfo final de Cristo sobre Seus inimigos.

Retornemos ao livro de Ester. E quanto aos judeus na sua angústia? Eles ficam absolutamente impotentes diante das ordens do rei e da ira dos seus inimigos. Sua dificuldade é indescritível; sua angústia é extrema. “E em todas as províncias aonde a palavra do rei e a sua lei chegava, havia entre os judeus grande luto, com jejum, e choro, e lamentação; e muitos estavam deitados em saco e em cinza” (Et 4:3). Mas quem veio em seu auxílio? Os mais poderosos da nação, o rei e seu favoritos, foram os que decidiram o sofrimento deles e se sentaram para beber, sem se importarem com todo o sangue que seria derramado, as lágrimas que fluiriam, as agonias daqueles tão injustamente condenados. O que se compara ao coração impassivo do homem? A Escritura bem diz: “com as suas línguas tratam enganosamente”. Isso certamente se aplica a Hamã. “Seus pés são ligeiros para derramar sangue. Em seus caminhos há destruição e miséria” (Rm 3:13-16).

No entanto, ainda que o coração do homem seja duro e impassivo, “estando cheios de toda a iniquidade... sem misericórdia” (Rm 1:29,31), o coração de Deus não é assim. Alguém

viu o lamento e as lágrimas e ouviu o pranto. É Ele, da sarça ardente que não era consumida, dizendo a Moisés: “*Tenho visto atentamente* a aflição do meu povo, que está no Egito, e *tenho ouvido* o seu clamor por causa dos seus exatores, porque *conheci* as suas dores. Portanto desci para livrá-lo da mão dos egípcios” (Ex 3:7,8). Esse mesmo Deus, poderoso e compassivo, também estava pronto a entrar em ação a favor de seu pobre povo judeu, espalhado pelo império de Assuero e prestes a ser exterminado.

Assim também será futuramente. Os judeus fiéis e perseguidos clamarão: “Somos feitos opróbrio para nossos vizinhos, escárnio e zombaria para os que estão à roda de nós. Até quando, SENHOR? Acaso te indignarás para sempre?... Ajuda-nos, ó Deus da nossa salvação, pela glória do teu nome; e livra-nos, e perdoa os nossos pecados por amor do teu nome” (Sl 79:4-9). E novamente: “Fizeste ver ao teu povo coisas árduas; fizeste-nos beber o vinho do atordoamento... salva-nos com a tua destra, e ouve-nos... dá-nos auxílio na angústia, porque vão é o socorro do homem” (Sl 60:3,5,11). Essas poderiam muito bem ser as súplicas dos pobres judeus prontos a morrerem. E Deus atendeu às suas orações, como ouvirá nos últimos dias aquelas do remanescente oprimido. Assim como nos tempos de Ester, assim também no futuro aqueles que tiverem confiado no SENHOR dirão: “Em Deus faremos proezas; porque ele é que pisará os nossos inimigos” (Sl 60:12).

Sim, após a sua angústia, aflição e morte iminente, veio a redenção para os judeus. Eles não deveriam perecer. Deus interveio e, embora tudo se desse por meio de circunstâncias diversas e não como anteriormente no Egito, de forma contundente, com mão forte e braço estendido. Ainda que Ele permaneça oculto e nem mesmo Seu nome seja mencionado, é impossível não ver a Sua mão e o Seu conselho direcionando tudo para salvar os dispersos da morte. A redenção deles é simples e completa, realizada por ordem do mesmo poder que inicialmente os havia condenado à morte. Eles recebem ordens para se defenderem e se vingarem de seus inimigos. Veremos agora a mudança efetuada na disposição de Assuero em relação aos judeus. Por ora, vamos apenas observar o novo decreto do rei (visto que o anterior não poderia ser revogado), que “concedia aos judeus, que havia em cada cidade, que se

reunissem, e se dispusessem para defenderem as suas vidas, e para destruírem, matarem e aniquilarem todas as forças do povo e da província que viessem contra eles, crianças e mulheres, e que se saqueassem os seus bens... no dia treze do duodécimo mês” (Et 8:11).

Em virtude desse decreto, os judeus em todos os lugares se prepararam e no dia determinado, em vez de seus inimigos terem domínio sobre eles e os destruírem, são eles que ferem seus adversários. “E ninguém podia resistir-lhes, porque o medo deles caíra sobre todos aqueles povos. E todos os líderes das províncias, e os sátrapas, e os governadores, e os que faziam a obra do rei, auxiliavam os judeus” (Et 9:2-3). Os judeus, defendendo-se, mataram muitos de seus inimigos, entre eles os dez filhos de Hamã, seu adversário cruel, mas não tocaram nos bens.

Sendo assim, para os judeus, o decreto real se tornou “luz, e alegria, e gozo, e honra”, em vez de lamento e tristeza. Em cada província, em cada cidade, aonde quer que o decreto real tivesse chegado, havia felicidade para os judeus, um dia de festa e alegria. “E a cidade de Susã exultou e se alegrou... E muitos, dos povos da terra, se fizeram judeus” (Et 8:15-17), sem dúvida concluindo que eles eram objetos do favor divino e, portanto, desejando participar disso.

Todos esses eventos prefiguraram aquilo que acontecerá, talvez em um tempo não muito distante, antes do que pensamos, porque “o tempo está próximo” (Ap 1:3). Após a última grande tribulação que sobrevirá Israel, haverá redenção. Jeremias nos deixou a seguinte palavra:

“E estas são as palavras que disse o SENHOR, acerca de Israel e de Judá... Ouvimos uma voz de tremor, de temor mas não de paz... Por que, pois, vejo... que se tornaram pálidos todos os rostos? Ah! Porque aquele dia é tão grande, que não houve outro semelhante; e *é tempo de angústia para Jacó; ele, porém, será salvo dela*. Porque será naquele dia, diz o SENHOR dos Exércitos, que eu quebrarei o seu jugo de sobre o teu pescoço, e quebrarei os teus grilhões; e nunca mais se servirão dele os estrangeiros. Mas servirão ao SENHOR, seu Deus, como também a Davi, seu rei [Cristo], que lhes levantarei. Não temas, pois, tu, ó meu servo Jacó, diz o SENHOR,

nem te espantes, ó Israel; porque eis que te livrarei de terras de longe, e à tua descendência da terra do seu cativeiro; e Jacó voltará, e descansará, e ficará em sossego, e não haverá quem o atemorize. Porque eu sou contigo, diz o SENHOR, para te salvar; *porquanto darei fim a todas as nações entre as quais te espalhei*” (Jr 30:4-11).

Daniel também nos relata: “E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta a favor dos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro” (Dn 12:1). O próprio SENHOR se levantará contra os inimigos do Seu povo e eles serão destruídos. Israel levará vantagens sobre seus inimigos: “Antes voarão sobre os ombros dos filisteus ao ocidente; juntos despojarão aos do oriente; em Edom e Moabe porão as suas mãos, e os filhos de Amom lhes obedecerão” (Is 11:14). Essas são promessas maravilhosas que certamente serão cumpridas nesse povo agora disperso e oprimido. A restauração dos judeus é uma questão de certeza, “porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento” (Rm 11:29). O triunfo sob Assuero é apenas uma pequena sombra disso.

Algo mais acontecerá nos dias da redenção e bênção de Israel, prefigurado pela luz, alegria e honra que os judeus experimentaram na Pérsia. Para a nação salva de Israel, a luz da glória divina brilhará: “Levanta-te”, disse o profeta em Jerusalém, representando toda a nação, “resplandece, porque vem a tua luz, e a glória do SENHOR vai nascendo sobre ti... o SENHOR será a tua luz perpétua, e o teu Deus a tua glória. Nunca mais se porá o teu sol, nem a tua lua minguará; porque o SENHOR será a tua luz perpétua, e os dias do teu luto findarão” (Is 60:1,19,20). Haverá alegria abundante em Israel naquele tempo feliz da sua restauração: “Regozijar-me-ei muito no SENHOR”, eles dirão, “minha alma se alegrará no meu Deus; porque me vestiu de roupas de salvação” (Is 61:10). E novamente: “Em lugar de seres deixada, e odiada... far-te-ei uma excelência perpétua, um gozo de geração em geração” (Is 60:15). “Terão perpétua alegria” (Is 61:7). Observe também as palavras comoventes de Jeremias: “Porquanto com amor eterno te amei...

Ainda te edificarei, e serás edificada, ó virgem de Israel! Ainda serás adornada com os teus tamboris, e sairás nas danças dos que se alegram... Exultai por causa do chefe das nações” (Jr 31:3-7). Finalmente, em vez de ser objeto de vergonha, Israel será uma honra — muito maior do que nos dias de Assuero —, e chefe das nações. “Também virão a ti, inclinando-se, os filhos dos que te oprimiram; e prostrar-se-ão às plantas dos teus pés todos os que te desprezaram... os filhos dos estrangeiros edificarão os teus muros, e os seus reis te servirão... far-te-ei uma excelência perpétua” (Is 60:10,14-15). É isso que está reservado para Israel no porvir.

A bênção de Israel será uma ocasião de alegria para as nações. Tal como nos tempos de Ester “a cidade de Susã exultou e se alegrou” (Et 8:15) com a redenção dos judeus, e assim como “muitos, dos povos da terra, se fizeram judeus” (v. 17), assim voltará a ser ao final. Veja novamente o que o profeta diz a Israel: “E os gentios caminharão à tua luz, e os reis ao resplendor que te nasceu” (Is 60:3). A sua restauração será magnífica. “E acontecerá nos últimos dias que se firmará o monte da casa do SENHOR no cume dos montes, e se elevará por cima dos outeiros; e concorrerão a ele todas as nações. E irão muitos povos, e dirão: *Vinde, subamos ao monte do SENHOR, à casa do Deus de Jacó*, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos nas suas veredas” (Is 2:2-3). Do mesmo modo, Zacarias anuncia em nome do SENHOR dos Exércitos: “Naquele dia sucederá que pegarão dez homens, de todas as línguas das nações, pegarão, sim, na orla das vestes de um judeu, dizendo: Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco” (Zc 8:23).

Isso, de uma forma ainda mais maravilhosa, é o que o livro de Ester nos apresenta como uma sombra. Então, também ouviremos a voz: “Jubilai, ó nações, o seu povo” (Dt 32:43). Nessa época, se cumprirão as palavras: “E há de suceder, ó casa de Judá, e casa de Israel, que, assim como fostes uma maldição entre os gentios, assim vos salvarei, e sereis uma bênção” (Zc 8:13). Sim, a redenção de Israel, causada pelos julgamentos que destruíram os inimigos de Deus e Seu povo, tornou-se a alegria e bênção das nações. “E se a sua queda é a riqueza do mundo, e a sua diminuição a riqueza dos gentios, quanto mais a sua plenitude!” (Rm 11:12).

¹ Este é o nome dado aos descendentes de Israel desde o cativeiro babilônico — sejam aqueles que regressaram à sua terra ou aqueles da dispersão. Sem dúvida, ele se originou de Judá. Em sua maioria, os cativos na Babilônia pertenciam a essa tribo.

Entre os judeus, duas personagens se destacam no livro de Ester que estamos estudando. Duas pessoas dessa nação exercem um papel extraordinário. Uma é Mardoqueu, a outra Ester. Em certo sentido, eles representam o remanescente judeu dos últimos tempos. Contudo, em alguns momentos dessa história, vemos Mardoqueu como uma figura do SENHOR. Vamos examinar essas duas personagens.

Mardoqueu

Mardoqueu era da tribo de Benjamim — daqueles que foram levados com Jeconias¹, rei de Judá, por Nabucodonosor. Isso ocorreu no ano de 599 a.C. No entanto, Mardoqueu nasceu longe da Judeia, em uma terra estrangeira, visto que os acontecimentos no livro de Ester começam próximo do ano 483 a.C. e devem ser situados entre os capítulos 6 e 7 do livro de Esdras. Mardoqueu, assim como muitos outros, Neemias em particular, e, sem dúvida, Daniel, que encontramos na Pérsia no terceiro ano de Ciro², não se beneficiara do decreto promulgado no primeiro ano desse rei que permitiu aos judeus retornarem à terra dos seus pais. O motivo para isso não nos é dado, nem quanto a Mardoqueu, nem referente aos outros dois servos do Senhor. No entanto, tudo serviu para que se cumprissem os caminhos de Deus. A partir dessa perspectiva, a posição desses três homens em meio à nação é notável.

Mardoqueu “estava assentado à porta do rei”, o que indica que ele ocupava um cargo entre os servos do rei da Pérsia (Et 2:19 — comp. Et 3:2-3, Dn 2:49.) Neemias era o copeiro do rei e desfrutava do favor dele (Ne 2:1-8), e sabemos do grande reconhecimento concedido a Daniel na corte real da Babilônia e dos reis da Pérsia que os sucederam (Dn 2:48; 4:1-3). Portanto, esses pobres cativos judeus, embora muitas vezes fossem oprimidos, tinham um representante na corte dos reis que ocupavam o trono. Desse modo, Deus demonstrava que não havia esquecido do Seu povo que um dia seria chefe das nações. Muitos incidentes nos mostram que esses exilados, conhecendo o Deus vivo e verdadeiro e possuindo

Seus oráculos, exerciam influência ao seu redor, em grande medida preparando os acontecimentos do evangelho. (Veja a história dos “magos do Oriente”, Mateus 2, do eunuco etíope, Atos 8, e de Lídia, Atos 16 etc.).

Atualmente, a influência dos judeus entre as nações também é grande em virtude de suas riquezas e muitas vezes de seus talentos notáveis. Porém, essa influência se limita à esfera de interesses materiais e terrenos. Longe de serem honrados, eles mais frequentemente são expostos a críticas. Culpados por terem rejeitado e crucificado o Filho de Deus, eles continuam levando o fardo do crime. Eles estão sob a sentença terrível imposta por eles mesmos: o sangue do Justo “caia sobre nós e sobre nossos filhos” (Mt 27:25). Isso era diferente nos dias de Mardoqueu.

Embora fosse um dos oficiais do rei, Mardoqueu era um verdadeiro judeu, fiel ao seu Deus, fiel à sua confissão, tendo fé e confiança no Deus de Israel. O primeiro traço do seu caráter registrado para nós é sua carinhosa preocupação com a sua prima órfã, Hadassa ou Ester. O primeiro dos seus nomes, que significa “murta”, condiz bem com ela, cujo perfume de beleza e graça se espalha em torno dela e conquista os corações dos demais (cap. 2:7,9,15,17). Seu segundo nome, Ester, significa “estrela”, um nome que acompanha a alta posição para a qual ela estava destinada. “Morrendo seu pai e sua mãe, Mardoqueu a tomara por filha” (Et 2:7) e jamais seu cuidado por ela diminuiu. Ele se lembrou das instruções do SENHOR sobre os órfãos e Seu cuidado por eles (Ex 22:22; Dt 14:29; Os 14:3), e se portou de acordo com o pensamento de Deus nesse sentido. Esse pensamento permanece o mesmo, e o apóstolo instrui os cristãos a cuidarem daqueles na sua própria casa (1 Tm 5:8).

Quando Ester é levada ao palácio do rei por causa de sua beleza, Mardoqueu não deixa de se preocupar com ela. “E passeava Mardoqueu cada dia diante do pátio da casa das mulheres, para se informar de como Ester passava, e do que lhe sucederia” (Et 2:11). Quão solícito! Que bom ver uma afeição tão fiel. Mardoqueu sentiu um grande peso quando Ester, o objeto de sua afeição, sua filha adotiva, foi tirada dele para ser levada ao palácio do grande rei. Foi uma separação cruel para o seu coração, já que nem por um

momento podemos pensar que ele era alguém que exibiria Ester com o desejo de ambição pessoal. Foi a impressionante beleza da jovem que chamou a atenção dos oficiais reais (Et 2:3; comp. v. 8). Como Mardoqueu, um judeu fiel, poderia concordar com a aliança de uma filha de Israel com um gentio, por mais que fosse um rei? Ele sabia que era proibido pela lei (Dt 7:3). Porém, como Ester havia sido escolhida, ele não podia se opor ao decreto real. Os judeus estavam sujeitos às nações por causa de seus pecados, como Neemias reconheceu, não é? “Eis que hoje somos servos”, ele disse. “Os reis que puseste sobre nós, por causa dos nossos pecados; e conforme a sua vontade dominam sobre os nossos corpos e sobre o nosso gado” (Ne 9:36-37).

O fato de Ester ser levada e conduzida ao palácio do rei tornou Mardoqueu tristemente sensível ao estado de escravidão do seu povo e à causa desse estado e novamente gera nele a humilhação que, para todo fiel, é o sentimento que o leva a assumir responsabilidade pela ruína da qual participa. Ele se humilha debaixo da poderosa mão de Deus, que exalta novamente a seu tempo (1 Pe 5:6). Mardoqueu não poderia ter dito como os judeus orgulhosos dos tempos do Senhor: “Nunca servimos a ninguém” (Jo 8:33) ou como Laodiceia: “Rico sou... e de nada tenho falta” (Ap 3:17).

Por outro lado, Mardoqueu podia se lembrar de José, que, vendido como escravo pelos seus irmãos, foi levado ao Egito e depois conduzido pelo próprio Deus à corte do Faraó e, exaltado à mais alta dignidade, se tornou o salvador de seus irmãos (Gn 45:5). As Escrituras igualmente lhe falavam sobre Moisés, que foi resgatado das águas, elevado à corte de outro Faraó e mais tarde se tornou o libertador do seu povo. Por que não aconteceria o mesmo com Ester, que agora era esposa de Assuero? Deus o havia permitido; Ele tinha Seus desígnios e Mardoqueu podia confiar que o fato de sua filha adotiva ser elevada à dignidade de rainha da Pérsia resultaria em bênçãos para o povo de Deus. Nisso, ele novamente, de boa vontade, fez um sacrifício. Ele não queria obter qualquer vantagem pessoal da posição de Ester, uma vez que ele lhe ordenara que não revelasse seu parentesco nem seu povo (Et 2:10,20). Ele aguarda o momento que Deus determinou para revelar

o propósito pelo qual uma filha de Israel, do povo escravo, havia sido exaltada. Ele também se lembra da palavra: “Levanta o pobre do pó, e desde o monturo exalta o necessitado, para o fazer assentar entre os príncipes, para o fazer herdar o trono de glória” (1 Sm 2:8) — e espera por Deus e confia nEle. O remanescente fiel nos últimos dias, oprimido pelos seus inimigos, também aguarda o momento em que “guiar-me-ás com o teu conselho, e *depois me receberás na glória*” (Sl 73:24). Se tivermos confiança, a mão do poder de Deus também nos levará à habitação da sua glória, assim como Mardoqueu, não buscando nossos próprios interesses, mas os do Senhor e dos Seus.

Nesse ínterim, Mardoqueu se mostrou um servo fiel. Talvez ele fosse o primeiro a aplicar a exortação dada aos servos mais tarde: “Vós, servos, sujeitai-vos com todo o temor aos senhores, não somente aos bons e humanos, mas também aos maus” e “Honrai ao rei” (1 Pe 2:18-17). Dois oficiais de Assuero, dos “camareiros do rei”, portanto em contato pessoal com o rei e sua confiança, planejaram um atentado contra a vida dele. Mardoqueu descobre o plano. O que ele deve fazer? Ele pode ficar em silêncio? Não, ele fielmente revela o que poderia ferir a autoridade instituída. Isso precisa ser mencionado como uma honra devida a ele. Ocultá-lo, poderia tornar Mardoqueu cúmplice do crime. Mardoqueu usou seu relacionamento com Ester para lhe revelar que a vida do seu marido real estava em perigo, e Ester o relata a Assuero.

Agora, pessoas desrespeitosas veem o rei conseguir uma esposa e assim salvar a sua vida. Mas que sequência maravilhosa de acontecimentos, preparada pelo *próprio Deus* de modo que o rei Assuero devesse um favor aos pobres judeus e fosse induzido a lhes fazer bem! Observe que Mardoqueu não se ofereceu para buscar uma recompensa ou promoção do rei. Ele cumpriu com o seu dever e se retira da cena. Esse é o caráter de um verdadeiro servo, devoto ao seu mestre. No entanto, vemos outra questão que aflige o coração humano: o salvador é esquecido por aquele que recebeu o bem. Quanto ao plano, somos informados que: “Inquiriu-se o negócio, e se descobriu, e ambos foram pendurados numa forca; e *isso foi escrito no livro das crônicas perante o rei*” (Et 2:23). Porém o que o rei fez para Mardoqueu, que o salvou da morte?

Nada. Essa muitas vezes é a reação dos “grandes” (veja Gn 40:23). No entanto, não foi somente nas crônicas do rei que o ato de Mardoqueu foi inscrito, mas diante de Deus, e Deus o traz à memória em um momento oportuno. Mardoqueu foi fiel ao seu rei, mas também foi fiel a Deus, e colocou a honra e obediência devidas a Ele acima da honra e obediência ao rei.

Assuero, sem que saibamos a sua motivação para isso, concedeu o seu favor a Hamã, o agagita, e o elevou acima de todos os príncipes (Agague provavelmente era o título dos reis de Amaleque – veja Nm 24:7; 1 Sm 15:8). O rei ordenara que todos deveriam se curvar e reverenciá-lo. Se fosse um simples ato de respeito, Mardoqueu sem dúvida teria obedecido juntamente com os demais, porém isso passava dos limites do respeito. Seria um ato de adoração, por isso ele se recusou a obedecer à ordem do rei (Et 3:1-2). Porém, não se tratava de mera arrogância. Mardoqueu tinha motivações muito mais elevadas do que seus sentimentos pessoais. Princípios divinos orientavam a sua conduta, como devem igualmente sempre reger a nossa. Primeiramente, ele não podia tributar a um homem, a uma criatura, uma honra devida somente a Deus, o Criador (Mt 4:10). Em segundo lugar, Hamã era da descendência de Amaleque, da qual Deus dissera: “Haverá guerra do SENHOR contra Amaleque de geração em geração” (Ex 17:16). Hamã nasceu em inimizade com Deus e Seu povo. Como Mardoqueu poderia se prostrar diante dele? Ele arrisca sua vida, mas se apegava firmemente ao princípio verdadeiro e sempre o cumpre: “Mais importa obedecer a Deus do que aos homens”. É o mesmo caso dos três hebreus, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que se recusaram a se curvar diante da imagem dourada erguida por Nabucodonosor e de Daniel, que orou publicamente ao seu Deus, apesar da proibição feita por Dario, um dos antecessores de Assuero.

No entanto, não devemos obedecer às leis das autoridades regentes? Não foi isso que Paulo ordenou? Sim, porém trata-se de uma questão de consciência. Quando a regulamentação humana se opõe à vontade revelada de Deus, qual devemos seguir? Evidentemente, a resposta é clara e o truque de Satanás é sempre colocar essas duas coisas em oposição. Quantas vezes, por

considerações humanas ou temor ao homem, mesmo cristãos desculparam sua desobediência a Deus sob o pretexto de obediência às leis humanas. Não foi assim com Mardoqueu. Seu coração era simples e íntegro — acima de tudo, ele se submetia a Deus.

Não que isso não fosse uma luta para ele. “E todos os servos do rei, que estavam à porta do rei, se inclinavam e se prostravam perante Hamã; porque assim tinha ordenado o rei acerca dele” (Et 3:2). O exemplo contagia; por que não agir como o restante? No entanto, para Mardoqueu, isso significava nadar contra a maré e não “seguir a multidão para fazer o mal” (Ex 23:2). Que exortação propícia para os cristãos de hoje, tanto na esfera religiosa quanto em assuntos terrenos! Ouça o raciocínio: “Veja só, a maioria concorda com isso; vocês se acham mais sábios e esclarecidos do que o resto”. “Todo mundo faz; por que eu não deveria?” Esses são raciocínios da mente e o engano do diabo para perverter o caminho correto, que é e sempre será o caminho reto, mas é um caminho que a multidão não sabe aproveitar.

Havia muitos fatores contra Mardoqueu: não apenas o exemplo para desviá-lo, mas também os pedidos, o conselho, a reprovação daqueles à sua volta. Os servos do rei lhe disseram: “Por que transgredes o mandado do rei?” Talvez eles pouco se importassem com Hamã, que apenas estava se favorecendo, só que esse é o “comando do rei”. Infringir-lo é comprometer a sua posição e talvez até a própria vida. Eles não entendiam que havia Alguém maior do que o rei, a quem todos os demais deviam obediência. Neste mundo, a situação é a mesma. É preciso saber como resistir aos pedidos e mesmo às reprovações daqueles que não se interessam por nada além dos interesses deste mundo e que consideram certo curvar-se ao homem influente na atualidade, aos costumes e às opiniões aceitas, abafar suas convicções, contradizer a sua consciência antes de ofender alguém de quem são dependentes. “Mas se você quiser ser tão estritamente religioso”, alguém dirá àquele que deseja servir a Deus fielmente, “você corre o risco de perder sua posição ou sua promoção”. Devemos ceder a tais insinuações? Não, elas são do inimigo, e o cristão deve ficar atento. Ele deve estar inteiramente à disposição do Senhor, custe o que

custar. Em tudo devemos nos submeter, honrar os direitos de Deus, imitando Mardoqueu que, em vez de ceder, “não lhes deu ouvidos”. O inimigo é astuto. Ele sabe que a paciência falha quando nos cansamos, se não estivermos perto do Senhor. Ele renova seus ataques e quantas vezes acontece que os cristãos se cansam depois de resistirem dia após dia, cedem, desprezam seus escrúpulos legítimos e caem, em detrimento de sua paz e seu progresso espiritual. “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes”. “E não nos cansemos de fazer bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido” (1 Co 15:58; Gl 6:9).

A fé e firmeza de Mardoqueu se mostra ainda de outra forma. Ele não escondeu o motivo da sua recusa. “Ele lhes tinha declarado que era judeu” (Et 3:4). Por isso, ele não podia se prostrar diante de Hamã. Mas como ele ousava confessá-lo? Ele não era uma grande personalidade meda ou persa que ousava resistir a um favorecido todo-poderoso por ordens reais, mas um judeu, um cativo miserável, e não teme declarar a que nação humilde ele pertence! E isso é um adorno para Mardoqueu, ainda que seja vergonhoso para o mundo. Afinal, embora dispersos e cativos em consequência de seus pecados, eles continuam sendo a raça eleita, a descendência de Abraão, “amados por causa dos pais”, “dos quais é a adoção de filhos, e a glória, e as alianças, e a lei, e o culto, e as promessas” (Rm 11:28; 9:4).

Já um israelita piedoso como Daniel (Dn 9) fazia um lamento diante de Deus, vendo o estado miserável do seu povo e confessando que eles haviam sido reduzidos justamente a tal. Contudo, ele não parou de confiar em Deus e na glória por vir. Isso permitiu que ele não se envergonhasse da sua nacionalidade, a única válida de acordo com Deus, uma vez que todas as demais se originam do pecado de Babel. Nós, cristãos, povo celestial, sacerdócio real, filhos de Deus, pertencentes a Ele, Príncipe dos reis da terra, Rei dos reis e SENHOR dos senhores, deveríamos então temer confessar diante do mundo e do adversário quem somos? Pedro diante do Sinédrio, Paulo diante de Agripa, Festo e Nero, os mártires de todas as épocas diante de carrascos e da morte,

confessaram a Cristo. Não precisamos temer a perda da vida ou de bens, como os hebreus temiam (Hb 10:34).

Talvez precisemos sofrer o cerco do mundo e seu desprezo e sejamos tímidos e hesitantes em testemunhar o Senhor da glória. Lembremos das exortações do apóstolo: “Mas, se padece como cristão, não se envergonhe, antes glorifique a Deus nesta parte” (1 Pe 4:16). Deixe a realidade do cristianismo se manifestar ao confessarmos que somos cristãos, e assim Deus será glorificado. Mardoqueu declarou que era judeu e ao mesmo tempo o demonstrou pela sua conduta, o que glorificou a Deus. Paulo também exorta seu filho Timóteo: “Não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor”, assim como ele mesmo não se envergonhava (2 Tm 1:8,12). Tampouco se envergonhava do evangelho (Rm 1:16). Sigamos esses exemplos gloriosos e, acima de tudo, o do Senhor Jesus, “que diante de Pôncio Pilatos deu o testemunho de boa confissão” (1 Tm 6:13).

O que os servos do rei farão contra essa confissão destemida de Mardoqueu? Eles a aprovam? Se permanecessem em silêncio, não poderiam ser acusados de serem coniventes com ele? Por outro lado, se denunciasses sua conduta ao favorito do rei, não haveria uma chance de serem considerados favoravelmente por ele? Ele não retribuiria o zelo deles em nome de sua própria honra? Esse é o pensamento do homem do mundo. Ele está atrás de lucro, colhendo o favor dos poderosos. Semelhantemente, os contemporâneos de Hamã não hesitaram em informar Hamã, valendo-se desse último recurso para derrubar o judeu ousado.

Observe que eles podiam fazê-lo sob pretexto de preservarem a autoridade real, porém no fundo de seus corações, o pensamento era outro: eles ousariam provocar a ira do favorito do rei? Então, eles assistiram, após a sua denúncia, para ver se Mardoqueu se manteria firme, se as palavras dele se sustentariam (Et 3:4).

Cristão, o mundo está prestando atenção em você para ver se manterá o seu cristianismo apesar das tentações que o mundo apresenta para assombrar ou seduzi-lo. Mardoqueu se manteve firme. Os olhos de Hamã estavam fitos nele e ao ver que “Mardoqueu não se inclinava nem se prostrava diante dele, Hamã se encheu de furor” (Et 3:5). De onde vinha a força de Mardoqueu?

Ele se apoiava em um braço desconhecido ao mundo, um braço todo-poderoso que sustenta os crentes diante de seus inimigos mais fortes. Ele conhecia Aquele que disse: “Confia no SENHOR e faze o bem... Pois ainda um pouco, e o ímpio não existirá” (Sl 37:3,5,7,10). Confiando no seu Deus, Mardoqueu, diante do terror dos maus, poderia dizer: “O SENHOR é a minha luz e a minha salvação; a quem temerei?” (Sl 27:1). O mesmo Deus, que agora é nosso Pai, protege os cristãos contra Satanás e o mundo. “Espera no SENHOR, anima-te, e ele fortalecerá o teu coração; espera, pois, no SENHOR” (Sl 27:14).

O que Hamã pôde fazer diante da coragem inabalável, ou talvez, como o mundo julgaria, da obstinação desse miserável judeu? Afinal, o mundo permite concessões à consciência. No fim das contas, curvar-se diante de Hamã era só uma formalidade. Valia a pena arriscar a vida por algo tão trivial? Não era simplesmente um orgulho tolo? Essa é a visão do mundo, mas não de Deus, nem da fé que crê nEle e O segue. O que o orgulhoso favorito fará, após ser ferido pela falta de reverência a ele? Ele poderia fazer Mardoqueu ser preso e pagar pelo seu crime com a morte. Isso não seria condizente com a sua ideia de exibir a própria grandeza. Ele queria um exemplo muito mais terrível para se vingar do desdém de um judeu. “Porém teve como pouco, nos seus propósitos, o pôr as mãos só em Mardoqueu (porque lhe haviam declarado de que povo era Mardoqueu)” (Et 3:6), e resolveu “destruir a todos os judeus, o povo de Mardoqueu, que havia em todo o reino de Assuero”. Ele responsabilizou uma nação inteira pela falha de um. Não é o que muitas vezes se observa durante guerras, mesmo entre pessoas civilizadas? Ó, quão cruel e injusto é o coração natural, que comprova a verdade da Escritura: “Os seus pés são ligeiros para derramar sangue” (Rm 3:15). Porém vemos algo mais no coração de Hamã que o motivou a planejar a destruição dos judeus. É o ódio ancestral de Amaleque ao SENHOR e ao Seu povo.

O decreto cruel foi aprovado. Que golpe devastador para o coração de Mardoqueu. Ele prontamente entregaria a sua vida em obediência a Deus. Não apenas ele, não apenas a sua família está em jogo, visto que, naquela época, era comum uma família inteira ser tragada pela condenação do culpado. A nação judaica inteira

deverá perecer. Hamã, à semelhança dos adversários do remanescente no futuro, poderia dizer como eles: “Despojemo-los de uma vez” (Sl 74:8); “Vinde, e desarraigemo-los para que não sejam nação” (Sl 83:4). Quanto Mardoqueu deve ter sofrido ao pensar nisso. Ele deveria ter agido de outro modo? Afinal, estava ali como representante do povo que deveria testemunhar a Deus neste mundo, não é? Sim, com o coração cheio de angústia, ele podia dizer: “Não posso agir de outro modo”, como foi dito, séculos depois, em uma época como a nossa, por Martinho Lutero na Dieta de Worms. Mardoqueu tem o coração puro; ele não busca argumentos para se desculpar por ser fiel a Deus. Será que ele cederia ao choque da ameaça da morte certa? Não, mesmo quando Hamã saiu do palácio para o qual apenas ele havia sido convidado, com o rei, a um banquete dado por Ester, a rainha, Mardoqueu se recusou a prestar ao favorito a homenagem exigida. Essa é a energia da fé que a alma recebe; ela ultrapassa as circunstâncias do momento.

No entanto, essa inflexibilidade não deriva de insensibilidade ou dureza do coração. Quando viu a ruína do seu povo decretada, o coração de Mardoqueu é atravessado por uma tristeza indescritível. “Quando Mardoqueu soube tudo quanto havia sido feito, Mardoqueu rasgou as suas vestes, e vestiu-se de saco e de cinza, e clamou com grande e amargo clamor” (Et 4:1). Todos que têm um coração autêntico sofrem juntos em tudo que acomete os filhos de Deus, porque se identificam com eles. Nada mais longe de verdadeiros servos do Senhor do que um coração egoísta. Mardoqueu não conseguia esconder a angústia da sua alma. Assim como ele não tinha medo de confessar publicamente quem era e o que era em relação ao seu Deus, agora tampouco temia demonstrar sua simpatia e compaixão pelo povo de Deus. Ele saiu pela cidade e “clamou com grande e amargo clamor”, a ponto de mover os corações dos habitantes da cidade, Susã, a favor dos judeus, e “chegou até diante da porta do rei”. Que repreensão ao rei se ele pudesse ouvi-lo! Mas o poderoso monarca estava bebendo com o seu favorito e não se preocupava em sacrificar um povo inteiro por causa do ódio de uma pessoa. O clamor de Mardoqueu não chegou aos ouvidos do rei.

O que esse judeu fiel fará para impedir a ruína do seu povo? Ele não podia fazer nada por si só; sabia que não podia se aproximar de Assuero para apelar ao seu senso de justiça e à sua compaixão. Vestido com os símbolos da sua aflição, ele tampouco podia “entrar pelas portas do rei vestido de saco” (Et 4:2). No entanto, Mardoqueu confia em Deus e recorre a Ele; ele não fica inerte. Sabe que foi por obra do próprio Deus que Ester foi levada ao rei e conquistou a afeição dele, segundo o propósito daquele que inclina os corações. Ele sabia que essa situação ocorrera em “tal tempo como este”, o tempo de angústia no qual os judeus se encontravam (Et 4:14). O crente também pode confiar nisto: que “Deus... com a tentação dará também o escape” (1 Co 10:13).

Mardoqueu utiliza os meios que Deus preparou para ele por meio de Ester. Ele envia as notícias tristes e terríveis à rainha, que até agora estivera alheia a elas, e pede que ela intervenha, visto que ela também corre perigo sob o decreto real (Et 4:13). Por meio de Hatá, ele lhe ordena que “fosse ter com o rei, e lhe pedisse e suplicasse na sua presença pelo seu povo” (Et 4:8). Ao exigir isso de Ester, ele sabe que se ela obedecer, poderá se tornar uma vítima da própria abnegação, e seu coração se contorceu diante desse pensamento, porque ele a amava profundamente. No entanto, a salvação do povo judeu ocupava o primeiro lugar no seu coração. Ele vence a afeição natural e está pronto a entregar o que ama para servir a Deus e ao Seu povo. Que exemplo para nós! Podemos compreender a hesitação de Ester, mas em meio à angústia e à dor, Mardoqueu persevera no apelo à rainha. Ainda que não tivesse certeza sobre o resultado dos meios que tenta usar, sua fé e sua confiança permanecem inabaláveis. Se Ester não se dispusesse a se apresentar diante do rei, “socorro e livramento de outra parte sairá para os judeus” (Et 4:14). Deus não pode deixar o seu povo à mercê dos perversos.

Quão maravilhoso e intrigante o conflito de sentimentos que se mostra em Mardoqueu! Ele chora pela ruína do seu povo. Vestido de saco, ele clama “com grande e amargo clamor” de aflição e, ao mesmo tempo, nós o vemos certo de “socorro e livramento”. Enquanto isso, os dois sentimentos emergem. Conhecemos o final, e isso é bom, pois sem ele, o que essa provação significaria?

Oramos para saber o final e também isso é bom, mas dependemos totalmente de Deus, sabendo a todo momento que o SENHOR não nos abandonará, nem nos desampará, como prometeu. Ele é fiel e pertencemos a Ele. “Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos” (2 Co 4:8-9). Que sejamos capazes, como Mardoqueu, de não ceder ao desânimo, mas confiar em Deus e Sua fidelidade, enquanto enfrentamos a prova e ao mesmo tempo percebemos a ruína que nos cerca.

Como vimos, nessa situação extrema, após a sentença de morte ser decretada, Mardoqueu não cedeu a Hamã. Ele não tenta desviar o golpe dirigido a ele contrariando a sua consciência. Ele voltou a ocupar seu lugar no portão do rei, passados os três dias de jejum exigidos por Ester, dos quais todos os judeus de Susã e seus filhos participaram. Esse jejum sem dúvida foi acompanhado de fervorosas súplicas para que Ester pudesse ser sustentada na sua tentativa diante do rei e que redenção fosse concedida ao povo judeu (Et 4:15-17).

Hamã, no auge da sua glória, o único a ser convidado juntamente com o rei ao banquete que Ester havia preparado, saiu do palácio “alegre e de bom ânimo”. Porém, subitamente sua alegria e seu bom ânimo desapareceram. Quando, em meio à multidão de servos que estão na porta do rei e se apressam em reverenciá-lo, ele vê que o judeu “Mardoqueu à porta do rei não se levantara nem se movera diante dele, então Hamã se encheu de furor contra Mardoqueu” (Et 5:9). Na sua ira, ele não podia esperar até o dia determinado quando Mardoqueu seria incluído no extermínio de todo o seu povo. Ele se conteve naquele momento, mas quando chegou em casa, após reunir seus amigos e sua esposa, enumerou para eles todas as suas riquezas, sua grandeza e os favores do rei e da rainha e disse: “Porém tudo isto não me satisfaz, enquanto eu vir o judeu Mardoqueu assentado à porta do rei” (Et 5:10-13).

Assim é o coração do homem natural. Seu orgulho é ferido pela mínima provocação e aquilo que fere, envenena toda a sua vida; todo o bem de que pode desfrutar não vale de nada. Quem entre as pessoas do mundo e os grandes da atualidade não sente a mesma

pontada no seu íntimo, que destrói todos os seus prazeres? Mardoqueu, por outro lado, com o perigo iminente rodeando a sua cabeça, guardou o coração em paz. O Deus a quem servia está com ele. Que contraste! Enquanto isso, possivelmente sem suspeitá-lo, o perigo se aproximou. Movido pelo conselho de Zeres, sua esposa, e o de seus amigos, Hamã mandou fazer uma forca de cinquenta côvados de altura na qual Mardoqueu pudesse ser enforcado no dia seguinte (Et 5:14). De que importava a vida de um miserável judeu para essas pessoas? Uma vez morto, ele já não ofenderia os olhos do senhor; Hamã poderia se entregar novamente a todos os seus prazeres sem se incomodar com nada quando visse o corpo de Mardoqueu pendurado na forca. Ele, uma testemunha de Deus, teria sido eliminado diante do inimigo de Deus e do Seu povo.

É como no futuro, quando “a besta que sobe do abismo” terá matado as duas testemunhas: “os que habitam na terra se regozijarão sobre eles, e se alegrarão, e mandarão presentes uns aos outros; porquanto estes dois profetas tinham atormentado os que habitam sobre a terra” (Ap 11:7-10). O mundo sempre odiou os servos de Deus que testemunharam contra ele. Ele odiou e matou a Grande Testemunha, fiel e verdadeira. Se hoje em dia nossas vidas são poupadas, ainda assim, o ódio do mundo se volta contra Cristo e Seu povo, e quando vier a hora, ele se mostrará como antes e se alegrará no sangue dos mártires (Ap 17:6).

Como José antes dele, Mardoqueu *figuradamente passa pela morte*. O mesmo que ocorreu naquela época ocorre nesse momento supremo em que a sua elevação começa. Não podemos ver nisso uma imagem daquilo que de maneira ainda mais perfeita aconteceu a Alguém maior do que José e Mardoqueu? Naquele momento, Satanás parecia ganhar vantagem, quando Jesus “também antes tinha descido às partes mais baixas da terra” e foi “obediente até a morte, e morte de cruz” (Ef 4:9; Fp 2:8). Então, “despojando os principados e potestades”, Ele triunfou sobre eles e “também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho” (Cl 2:15; Fp 2:9-10).

Vemos isso prefigurado em Mardoqueu. Como recompensa por um serviço notável prestado há algum tempo a Assuero, salvando

sua vida, e que vem à sua memória nesse momento muito significativo quando “naquela mesma noite fugiu o sono do rei” (Et 6:1), Mardoqueu ganha destaque diante de toda a cidade de Susã. Vestido de roupas reais, um presságio do seu grandioso futuro, o próprio inimigo, o orgulhoso Hamã, proclama a honra concedida pelo rei a Mardoqueu. Hamã, crendo que ele mesmo era a pessoa pretendida, disse:

“Para o homem, de cuja honra o rei se agrada, tragam a veste real que o rei costuma vestir, como também o cavalo em que o rei costuma andar montado, e ponha-se-lhe a coroa real na sua cabeça. E entregue-se a veste e o cavalo à mão de um dos príncipes mais nobres do rei, e vistam delas aquele homem a quem o rei deseja honrar; e levem-no a cavalo pelas ruas da cidade, e apregoe-se diante dele: Assim se fará ao homem a quem o rei deseja honrar! Então o rei disse a Hamã: Apressa-te... e faze assim para com o judeu Mardoqueu, que está assentado à porta do rei; e coisa nenhuma omitas de tudo quanto disseste” (Et 6:7-10).

Após Hamã sofrer tamanha humilhação e Mardoqueu ter sido honrado aos olhos de todos, Mardoqueu voltou a assumir seu lugar obscuro como servo na porta do rei. Ali ele permaneceu oculto até o dia da sua elevação. Assim também Jesus, ressurreto e glorificado, permanece oculto no céu, e nossa vida está escondida com Ele em Deus. Porém isso se dá na expectativa do grande dia da sua manifestação em glória, não para os santos da atualidade, uma vez que eles serão glorificados com Ele (Cl 3:3-4), e sim para a redenção do remanescente dos judeus e o estabelecimento do reino.

Logo chega o dia do triunfo final de Mardoqueu. Após o adversário ser destruído, nada impede que aquele que representa o remanescente dos judeus seja elevado gloriosamente, e “Mardoqueu veio perante o rei, porque Ester tinha declarado quem ele era”. Entrar na presença do rei teria sido definitivamente proibida, se a sua conexão com a esposa judia não tivesse sido revelada, mas agora se tornou um título de honra, como veremos. Lemos: “E tirou o rei o seu anel, que tinha tomado de Hamã, e o deu a Mardoqueu”, um sinal de autoridade conferido a ele, visto que era o anel com o qual os decretos reais eram selados. A casa de Hamã

é entregue a Ester, que a deixa a cargo de Mardoqueu. Então, honra e poder são dadas a Mardoqueu por um decreto público. “Então Mardoqueu saiu da presença do rei com veste real azul-celeste e branca, como também com uma grande coroa de ouro, e com uma capa de linho fino e púrpura” (Et 8:1-2,15).

A seguir, Mardoqueu utilizou seu poder para libertar seu povo e fazê-lo dominar sobre seus inimigos. “E se escreveu conforme a tudo quanto ordenou Mardoqueu aos judeus, como também aos sátrapas, e aos governadores, e aos líderes das províncias, que se estendem da Índia até Etiópia, cento e vinte e sete províncias... Nelas o rei concedia aos judeus, que havia em cada cidade, que se reunissem, e se dispusessem para defenderem suas vidas, e para destruírem, matarem e aniquilarem todas as forças do povo e da província que viessem contra eles” (Et 8:9-11). A proeminência de Mardoqueu, a glória concedida a ele, o poder que ele exerce, são causa de grande alegria para o seu povo e os habitantes de Susã; todos estão dispostos a se sujeitarem a ele e os adversários são destruídos (Et 8:15-17; 9:1-19). Finalmente, vemos o reinado pacífico de Mardoqueu sob a autoridade do grande rei. Ele é o segundo depois do rei, “grande entre os judeus, e estimado pela multidão de seus irmãos, procurando o bem do seu povo, e proclamando a prosperidade de toda a sua descendência” (Et 10:3).

Vemos nisso uma figura do que acontecerá em breve. Cristo receberá o reino. Ele aparecerá em glória e poder para a redenção do remanescente oprimido; destruirá Seus adversários e do Seu povo; estabelecerá Seu reino de justiça e paz; Ele será grandioso no trono de Davi, Seu pai, e reinará até os confins da terra. Todo joelho se dobrará diante dEle e Sua vinda marcará o início de uma era de glória para o Seu povo e de alegria e paz para toda a terra (Veja as numerosas profecias que anunciam esse tempo de alegria, como Sl 45:1-7; Sl 21; Is 11; Sl 72).

A fé de Mardoqueu lhe deu a força para se manter longe do mal, resistir firmemente ao adversário e viver inabalado, confiando no SENHOR. Ele recebeu sua recompensa. Pode-se incluí-lo entre os heróis daquela fé pela qual venceu (Hb 11:32-40). Que nas diversas circunstâncias muitas vezes não menos difíceis, possamos, como povo celestial em um mundo de inimigos, perseverar contra os

esforços e manobras do nosso inimigo, tendo uma confiança inabalável naquele que sempre nos torna maiores do que nossos adversários. Que possamos ser fortalecidos no Senhor e, na força do seu poder, vestir o escudo da fé; que possamos, como Mardoqueu, estar determinados na nossa separação para Cristo e na confissão do Seu nome!

Ester

Agora, consideremos a segunda personagem, apresentada na pessoa de Ester. Em todos os sentidos, ela é digna de atrair nossa atenção como um vaso que Deus preparou para cumprir seus propósitos. Ela foi vista como o “vaso mais fraco” (1 Pe 3:7), mas escolhida por aquele que se agrada de usar as coisas fracas para confundir os poderosos (1 Co 1:27). A mulher foi seduzida primeiro ao pecado e se tornou instrumento de sedução. Ela atraiu Adão para a sua desobediência. Muitas vezes, assim como naquele momento, ela exerce o mesmo papel. Por outro lado, na mesma medida, a vemos ocupando um lugar abençoado e usado por Deus para o bem. E por que isso nos surpreenderia? A graça não abunda sempre?

É a semente da *mulher* que fere a cabeça da serpente. A Palavra nos fala sobre a posição da mulher e as obrigações derivadas disso, ao mesmo tempo em que nos mostra mais de um exemplo de mulheres que foram servas de Deus, como Sara, a profetisa Miriã, Débora, Rute e Ana, mãe de Samuel, no Antigo Testamento; semelhantemente, no Novo Testamento, lemos sobre Maria Madalena, Marta e Maria, Maria, mãe de Jesus, Dorcas e outras. Ester figura entre as mulheres virtuosas que “confiavam em Deus”. Cada uma apresenta um caráter diferente e exibe um traço particular. Ester ocupa um lugar singular. Ela não profetiza como Miriã ou Débora; não está na posição de Sara ou Rute; ela é diferente em todos os sentidos, e sua qualidade é o charme e a atração especial.

Ela entra em cena depois que a orgulhosa Vasti foi deposta por se recusar a obedecer às ordens do rei. Como vimos, a rainha dos gentios — uma figura da Igreja — é substituída pela esposa judia, figura de Israel no futuro. Ester está longe do seu país e é órfã, um símbolo de Israel antes da sua restauração (Lm 5:3). Porém

Mardoqueu a adota, ama e educa. Ela responde ao seu cuidado com submissão e afeição. Mardoqueu a recebeu como sua filha e, como filha fiel de Israel, instruída na lei, ela sabe o que se espera dela e demonstra sua obediência a ele (Et 2:10). Ela pertence a um povo exilado, desprezado e servo das nações, mas se destaca pela sua beleza entre todas as filhas do seu povo e das nações. “Era jovem bela de presença e formosa” (Et 2:7).

Do mesmo modo, Israel, a eleita, sempre permanece bela aos olhos de Deus. Ester era como José nos tempos antigos, “formoso de porte, e de semblante” (Gn 39:6), e como ele, era cativa e estava longe da terra dos seus pais, e assim como ele encontrou graça nos olhos do estrangeiro a quem servia, também Ester alcançou “graça aos olhos de todos quantos a viam” (Et 2:15). Ela agradou especialmente a “Hegai, guarda das mulheres” (Et 2:8), quando foi levada aos seus cuidados. “Por isso se apressou a dar-lhe os seus enfeites, e os seus quinhões, como também em lhe dar sete moças de respeito da casa do rei; e a fez passar com as suas moças ao melhor lugar da casa das mulheres”. Dessa forma, Deus inclina os corações para aqueles que são Seus e que Ele escolheu para cumprir seus propósitos. Assim também aconteceu com José, seja na casa de Potifar ou na prisão; da mesma forma, “o povo”, ao sair do Egito achou “graça aos olhos dos egípcios, e estes lhe davam o que pediam... joias de prata, e joias de ouro, e roupas” (Ex 11:2; 12:36-35).

Futuramente, que favor será oferecido pelas mãos de estrangeiros a esses filhos de Israel, hoje desprezados, quando as palavras a seguir se cumprirão:

“... Primeiro os navios de Társis, para trazer teus filhos de longe, e com eles a sua prata e o seu ouro, para o nome do SENHOR teu Deus, e para o Santo de Israel, porquanto ele te glorificou. E os filhos dos estrangeiros edificarão os teus muros, e os seus reis te servirão... Porque a nação e o reino que não te servirem perecerão... Também virão a ti, inclinando-se, os filhos dos que te oprimiram” (Is 60:9-14).

Ainda assim, em todas as épocas e circunstâncias, Deus mantém e manterá os olhos sobre Seus eleitos e os tornará manifestos. Ele os preserva de formas misteriosas. É Ele quem deu a Ester aquela

beleza e graça que cativa os corações, mas ao mesmo tempo, Ele a adornou com uma simplicidade e humildade que a levou a não exigir nada além do que Deus lhe concedera, nada para ganhar vantagem, prevalecendo sobre suas rivais. Ela estava satisfeita com o presente do SENHOR para ela e se entregou nas Suas mãos para que Ele fizesse o que julgasse bom. “Dava-se-lhe tudo quanto ela desejava, para levar consigo da casa das mulheres à casa do rei... Chegando, pois, a vez de Ester... para ir ao rei, coisa nenhuma pediu, senão o que disse Hegai” (Et 2:13,15).

É precioso saber o que ela fez para ser simplesmente um instrumento a serviço do SENHOR, sem acrescentar nada do homem ou de si. Assim também era Paulo no seu ministério. Ele não adornava com sabedoria ou eloquência humana aquilo que por si só demonstrava poder — a beleza divina da graça de Cristo crucificado (1 Co 2:1-5).

“Assim foi levada Ester ao rei Assuero... E o rei amou a Ester mais do que a todas as mulheres, e alcançou perante ele graça e benevolência mais do que todas as virgens; e pôs a coroa real na sua cabeça, e a fez rainha em lugar de Vasti” (Et 2:16-17). É impossível não ver novamente uma imagem marcante de Israel e dos sentimentos do coração do SENHOR pelo seu povo. Não foi ele quem disse: “Porquanto com amor eterno te amei, por isso com benignidade te atraí” (Jr 31:3)? Note agora a ascendência desse povo sobre as nações, com a coroa real, por assim dizer, posta na sua cabeça. “E os reis serão os teus aios, e as suas rainhas as tuas amas; diante de ti se inclinarão com o rosto em terra” (Is 49:23). “E os gentios verão a tua justiça, e todos os reis a tua glória... E serás uma coroa de glória na mão do SENHOR, e um diadema real na mão do teu Deus. Nunca mais te chamarão: Desamparada, nem a tua terra se denominará jamais: Assolada; mas chamar-te-ão: O meu prazer está nela, e à tua terra: A casada; porque o SENHOR se agrada de ti, e a tua terra se casará” (Is 62:2-4). Esse será Israel “nos últimos dias” quando “se firmará o monte da casa do SENHOR no cume dos montes” (Is 2:2), e a seguinte palavra se tornará realidade: “Sobre ti o SENHOR virá surgindo, e a sua glória se verá sobre ti. E os gentios caminharão à tua luz, e os reis ao resplendor que te nasceu” (Is 60:2-3). Isso ocorrerá quando a (vocação da)

noiva gentia tiver sido rejeitada e “todo o Israel será salvo” (Ap. 3:16; Rm 11:22-26).

Ester se tornou esposa de Assuero. No entanto, isso nos leva a uma questão que já consideramos. Como uma filha de Israel poderia se misturar com as filhas dos incircuncisos? Como ela poderia concordar em se unir a um gentio, ainda que fosse o rei? Como Mardoqueu, tão fiel à sua posição judaica, poderia consentir com isso? Para responder a essas perguntas, precisamos lembrar que esses judeus da dispersão não estavam nas mesmas circunstâncias daqueles que retornaram à sua terra. Estes podiam manter uma rigorosa separação das nações idólatras que os rodeavam e vemos Esdras e Neemias, seus líderes, insistindo energicamente na sua separação. “Não dareis mais vossas filhas a seus filhos, e não tomareis mais suas filhas, nem para vossos filhos nem para vós mesmos” (Ne 13:25). Do mesmo modo, Esdras, se mostra profundamente perturbado ao saber que alguns dos judeus se aliaram com estrangeiros (Ed 9 e 10). “Vós tendes transgredido, e casastes com mulheres estrangeiras, aumentando a culpa de Israel”, disse ele. “Agora, pois, fazei confissão ao SENHOR Deus de vossos pais, e fazei a sua vontade; e apartai-vos dos povos das terras, e das mulheres estrangeiras”.

Tudo isso era bom e absolutamente adequado, mas aqueles que não se beneficiaram do decreto de Ciro não estavam na mesma posição. Sujeitos mais diretamente ao poder dos gentios, eles eram obrigados a se submeterem à lei do déspota. Porém, acima de tudo, devemos considerar os propósitos de Deus, que agiu em favor de Seu povo de forma oculta e dirigiu tudo de modo a impedir que o inimigo promovesse a ruína do povo. Ele se serviu de tudo, até da fragilidade dos Seus santos que às vezes cedem à pressão das circunstâncias. Ele é o SENHOR da lei e das ordenanças, que Ele estabeleceu. Ele derrama Sua graça, e em um momento de desespero, até Davi pôde comer dos pães da proposição, que nem ele, nem aqueles que o acompanhavam estavam de fato permitidos de comer (Mt 12:4).

Vemos essa mesma graça que se estende além dos limites de ordenanças em algumas das alianças entre pessoas do povo de Deus e das nações, não é mesmo? José se casou com Zafenate

(Gn 41:45); Salmon tomou Raabe como esposa e Boás se uniu a Rute, a moabita (Mt 1:5). Portanto, não é motivo de surpresa que vejamos Ester se tornar esposa de Assuero. Mardoqueu, como dissemos, era um homem de fé; ele desejava o bem-estar do seu povo e, uma vez que Deus permitira que a beleza de Ester chamasse a atenção dos encarregados reais, sem que ele tivesse feito nada para promovê-la, ele confiou no Senhor, quem agiu a favor dos judeus por meio de Ester.

Pela sua graça e beleza, Ester cativa o coração do rei. Ela é coroada com a coroa real; ela é rainha, mas ninguém sabe a sua nacionalidade. Mesmo com o seu alto cargo, ela continua submissa a Mardoqueu. Nenhum cargo pode anular o senso de gratidão a um benfeitor, nem as obrigações naturais de crianças em relação aos seus pais. “Ester, porém, não declarou o seu povo e a sua parentela, porque Mardoqueu lhe tinha ordenado que não o declarasse... porque Ester cumpria o mandado de Mardoqueu, como quando a criara” (Et 2:10,20). Tal caráter de obediência é maravilhoso e conhecemos Aquele que o manifestou em toda a sua perfeição. Apenas precisamos seguir Seus passos em submissão e dependência.

O mundo não sabia de onde Ester vinha. Era um segredo entre Mardoqueu e ela, um segredo que seria revelado em um momento oportuno, para a redenção do seu povo, em um momento de extrema angústia. O mundo não conheceu a Jesus. Sua ascensão em glória é um mistério para ele, mas a fé O conhece, e o mundo O verá quando Ele voltar para o remanescente de Israel que O aguarda.

Pode-se observar que a ascensão de Ester à rainha se torna uma ocasião de alegria para muitos e conforto para todos. “Então o rei deu um grande banquete a todos os seus príncipes e aos seus servos; era o banquete de Ester; e deu alívio às províncias, e fez presentes segundo a generosidade do rei” (Et 2:18). É para a filha de um povo desprezado que esses benefícios do rei são concedidos: é o “banquete de Ester”. Somos lembrados do espírito da palavra profética: “E o SENHOR dos Exércitos dará neste monte a todos os povos uma festa com animais gordos, uma festa de vinhos velhos, com tutanos gordos, e com vinhos velhos, bem purificados”.

Quando essa bênção universal dos povos da terra acontecerá? Quando o SENHOR “tirá o opróbrio do seu povo de toda a terra” (Is 25:6-8).

Ester, filha de Israel, está no auge da glória. Ela se deixa colocar nessa posição de um soberano sem declarar sua descendência, submetendo-se às ordens de Mardoqueu. Ela não estava consciente de qual seria o padrão do seu serviço ou do que esperar; como instrumento nas mãos do Deus de Jacó, ela não sabia o que Ele lhe ordenaria. Em primeiro lugar, se a sua elevação foi a ocasião de generosidade do rei para com todos, ela é o meio que Deus usa para preservar a vida de Assuero.

Ela é a intermediária entre ele e Mardoqueu, que, sem ela, não poderia ter entrado em contato com o rei. Isso também serviu para o avanço de Mardoqueu.

Outra situação acontece, e esse é o momento da provação. Fechada no palácio do rei, Ester não sabia do decreto de extinção proferido contra a sua nação. Por meio de suas servas e camareiras, ela é informada de que Mardoqueu está diante da porta do rei, vestido de saco, um sinal de lamento, e chorando com um clamor grande e amargo. O coração de Ester se comove. A grandeza da posição à qual ela foi promovida não a fez esquecer o que ela devia a Mardoqueu nem alterou a sua afeição por ele. A rainha “muito se doeu” ao saber da lamentação de alguém que venerava como pai. Ela queria que ele tirasse os símbolos de humilhação e lamento; desejava confortá-lo, assegurá-lo de sua simpatia e lhe enviou roupas para vestir (Et 4:1-4). Mas como ele poderia aceitar qualquer tipo de consolo enquanto seu povo corria tamanho perigo? Os sentimentos que tomavam seu coração eram semelhantes aos de Asafe: “Ó Deus, por que nos rejeitaste para sempre?... Lembra-te da tua congregação... Disseram nos seus corações: Despojemo-los de uma vez... Até quando, ó Deus, nos afrontará o adversário?” (Sl 74:1-10). E sua alma “recusava ser consolada” (Sl 77:2). Seu lamento era não por si, mas por sua nação.

Mardoqueu não aceitou as roupas enviadas pela rainha. Surpresa, mas duvidando que houvesse motivos válidos fortes o suficiente para ele agir de tal modo, e desejando se informar para

aliviá-lo ou pelo menos compartilhar o seu lamento, “então Ester chamou a Hatá (um dos camareiros do rei, que este tinha posto para servi-la), e deu-lhe ordem para ir a Mardoqueu, para saber que era aquilo, e porquê. E, saindo Hatá a Mardoqueu, à praça da cidade, que estava diante da porta do rei, Mardoqueu lhe fez saber tudo quanto lhe tinha sucedido; como também a soma exata do dinheiro, que Hamã dissera que daria para os tesouros do rei, pelos judeus, para destruí-los. Também lhe deu a cópia da lei escrita, que se publicara em Susã, para os destruir, para que a mostrasse a Ester, e a fizesse saber; e para lhe ordenar que fosse ter com o rei, e lhe pedisse e suplicasse na sua presença pelo seu povo” (Et 4:5-8). Agora Ester entende o que ameaça o seu povo e Mardoqueu; agora ela entende o seu lamento e se une a ele. Mas o que ela poderia fazer para impedir um golpe tão terrível?

Apenas ela poderia intervir, mas que tarefa grande para uma mulher frágil. Mardoqueu lhe expôs o que ela deveria fazer. É simples; é o caminho de Deus. Ela é a única que poderia se aproximar do grande rei — a única que talvez teria acesso a ele e compensaria a influência fatal de Hamã. Mardoqueu não simplesmente insinua que ela deve fazê-lo, deixando-a entender seu dever sozinha. Com toda a autoridade da sua posição em relação a ela e, acima de tudo, a autoridade da fé que ele tem e que governa sua vida, como veremos, ele disse a Hatá que lhe *ordenasse* “que fosse ter com o rei, e lhe pedisse e suplicasse... pelo seu povo” (Et 4:8).

Essa era uma responsabilidade que poderia muito bem assustar uma alma tímida. Lembremos de Débora, que ajudou Baraque, quando confrontado pelo exército inumerável de Sísera, enquanto havia apenas dez mil do seu lado. Jael, elogiada na canção de Débora, foi a verdadeira heroína, por assim dizer, mas ela estava sozinha, uma fugitiva negligenciada. Ester está plenamente consciente de que está em uma posição ainda mais difícil. A lei dos persas era explícita. Ela proibia a qualquer um, homem ou mulher, de entrar no pátio interior, exceto se fosse chamado. “Não há senão uma sentença, a de morte”.

Podemos compreender a hesitação momentânea de Ester, principalmente considerando que nos últimos trinta dias ela não

havia sido convidada para entrar na presença do rei, como se algo houvesse afetado o favor do qual ela desfrutava. Será que ela deveria ousar enfrentar aquela presença formidável, se apresentar diante do rei e ser culpada de transgressão? Ela teria a coragem ou mesmo uma chance, nessas circunstâncias, de apresentar um pedido? E será que ela poderia ter alguma esperança de ser recebida graciosamente enquanto o grande inimigo, Hamã, enganasse a mente do rei? Como poderia lhe dizer que ela, Ester, até agora objeto do seu favor, é daquela raça que havia se tornado alvo do desprezo do favorito e que ele acusou de não obedecer às “leis do rei”? Ela não seria um obstáculo em vez de uma ajuda para o seu povo? É verdade que, pelo favor especial do rei, os culpados poderiam ser perdoados. Se o rei estendesse seu cetro de ouro para ela, ela escaparia à morte. Mas Ester seria objeto de tal favor? Assim podemos ver as dificuldades que se apresentavam diante da alma de Ester e a faziam recuar. Sem dúvida, ela amava seu povo e Mardoqueu, mas os obstáculos pareciam tão insuperáveis, e ela contou a Mardoqueu o que a estava contendo. “Veio, pois, Hatá, e fez saber a Ester as palavras de Mardoqueu. Então falou Ester a Hatá, mandando-o dizer a Mardoqueu: todos os servos do rei, e o povo das províncias do rei, bem sabem que todo o homem ou mulher que chegar ao rei no pátio interior, sem ser chamado, não há senão uma sentença, a de morte, salvo se o rei estender para ele o cetro de ouro, para que viva; e eu nestes trinta dias não tenho sido chamada para ir ao rei” (Et 4:9-11).

Pode-se ver que Ester não se recusa afirmativamente. Ela explica seus temores e dúvidas àquele que ela habitualmente consulta e segue. Onde está a sua fé, alguém poderá perguntar. Talvez ela seja frágil. Mas quem entre nós nunca enfrentou, em alguma de nossas circunstâncias, um tempo em que parece impossível avançar, só obstáculos fecham nosso caminho, ou tudo aparenta falhar? Sem dúvida, é necessário confiar em Deus, mas é bom igualmente admitir, como Ester fez com Mardoqueu, as dificuldades nas quais nos encontramos, nossa própria fraqueza e a necessidade de ajuda.

Não é surpreendente que a redenção do povo dela dependia de um instrumento tão frágil? Deus sempre precisa mostrar o Seu

poder em vasos de fraqueza para que o homem não venha a se gloriar. Ele escolhe aquilo que não é, para reduzir a nada aquilo que é. É por meio daquilo que é mais desprezado, a cruz de Cristo, Cristo crucificado na fraqueza, pedra de tropeço para os judeus e loucura para os gregos, que Deus oferece salvação à humanidade (1 Co 1:17-31).

Agora Ester revelou a Mardoqueu o que a perturba e impede de cumprir suas ordens. “E fizeram saber a Mardoqueu as palavras de Ester”. Como ele deveria responder? Já notamos como Mardoqueu colocava a glória do SENHOR e o bem-estar do Seu povo acima de tudo. Ele sabia bem o perigo, ao qual Ester estava exposta ao se apresentar diante do rei para pleitear a causa dos judeus, mas manteve silêncio sobre os sentimentos do seu coração. Ele não procurou consultar carne ou sangue. Se for necessário, ele está pronto a sacrificar seu “Isaque”.

Esse é sempre o caráter da verdadeira fé. O Senhor disse àqueles que o seguiam: “Se alguém vier a mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo” (Lc 14:26). Afeições naturais devem ser mantidas em seu lugar e não interferir entre Deus e nós. Deus deve vir em primeiro lugar e acima de tudo, caso contrário, haverá hesitação e queda. Foi esse o sentimento que ditou a resposta de Mardoqueu a Ester. Pode parecer difícil. Alguém disse que ele a acusava de egoísmo e indiferença à sua nação, mas a energia de Ester precisava ser renovada, e Mardoqueu precisa deixar que suas palavras sejam “temperadas com sal” (Cl 4:6). “Então Mardoqueu mandou que respondessem a Ester: Não imagines no teu íntimo que, por estares na casa do rei, escaparás só tu entre todos os judeus. Porque, se de todo te calares neste tempo, socorro e livramento de outra parte sairá para os judeus, mas tu e a casa de teu pai perecereis; e quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?” (Et 4:13-14). Essas são as palavras do judeu fiel, pelas quais ele procurava estimular Ester a seguir a rota que ele havia traçado para ela. É a mente de Deus nessa situação, visto que é a devoção que não hesita em dar tudo para Ele e Seu povo. Isso envolve levar a cruz, sem ter a própria vida por preciosa, contanto que o serviço que Deus lhe confiou seja

cumprido. Assim foi Paulo (At 20:24) ao imitar seu Mestre divino. Assim também somos nós de acordo com a nossa medida. “Porque nenhum de nós vive para si” e “não sois de vós mesmos” (Rm 14:7-8; 2 Co 5:15; 1 Co 6:19).

Observe como Mardoqueu parece antecipar a tentação que poderia se infiltrar na alma de Ester. Não estou dizendo que ela estivesse ali. “Se de todo te calares neste tempo...”. Como não havia declarado o seu povo e a sua parentela, ela poderia se julgar protegida no palácio real. O silêncio, quando se torna uma questão de confessar a verdade, pode ser visto como negligência.

É necessário que nós, na atualidade, decididamente tomemos partido de Deus. José de Arimateia foi capaz de esconder seu discipulado com Jesus por muito tempo, mas chegou o momento em que ele confessou abertamente quem era. No entanto, será que Ester poderia manter um olhar indiferente e pelo temor do massacre do seu povo ficar em silêncio “neste tempo”? Seria doloroso pensar assim, mas do mesmo modo, vemos os discípulos abandonarem o seu Senhor, enquanto Pedro, em vez de manter-se em silêncio, abre a boca para declarar três vezes que não conhece a Jesus, não é? Que possamos desconfiar deste coração enganoso, esse espírito tão pronto a dizer: “Nunca te abandonarei”, porque a carne é fraca e nos desvia.

Mardoqueu, porém, antecipa o pensamento que poderia passar pela alma de Ester. “Não imagines no teu íntimo”, ele diz. É como se dissesse: “Cuidado para não ceder à ilusão de um falso senso de segurança, porque o golpe e a ruína a atingirão mesmo na sua posição elevada. Se você não for por Deus e Seu povo, Deus será contra você”. “Porque, qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas qualquer que, por amor de mim, perder a sua vida, a salvará” (Lc 9:24). A segurança de Ester está atrelada à dos judeus. Mas acima de tudo, ela se apega à devoção ao seu Deus. As palavras do Senhor Jesus nos mostram que o mesmo vale para hoje. Se, em meio a grandes dificuldades, somos fiéis a Ele, o que precisamos temer?

Já mencionamos a maravilhosa fé e confiança de Mardoqueu. Para ele, a redenção dos judeus é certa. Deus não poderia deixar Seu povo perecer e anular Suas promessas (ver Jr 23:3-9; 31:1-14).

Mardoqueu as conhece e vislumbra seu cumprimento no futuro. O retorno de alguns judeus à sua terra com Zorobabel e Esdras não é para ele o glorioso retorno de Israel e Judá à sua terra, livres do jugo das nações. Sua fé baseada nas Escrituras antecipa, como Paulo, o dia em que “todo o Israel será salvo” (Rm 11:26). Por isso, ele afirma a Ester: “Socorro e livramento de outra parte sairá para os judeus”. Será que, em vez de perecer, ela não poderia ser o instrumento dessa redenção, por maiores que as dificuldades fossem ou por mais frágil que ela se sentisse? Ela desapontaria o SENHOR no propósito que Ele tinha para ela ao conduzi-la ao trono? Será que ela acreditaria se tratar de uma coincidência, como dizemos, ou a direção da mão do SENHOR que eleva a quem Ele quiser? E que forma melhor de glorificá-Lo do que na salvação do Seu povo? “E quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?” Haveria um tempo mais oportuno? Será que Ester poderia estar pensando que era para *si própria* que ela havia se tornado rainha da Pérsia, favorecida por Assuero? Certamente não, mas as palavras severas de Mardoqueu a fizeram lembrar disso. Deus certamente não precisa de *nós* para cumprir seus propósitos, mas quão grande privilégio se Ele se dignar de usar até mesmo nossa fraqueza para Si — nem que seja a preço de um grande sacrifício.

Ester entendeu Mardoqueu. Ela entra nos seus pensamentos. Sua decisão está tomada; ela se entregará para a salvação do seu povo. No entanto, ela sente uma profunda necessidade de ajuda do alto para essa empreitada, a necessidade de coragem para entrar na presença do rei arriscando sua vida; a necessidade de sabedoria para apresentar sua solicitação e fazê-la no momento certo. Portanto, ela pede que suplicassem ao SENHOR em favor dela. “Então disse Ester que tornassem a dizer a Mardoqueu: Vai, ajunta a todos os judeus que se acharem em Susã, e jejuai por mim, e não comais nem bebais por três dias, nem de dia nem de noite, e eu e as minhas servas também assim jejuaremos. E assim irei ter com o rei” (Et 4:15-16).

O jejum era uma expressão de humilhação e lamento. Indicava a abstenção de coisas materiais para que o espírito estivesse livre para se ocupar com Deus, acompanhado, porém, de oração.

Seguindo o espírito do livro de Ester, isso não é expressamente mencionado, mas não há dúvida de que em tamanho perigo, súplicas não faltavam, mas acompanhavam o jejum, que sozinho não poderia ter sustentado a alma de Ester. Nas Escrituras, temos mais de um exemplo em que oração e súplicas eram acompanhadas de jejum. Antes de iniciar sua jornada, Esdras disse de forma simples e comovente: “Nós, pois, jejuamos, e pedimos isto ao nosso Deus, e moveu-se pelas nossas orações” (Ed 8:23). Daniel, ao pensar nas desolações de Jerusalém e no fim do cativeiro anunciado por Jeremias, fez uma confissão por si e seu povo e disse: “E eu dirigi meu rosto ao SENHOR Deus, para o buscar com oração e súplicas, com jejum, e saco e cinza” (Dn 9:3).

No entanto, a passagem mais marcante, descrevendo uma situação que lembra em muito a dos judeus nos tempos de Ester, encontramos no livro de Joel. Ali, os filhos de Israel são ameaçados por uma terrível calamidade e o profeta diz:

“Tocai a trombeta em Sião, santificai um jejum, convocai uma assembleia solene. Congregai o povo, santificai a congregação, ajuntai os anciãos, congregai as crianças, e os que mamam; saia o noivo da sua recâmara, e a noiva do seu aposento. Chorem os sacerdotes, ministros do SENHOR, entre o alpendre e o altar, e digam: Poupa a teu povo, ó SENHOR, e não entregues a tua herança ao opróbrio, para que os gentios o dominem; por que diriam entre os povos: Onde está o seu Deus?” (Jl 2:15-17).

Essas palavras certamente poderiam ser aplicadas às circunstâncias difíceis nas quais os judeus se encontravam aqui!

Após Ester demonstrar sua dependência, que comprovava que ela tinha um profundo senso de sua fragilidade, ela estava determinada — “e assim irei ter com o rei”. Com a força do alto, ela ousou tudo, até mesmo violar aquela terrível lei. Ela agiu “ainda que não seja segundo a lei; e se perecer, pereci”. Ela ofereceu sua vida como sacrifício, provando, por assim dizer, o amargor da morte antes da hora. Ela se entrega pelo seu povo. “Assim irei” — que palavra de decisão admirável. Isso nos faz lembrar as palavras de Rebeca, respondendo ao pedido do servo: “Irei”, e a decisão ainda mais comovente de Rute: “Aonde quer que tu fores irei eu... o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus”. O Senhor aprecia

essa decisão do coração por Ele. Ele não hesitou em dar Sua vida por nós. Quando se aproximou a hora de Ele morrer, Ele “manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém”. Que possamos em alguma medida nos apropriar desse espírito que não hesita nem questiona o serviço para Ele ou por Seu povo. Ester não sabia o que lhe aconteceria, mas entrará e, se encontrar a morte, a enfrentará.

Não desejamos fazer comparações forçadas, mas o coração do cristão não consegue perceber nessas coisas, relatadas pelo Espírito divino, o retrato e as sombras daquilo que alcançou a perfeição em Cristo? Que isso nos permita, ao lembrarmos dos vários traços da conduta de Ester, recordar o que nos é apresentado sobre Cristo. O Senhor Jesus é a fonte e a expressão divina de toda verdadeira abnegação, de todo puro amor e toda devoção a Deus e ao Seu povo, não é? Ele se ofereceu sem mácula a Deus. Plenamente decidido, ao entrar no mundo, Ele disse: “Eis que venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade”. Essa vontade O levou até a morte, para “trazer muitos filhos à glória” — e Ele não recuou diante dessa tarefa.

No entanto, quando o terrível momento chegou, Ele ofereceu “com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte” (Hb 5:7). Então, o Senhor tomou o cálice das mãos de Seu Pai; passou pelo julgamento e em perfeita devoção por Seu povo, entrou na morte. Mas Ele foi ouvido graças à Sua piedade; foi salvo da morte sendo ressurreto e se tornou o Autor de salvação eterna para aqueles que Lhe obedecem.

Vemos uma sombra desses acontecimentos gloriosos em Ester. Ela disse: “Assim irei” e após os dias de jejum e súplicas, de fato entra e se apresenta diante do rei assentado em esplendor real no trono do seu reino como governante soberano: “Sucedeu, pois, que ao terceiro dia Ester se vestiu com trajes reais, e se pôs no pátio interior da casa do rei, defronte do aposento do rei; e o rei estava assentado sobre o seu trono real, na casa real, defronte da porta do aposento” (Et 5:1). Esse é um momento solene. A vida de uma nação inteira depende do que está prestes a acontecer. Ester será aceita? O favor real superará a lei e cancelará a sentença de morte que a lei atribui ao transgressor? A rainha e os judeus serão salvos? Sim, porque o SENHOR ouviu as súplicas; o jejum do povo foi

agradável; a devoção de Ester corresponde à Sua resposta e Ele lhe dará Sua recompensa. É o próprio Deus que inspira o plano, que dá a força para cumpri-lo, sabedoria para levá-lo a bom termo, e se tivermos trabalhado com tudo que Ele forneceu, se tudo veio dEle, Ele nos recompensará como se tudo tivesse vindo de nós mesmos. “Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade” e então nos diz que “o vosso trabalho não é vão no Senhor”. Que Deus nós temos!

É Ele quem inclina o coração do homem e mais particularmente dos reis, para agir segundo o seu prazer. Assim, vendo Assuero “a rainha Ester, que estava no pátio” vestida de trajes reais e adornada com a beleza e graça que até agora haviam conquistado seu coração, “ela alcançou graça aos seus olhos”. O rei estendeu o cetro de ouro que tinha na sua mão. Ester se aproximou e o tocou, sendo este o sinal de que ela era aceita. A morte ficou para trás; ela está viva. Porém, há mais. Com ela, seu povo também escapa. Embora ainda secretamente, seu resgate não é menos certo e será evidenciado quando o momento certo chegar. Aqui, novamente Cristo e Sua obra nos são apresentados de forma impressionante. Ele sofreu a morte, mas está vivo, e Sua ressurreição é para nós o penhor da Sua aceitação diante de Deus. Não era possível que o Filho amado de Deus, que em obediência e para Sua glória se submetera a morte, fosse retido por ela. Ele morreu pelos nossos pecados, foi elevado para a nossa justificação e somos salvos pela Sua vida. Ele, sem mácula, ofereceu-se a Deus e apresentou-se diante dEle na glória e em toda a beleza e excelência de Sua pessoa e obra. Ele foi agradável a Deus.

Porém há mais ainda. Somos agradáveis a Ele: “agradáveis a si no Amado” (Ef 1:6). A vida dEle perante Deus é a medida da nossa salvação — porque Ele vive, nós vivemos. Seu favor divino também é nosso. A fé se apega a isso e se alegra, oculta do mundo, mas em um dia no futuro o mundo saberá que fomos amados pelo Pai, como Ele é amado.

Não só a vida de Ester é poupada, como o rei também está disposto a lhe conceder o seu pedido, seja qual fosse, até mesmo metade do seu reino, como o SENHOR disse ao Seu ungido: “Pede-me, e eu te darei os gentios por herança, e os fins da terra por tua

posseção” (Sl 2:8). No entanto, não é um esplendor de glória — a posse de metade do reino — que Ester deseja. O que importa para ela não é de interesse pessoal. É o resgate dos judeus e a retribuição ao adversário que ela tem em vista. O exercício do poder virá no futuro. Não é assim com Cristo? Agora Sua glória está oculta; Seu reino não é deste mundo. Ele salva os Seus e anula o poder de Satanás. “O Deus de paz esmagará em breve Satanás debaixo dos vossos pés” (Rm 16:20) e, depois disso, Cristo reinará em glória.

Agora, Ester apresenta seu pedido, que, à primeira vista, parece distante do seu propósito original. Ela diz: “Se parecer bem ao rei, venha o rei hoje com Hamã ao banquete que lhe tenho preparado” (Et 5:4). Por que Ester não revela imediatamente ao rei o que ocupa o seu coração? Parece que sua primeira exclamação deveria ser: “Poupe a mim e ao meu povo”. Aqui vemos algo digno de nota. Um novo traço aparece no caráter de Ester. Ela, a filha obediente, a jovem rainha tímida e temerosa, agora é decidida e dedicada e parece que está revestida de sabedoria e prudência. O SENHOR que a fortaleceu agora lhe dá as qualidades necessárias para levar a bom termo o trabalho a ser feito. Isso sempre será assim para todo servo que ouve e segue o chamado do seu Mestre. Ele dará abundantemente sabedoria e discernimento para entrar em ação no momento oportuno e da forma necessária. Ester não se apressou. Ela observou o momento favorável “para aproveitar a oportunidade”. Como se vê, ela é dirigida pelo Senhor para não comprometer a causa do seu povo, e sim promover o seu bem. Ela sabe da grande influência de Hamã sobre Assuero. Ela não convoca uma disputa aberta com o “favorito”, mas espera que ele se desmascare.

Nos propósitos de Deus, era necessário, por um lado, que o perigo de Mardoqueu se tornasse extremo (Et 5:14) e, por outro, que o rei tivesse uma disposição favorável para Mardoqueu (Et 6). Do mesmo modo, Hamã ainda precisa atingir o ápice da honra que seu orgulho cobiça ambiciosamente antes de ser derrubado por ele. Assim são as lições de Deus. Ester colabora para isso aguardando pacientemente. Ela põe em prática as regras de ouro: “Confia no SENHOR e faze o bem... Entrega o teu caminho ao SENHOR; confia nele, e ele o fará. E fara sobressair a tua justiça como a luz, e o teu

juízo como o meio-dia. Descansa no Senhor, e espera nele” (Sl 37:3-7).

Sem dúvida, o rei imaginava que, ao se apresentar diante dele, a rainha teria um pedido mais importante do que solicitar a sua presença em um banquete, e reiterou a ela sua promessa de lhe conceder o desejo que fosse. Ele parecia estar seriamente preocupado e Ester só podia se sentir encorajada. Mas o tempo propício, a ocasião para o golpe ainda não chegou. Ela tem esse pressentimento e ainda não abre o seu coração. Ela pede ao rei que venha novamente com Hamã a outro banquete que irá preparar e exclama: “Amanhã farei conforme a palavra do rei” (Et 5:6-8).

O orgulho de Hamã é exaltado ao máximo quando ele vê que foi convidado sozinho pela segunda vez com o rei para os banquetes oferecidos pela rainha. “Tampouco a rainha Ester a ninguém fez vir com o rei ao banquete que tinha preparado, senão a mim; e também para amanhã estou convidado por ela juntamente com o rei”. Que amanhã para ele!

Chegou o dia solene em que tudo deveria ser revelado. Os camareiros do rei vieram e “se apressaram a levar Hamã ao banquete que Ester preparara”. Aqui o rei solenemente renova sua promessa de conceder a Ester o que ela lhe pedisse, e então Ester prosseguiu fazendo o que havia dito e revelou seu pedido. Aquilo que havia acontecido com Mardoqueu, diante do qual Hamã precisara humilhar seu orgulho, honrando-o diante de todos, indicou a Ester que o momento da vontade de Deus havia chegado. Ela tomou coragem para falar. É bom saber como esperar na dependência do Senhor até o momento de agir! Então, descobrimos que tudo está preparado para um resultado feliz. Ester revela ao rei como sua vida e a do seu povo corre perigo. Ela não faz distinção entre o seu próprio destino e o seu povo, mas menciona a si mesma primeiro, porque Assuero a conhece e ama, ao passo que ainda não conhece o povo dela. De outro modo, essas pessoas não teriam sido um grande motivo de preocupação, mas por causa do seu amor por ela, ele se propôs a salvar a ela e seu povo.

Assim também nós apenas subsistimos mediante o amor de Deus pelo Seu Filho, e no futuro será por meio do amor de Jesus que Deus demonstrará graça a Israel. Ester acrescenta outro motivo ao

seu pedido. É para morte e destruição que eles foram vendidos pelo adversário. “Se ainda por servos e servas nos vendessem”, disse ela, “calar-me-ia; ainda que o opressor não poderia ter compensado a perda do rei”. De fato, a presença dos judeus trouxe fartura e bênção ao reino de Assuero. Ester sabia disso. Os exercícios da fé dela perpassavam profundamente essa consciência. Ela se lembrou da bênção feita a Abraão: “em tua descendência serão benditas todas as nações da terra”, e vários outros escritos dos profetas.

Podemos ignorá-los facilmente, mas sabemos bem que assim é e que nada seria capaz de compensar a perda causada pelo desaparecimento da face da terra desse povo desprezado, de quem vem a salvação (Jo 4:22). Por esse motivo, Satanás não mediu esforços para exterminá-los. E, visto que a salvação veio às nações na pessoa de Cristo, sabemos que nada poderia compensar a perda resultante para o mundo se os judeus houvessem desaparecido dele, uma vez que, nos planos de Deus, há bênçãos maravilhosas preparadas para os povos da terra depois que a Igreja estiver com o Senhor e quando os judeus, convertidos a Cristo para o Seu reino, forem administradores dele (Rm 11:12,15; Is 66:18-19).

Deus deu a Ester a palavra necessária e a fez tocar o coração de Assuero. Não precisamos nos deter para avaliar a estranha conduta desse déspota, que, sem coletar qualquer informação, e na sua confiança cega em um favorito, por uma soma de dinheiro entrega à morte um povo inteiro — homens, mulheres e crianças. De uma perspectiva histórica e moral, é inevitável se assustar ao ver a que ponto o homem chega quando investido de um poder que ele exercita a seu bel-prazer, sem temor a Deus, e para quem a vida de outros, uma vida tão preciosa aos olhos de Deus, não vale nada.

Como isso fica evidente em épocas passadas e também nos nossos dias! Quantas pessoas existem que por ambição ou outros motivos entregaram ou estão entregando à morte milhares e milhares de seus semelhantes, muitas vezes sem poupar mulheres nem crianças. Assuero o fez por leviandade e despreocupação irresponsável. Sejam quais forem os motivos, o sangue do homem derramado pelo homem é obra de Satanás. Não obstante o que vimos sobre o caráter desse homem Assuero, podemos observar outras lições preciosas nesse livro de Ester. Ele trata de uma parte

do povo de Deus, desconhecida, é verdade, mas tudo que aconteceu aqui era relevante para *todos* eles — ou seja, todo o povo de Israel. Se Hamã tivesse prevalecido, todos teriam morrido. Assuero, Hamã, Mardoqueu e Ester são apenas instrumentos na cena, vasos de ira ou vasos de misericórdia. O grande Deus conduz tudo ali com mão sábia e poderosa; tudo coopera para a sua glória e o cumprimento dos seus propósitos. Ele usa tudo: Assuero com seu despotismo e seu caráter sem discernimento e sem firmeza, Hamã com sua glória vã e ira maliciosa, Mardoqueu com sua fidelidade impecável a Deus, Ester devota ao seu povo. É maravilhoso ver também o próprio Deus trabalhando acima de tudo.

Como é reconfortante para o crente vê-lo governar esse mundo conturbado e fazer tudo cooperar para o bem daqueles que o amam. De fato, os santos podem dizer: “tudo é vosso” e nós somos de Cristo, e Cristo de Deus, Senhor sobre tudo. Portanto, os crentes veem tudo neste mundo como sujeito a eles, com Deus e Cristo acima deles (1 Co 3:22).

O que Ester disse, tocou diretamente o coração do rei — naquele momento não tanto por causa do povo dela, mas por causa dela mesma — aquela que havia encontrado favor aos seus olhos e a quem ele amava e cuja vida corria perigo. Ele estremeceu e disse a Ester: “Quem é esse e onde está esse, cujo coração o instigou a assim fazer?” (Et 7:5). Esse é um pronunciamento poderoso e verdadeiro, porque é do coração que nascem os pensamentos de ódio e morte. O coração é o centro dos sentimentos e das afeições, de ódio bem como de amor. Um, proveniente de orgulho ferido, havia ditado a Hamã a destruição do povo de Mardoqueu; o outro, proveniente de Deus, que havia inclinado o coração do rei para Ester, garantiu a redenção desse mesmo povo.

Satanás e aqueles que representavam o povo de Deus estavam em confronto, assim como na cena maravilhosa descrita em Zacarias 3:1-5. Quem prevaleceria? A disputa é resolvida rapidamente; há apenas uma resposta. Hamã, o adversário, é desmascarado e apresentado com seu verdadeiro caráter por Ester. “O opressor e o inimigo”, disse Ester, “é este mau Hamã” (Et 7:6). Adversário de Deus, inimigo do Seu povo, príncipe das trevas deste mundo, o perverso ao extremo (Ef 6:12) — essas são as marcas

que, nas Escrituras, definem aqueles de quem Hamã se tornou instrumento. Porém aqui o curso de perversidade de Hamã termina. Ele é julgado e condenado. Sua tentativa de implorar pela intercessão de Ester foi em vão. Não lhe serviu de nada. Mais à frente, veremos o que acontece com ele. Agora, voltaremos novamente nossa atenção para Ester.

Ao revelar sua parentela, ela salvou a si e ao seu povo. Do mesmo modo, ela paga sua dívida de gratidão a Mardoqueu apresentando-o ao rei e nomeando-o sobre a casa de Hamã que o rei lhe havia dado (Et 8:1-2). No entanto, ainda há algo a ser feito, sem o qual nem a boa vontade do rei, nem o favor de que Ester desfrutava surtiriam qualquer efeito. O decreto, instigado por Hamã, que deveria exterminar os judeus não havia sido nem poderia ser revogado. Ester, sabendo disso, intercedeu novamente perante o rei, em cujas mãos estava a vida ou a morte dos judeus.

“Falou mais Ester perante o rei, e se lhe lançou aos seus pés; e chorou, e lhe suplicou que revogasse a maldade de Hamã, o agagita, e o intento que tinha projetado contra os judeus. E estendeu o rei para Ester o cetro de ouro. Então Ester se levantou, e pôs-se em pé perante o rei, e disse: Se bem parecer ao rei, e se eu achei graça perante ele, e se este negócio é reto diante do rei, e se eu lhe agrado aos seus olhos, escreva-se que se revoguem as cartas concebidas por Hamã filho de Hamedata, o agagita, as quais ele escreveu para aniquilar os judeus, que estão em todas as províncias do rei. Pois como poderei ver o mal que sobrevirá ao meu povo? E como poderei ver a destruição da minha parentela? Então disse o rei Assuero à rainha Ester e ao judeu Mardoqueu... Escrevei, pois, aos judeus, como parecer bem aos vossos olhos, em nome do rei, e selai-o com o anel do rei; porque o documento que se escreve em nome do rei, e que se sela com o anel do rei, não se pode revogar” (Et 8:3-8).

Podem-se observar diversos aspectos interessantes nesta passagem. Primeiramente, vemos a intercessão comovente e urgente de Ester pelo seu povo e o testemunho do seu amor por ele. Como ela poderia viver, vendo sua parentela ser condenada à morte? Então, vemos a submissão humilde, reconhecendo que tudo dependia do agrado do rei. E, finalmente, ela contou com o favor

que o rei lhe havia concedido e seu amor por ela. Uma vez que a sentença de morte havia sido escrita e selada com o anel do rei, ela não podia ser revogada. O que se poderia fazer? Mandar escrever outro decreto, igualmente irrevogável, porém demonstrando graça aos judeus, a fim de que as tramas do inimigo pudessem ser frustradas.

Já vimos, enquanto discutíamos mais especificamente o assunto dos judeus, como a situação se desenrolou. Mas esses detalhes não despertam nossos pensamentos sobre assuntos mais diretamente relacionados a uma ordem infinitamente superior? Havia igualmente um decreto de morte (justo) contra nós, e Satanás, nosso formidável inimigo, detinha a vantagem do controle, visto que ele tinha o poder da morte (Hb 2:14). Esse decreto não podia ser revogado, visto que no nosso caso, sendo pecadores, a justiça de Deus o exigia. O que se podia fazer? Não poderíamos fazer nada para escapar dessa situação terrível, porém Jesus, o amado do Pai, obteve para nós o decreto de graça que satisfizesse perfeitamente nossa necessidade e nos livrou do poder de Satanás e das alegações da lei.

Novamente, Ester não descansou até obter uma redenção plena e completa, uma segurança absoluta para o seu povo. Ela jamais deixou seu lugar de mulher submissa, devota, que ofereceu sua vida, desde o momento em que havia dito, com santa resolução: “Assim irei ter com o rei”, perseverando energicamente até cumprir sua tarefa. Que possamos imitar esse exemplo!

Um último aspecto deve ser mencionado. Ester, em conjunto com Mardoqueu, desejava que a redenção dos judeus fosse comemorada. No décimo terceiro dia do duodécimo mês (o mês Adar) foi a sorte (pur) lançada diante de Hamã, que estava designado para o holocausto dos judeus. Nesse mesmo dia e no dia seguinte, pelo segundo decreto do rei, os judeus feriram seus inimigos e foram salvos. O décimo quinto dia era um dia de descanso para eles, um dia de festa e júbilo.

“E Mardoqueu... enviou cartas a todos os judeus... ordenando-lhes que guardassem o dia catorze do mês de Adar, e o dia quinze do mesmo, todos os anos, como os dias em que os judeus tiveram repouso dos seus inimigos, e o mês que se lhes mudou de tristeza

em alegria, e de luto em dia de festa... Porque Hamã... tinha lançado Pur, isto é, a sorte, para os assolar e destruir... Por isso àqueles dias chamam Purim, do nome Pur... Confirmaram os judeus, e tomaram sobre si, e sobre a sua descendência... que não se deixaria de guardar estes dois dias... Então a rainha Ester... e Mardoqueu, o judeu, escreveram com toda autoridade uma segunda vez, para confirmar a carta a respeito de Purim. E o mandado de Ester estabeleceu os sucessos daquele Purim; e escreveu-se no livro” (Et 9:20-32).

Este é o último ato relatado sobre o reinado da rainha Ester, a filha devota de Israel.

Agora os judeus, dispersos entre as nações, continuam a celebrar essa festa de redenção, aguardando até que o grande dia da sua verdadeira festa e perfeita redenção chegue (Zc 12:8-14), quando eles terão descanso dos seus inimigos, quando eles se arrependerão e receberão a Cristo. Esse é o tempo de alegria do qual, pelo Espírito Santo, Zacarias, o pai do “precursor”, falou nestes magníficos termos:

“Bendito o SENHOR Deus de Israel, porque visitou e remiu o seu povo, e nos levantou uma salvação poderosa na casa de Davi seu servo. Como falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio do mundo; para *nos livrar* dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam; para manifestar misericórdia a nossos pais, e lembrar-se da sua santa aliança, e do juramento que jurou a Abraão nosso pai, de conceder-nos que, Libertados da mão de nossos inimigos, o serviríamos sem temor, em santidade e justiça perante ele, todos os dias da nossa vida” (Lc 1:68-75).

O “orientado do alto”, o Anjo da aliança, Jesus, visitou-os, mas eles não O receberam e sob a sentença do julgamento, eles lamentam e são dispersos. Porém, o tempo do retorno à sua própria terra se aproxima, o tempo da sua bênção (ao menos para o remanescente fiel) e para aqueles que temem o Seu nome. Ele, a Quem os pais rejeitaram, surgirá. “Nascerá o sol da justiça, e cura trará nas suas asas” (Ml 3:1; 4:2-3).

¹ O mesmo que Jeoaquim (2 Rs 24:6 etc.). Ele é chamado de Conias em Jeremias 22:24 e Jeconias em Mateus 1:11. O Assuero do livro de Ester não deve ser confundido com o

Assuero de Daniel 9:1, nem com o rei de Esdras 4:6. Esses dois últimos viveram posteriormente.

² Daniel 10:1,4. Nessa época, já estava com idade bastante avançada. Deve-se situar esse momento alguns anos depois da sua oração no capítulo 9.

MARDOQUEU E ESTER

Observemos agora um terceiro personagem que exerce um grande papel neste episódio muito importante da história dos judeus. É impressionante observar, na corte do persa, Assuero, um homem de uma raça que desde tempos antigos foi inimiga dos judeus ascender ao poder. Hamã, o agagita, da palavra “Agague”, título dos reis de Amaleque, pertencia à nação que atacou Israel no deserto, logo após a sua partida do Egito. Após Amaleque ser subjugado por Josué — figura do Senhor —, o SENHOR declarou guerra a ele para sempre (Ex 17:8-16). Balaão, que, apesar de quem era, profetizando, anunciou o fim desse povo. Ele disse: “Amaleque é a primeira das nações; porém o seu fim será destruição para sempre” (Nm 24:20). Moisés (Dt 25:17-19) lembrou Israel do ataque traiçoeiro de Amaleque e ordenou que apagassem a memória deles debaixo dos céus quando obtivessem descanso na sua terra.

No entanto, Israel foi infiel e foi Amaleque quem veio atacar e saqueá-los (Jz 6:3). Saul, o primeiro rei de Israel, é encarregado de executar a sentença contra Amaleque. Porém ele também se mostra infiel e a executa apenas parcialmente. Por causa da sua negligência, alguns deles escaparam. Amaleque continua (1 Sm 27:8) e novamente o encontramos pela última vez na pessoa de Hamã, ainda se mostrando como inimigo dos judeus. “Cheio de furor” ao ver que Mardoqueu se recusava a mostrar a reverência que julgava ser devida a ele, Hamã quis punir não apenas Mardoqueu, mas também o povo inteiro após descobrir a nacionalidade dele (Et 3:5-6).

A história inteira de Hamã confirma a grande verdade anunciada nas Escrituras e tantas vezes comprovada por fatos: “A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito precede a queda” (Pv 16:18). No entanto, a história de Hamã vai além de receber uma promoção e então cair por causa do orgulho. A rainha Ester caracterizou Hamã como “opressor, inimigo e mau” e notamos que esses termos são exatamente aqueles que a Escritura usa para identificar Satanás, o Adversário de Deus, o inimigo do Seu povo e mau caráter. Satanás sempre tem aqueles sobre a terra que podem ser chamados de seus representantes. São indivíduos que servem como seus

instrumentos e trazem os mesmos traços. Hamã é um deles, como foi Faraó no Egito, ou Herodes no tempo do Senhor. Assim, no porvir, haverá a Iniquidade, o homem de pecado, que o Senhor destruirá pelo sopro da sua boca, bem como seu poderoso aliado, a Besta (2 Ts 2:8; Ap 13).

Vamos observar alguns desses traços marcantes na história de Hamã. Ele, um estranho de uma raça ignorada por muitos anos, ascendeu repentinamente e se viu elevado acima de todos os príncipes e servos da nação persa (Et 3:1). Nada sobre ele nos é dito que explique essa ascensão à honra. Ele apareceu subitamente exibindo um caráter orgulhoso e mau. Todos devem lhe prestar homenagem. Ai de quem se recusasse a se curvar diante dele! Essa ressurreição do amalequita, perseguindo o judeu com seu ódio, nos remete à besta que repentinamente sobe do abismo, recebendo poder de Satanás e usando-o para “fazer guerra aos santos” (Ap 13:1,2,7; 17:8).

A analogia é ainda mais impressionante porque a besta não é ninguém menos do que a reaparição do poder do perseguidor romano que desapareceu, mas deve renascer: “A besta que viste foi e já não é, e há de subir do abismo... e os que habitam na terra... se admirarão, vendo a besta que era e já não é, ainda que é” (Ap 17:8). Quando Amaleque surgiu pela primeira vez (Ex 17:8-16) e travou guerra ao povo de Deus, Moisés disse: “Porquanto jurou o SENHOR, haverá guerra do SENHOR contra Amaleque de geração em geração”. Uma primeira vitória foi obtida: Mardoqueu, o judeu, prevaleceu, mas a guerra continuou e continuará, até vermos a destruição completa do poder representado por Amaleque, na aparição do grande conquistador para um triunfo derradeiro e final (Ap 19:11-21).

Já notamos que as características de Hamã são as marcas predominantes de Satanás: orgulho e maldade. O profeta caracterizou o Grande Adversário nos seguintes termos: “Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho da alva!... Tu dizias no teu coração: *Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono*” (Is 14:12-13). Nabucodonosor, no seu tempo (Dn 4:28-30), e também o rei de Tiro (Ez 28:2) demonstraram, em grande medida, essa mesma disposição do coração do homem natural que, instigado pelo

inimigo, assim como ele, se exaltará acima de tudo. A exaltação do eu se manifestará plenamente no filho da perdição, “o qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus” (2 Ts 2:4). Vemos isso em Hamã, em seu caráter e atitudes. Ele não permitia nenhum rival ao seu redor e exigia veneração e adoração de todos os seus contemporâneos. Fazer com que todos se curvassem e prostrassem diante dele era sua vontade. Desse modo, ele media que estava a seu favor e, por assim dizer, era essa a marca na testa, curvar-se na poeira. Mardoqueu recusou essa marca, portanto precisa perecer com o seu povo. Que grande contraste entre o homem seguidor de Satanás que se exalta e tenta usurpar o lugar e trono de Deus, e Aquele que, na forma de Deus, se humilhou e assumiu a forma de servo para ser obediente até a morte. Que possamos segui-lo no seu caminho de abnegação, humilhação e obediência! Como o orgulho precede a queda, é igualmente verdade que aquele que se humilha será exaltado. O Senhor Jesus é exemplo disso — Deus o exaltou gloriosamente.

A queda de Hamã é outro fato notável, quer visualizemos o momento do acontecimento, o momento que o precede e as circunstâncias que levam a ele ou finalmente os resultados da queda.

É no auge da grandeza e honra que ele cai e sua queda é tremenda. Ele havia sido elevado acima de todos os mais nobres e maiores que o império persa possuía. O rei tinha plena confiança nele; ele podia fazer o que quisesse. Para coroar o favor, a rainha convidou somente a ele para o banquete que havia preparado para o rei, e ele se orgulhou disso. Do segundo banquete, porém, ele saiu como criminoso infame a ser enforcado em uma forca que ele havia erguido para outra pessoa. Da glória, ele é expulso para o abismo da desonra e vergonha e para a morte. Encontramos isso repetidamente nos caminhos de Deus. Ele permite que o homem no seu orgulho e espírito de independência ascenda e se eleve mais e mais, excluindo Deus, glorificando suas próprias obras de criatividade e das suas mãos. Então, Deus envia o sopro da sua boca e todos os grandes propósitos do homem são revertidos em

um momento. Assim foram os construtores ímpios da torre de Babel: “Eia, edifiquemos uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus”, eles disseram, “e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face da terra” (Gn 11:4). Eles começaram seu trabalho; a torre aumenta; parece que nada poderá impedi-los de cumprirem seu propósito. Mas o SENHOR desce e com uma palavra os confunde e dispersa. Muitos séculos depois, Nabucodonosor terminou aquela grande e magnífica cidade da qual disse: “Não é esta a grande Babilônia que *eu edifiquei para a casa real, com a força do meu poder, e para glória da minha magnificência?*” Mas enquanto a palavra ainda estava na boca do rei, saiu uma voz do céu para conduzi-lo do ápice do seu orgulho à condição de animal do campo (Dn 4:28-33). A própria Babilônia, aquela grande e excelente cidade, após tomada por Belsazar, é reduzida a um monte de ruínas e desolações perpétuas (Jr 50-51; Is 47).

O que acontecerá à outra Babilônia deste mundo que em breve ascenderá e se exaltará no avanço da ciência e civilização, na indústria e na arte, escondendo sob um exterior brilhante a mais profunda corrupção deste mundo, cujo príncipe é Satanás? No ápice da sua glória, a voz do anjo será ouvida: “Caiu, caiu a grande Babilônia... Pois em uma hora veio o teu juízo” (Ap 18:2,10). Que verdade solene expressa nas palavras do salmista: “Vi o ímpio com grande poder espalhar-se como a árvore verde na terra natal. Mas passou e já não aparece; procurei-o, mas não se pode encontrar... As relíquias dos ímpios serão destruídas” (Sl 37:35-38). O destino de Hamã foi assim e esse é o destino de todos os orgulhosos. “O júbilo dos ímpios é breve, e a alegria dos hipócritas momentânea? Ainda que a sua altivez suba até ao céu, e a sua cabeça chegue até às nuvens. Contudo... perecerá para sempre; e os que o viram dirão: Onde está?” (Jó 20:5-7).

É possível que ao ver os maus prosperarem e os justos, por outro lado, serem oprimidos com o mal, o coração do crente momentaneamente seja tomado de aflição e que a dúvida quanto à intervenção de Deus ameace tomar conta da sua alma. Deus, na Sua bondade, se importa conosco e, pela Sua Palavra, nos diz como dissipar essas nuvens com as quais o inimigo tenta nos abater

(Sl 37). Atentemos para a exortação à confiança — confiança plena nEle, que governa todas as coisas — e para uma caminhada em paz e justiça com Deus, tendo nEle o nosso prazer e ouvindo a certeza que Ele nos dá sobre Seu cuidado e atendimento aos nossos pedidos. Ele tem paciência com este mundo cruel, mas “ainda um pouco, e o ímpio não existirá”. O reino de paz e justiça do Senhor será estabelecido; enquanto isso, nós cristãos nos alegramos ao antecipar o reino que é “justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo” (Rm 14:17).

O formidável salmo 73 desenvolve o mesmo assunto. Ao ver o mal prosperar, ele diz: “Quanto a mim, os meus pés quase que se desviaram; pouco faltou para que escorregassem os meus passos”. Ele os inveja; na sua amargura, prossegue: “Na verdade que em vão tenho purificado o meu coração; e lavei as minhas mãos na inocência” e com isso, a sua alma se agita. Será que talvez, em alguma medida, tenhamos tido uma experiência tão dolorosa? Mas ouça o salmista. Ele sofre e diz: “Até que entrei no santuário de Deus”. Ali, tudo se torna luz. Ele compreende os caminhos de Deus. Ele vê o fim dos perversos e sabe que sua porção neste mundo de iniquidade é ter o SENHOR com e por ele até o momento de ser recebido na glória. Uma posição maravilhosa, esperança gloriosa, que nunca nos desapontará. “Estou de contínuo contigo; tu me sustentaste pela minha mão direita. Guiar-me-ás com o teu conselho, e depois me receberás na glória. Quem tenho eu no céu senão a ti? E na terra não há quem eu deseje além de ti... Deus é a fortaleza do meu coração, e a minha porção para sempre!” Se o remanescente pode dizer isso quando ao final, a iniquidade parece prevalecer, quanto mais nós, enquanto estamos no santuário da Sua presença, na luz de Deus, temos todos os motivos para nos alegrarmos diante dEle, cheios de confiança, paz e esperança em meio a um mundo torto e perverso, não é?

Considerar a ascensão e queda de Hamã nos levou a esses pensamentos. Talvez esses salmos que citamos sejam aqueles que deram coragem e confiança a Mardoqueu. Sua expectativa não foi frustrada. Aqui, podemos destacar que Hamã caiu na mesma cilada que havia armado, outra característica que a Palavra nos apresenta. Hamã não tinha dúvida de que, quando Assuero lhe perguntou

como deveria tratar o homem a quem o rei quisesse honrar, não podia ser outro além dele a quem Assuero se referia. Ele acreditava, ao nomear honra sobre honra para tal pessoa, que ele estaria andando na sua própria dignidade e aumentando seu próprio prestígio — mas pasme, as honras são para Mardoqueu. Hamã seria um simples servo desfilando o triunfo do judeu.

Então, embora ele houvesse erguido a força para aquele que odeia e acreditasse que tudo estava pronto para fazer o seu inimigo perecer desgraçadamente, é ele mesmo que sofre esse destino. Diz o salmista: “Eis que ele está com dores de perversidade; concebeu trabalhos, e produziu mentiras”. Que imagem fiel de Hamã e daquele que nos últimos dias perseguirá a Israel (Ap 12:13-17)! “Cavou um poço”, Davi continua, “e o fez fundo, e caiu na cova que fez. A sua obra cairá sobre a sua cabeça; e a sua violência descera sobre a sua própria cabeça” (Sl 7:14-16). Essa de fato foi a terrível experiência de Hamã.

Temos outros exemplos desse governo divino. Os acusadores de Daniel pereceram pelos dentes dos leões que deveriam tê-lo devorado; e aqueles que lançaram os três hebreus na fornalha são consumidos pelas chamas que pouparam as testemunhas fiéis de Deus (Dn 6 e 3). Não estamos vendo o mesmo destino apresentado a nós na história do grande Adversário? Ele leva seus súditos a crucificarem o Senhor Jesus, mas é a morte dAquele de Quem mais queria se livrar que destrói o poder dele. A semente da mulher cujo calcanhar foi ferido esmagará a cabeça da serpente. Satanás é pego na sua própria armadilha, “para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo” (Hb 2:14). Os crentes, salvos daquilo que o inimigo preparou contra eles, vendo-o cair na cova que ele fez, podem cantar, triunfantes: “Eu louvarei ao SENHOR segundo a sua justiça, e cantarei louvores ao nome do SENHOR altíssimo” (Sl 7:17).

Observe também como a queda de Hamã foi repentina. Nada a anuncia ao observador comum. O simples fato de que ela serve para exaltar Mardoqueu não indica uma alteração do favor do rei. Para ele, pode parecer que ele se ressentia de uma grande humilhação, mas o maior favorito dos príncipes de Assuero só precisava obedecer, e o pronto cumprimento, seja qual fosse o

objeto disso, apenas consolidava a posição deles. Hamã poderia se consolar ao ser levado para a forca erguida para Mardoqueu, dizendo a si mesmo: “Ele triunfa hoje, mas é só por um momento. Amanhã será a vez de ele ser enforcado”.

Quantas vezes acontece que o mundo descrente raciocina dessa forma sobre os súditos da verdade e suas testemunhas! Acredita-se e expressa-se muitas vezes que a Bíblia e o cristianismo chegaram ao fim, mas em vez disso, a verdade permanece imutável, fundada na rocha divina, enquanto o mundo passará, juntamente com a sua vaidade. Hamã se enganou e, como o mundo de hoje, a espada da vingança pendia sobre a sua cabeça, presa pelo frágil fio do favor de apenas um homem; além desse homem, foi Deus quem usou essa ocasião para executar julgamento. No entanto, é importante observar que ainda havia outros olhos atentos que previam a queda do favorito e lhe disseram:

“Então os seus sábios e Zeres, sua mulher, lhe disseram: Se Mardoqueu, diante de quem já começaste a cair, é da descendência dos judeus, não prevalecerás contra ele, antes certamente cairás diante dele” (Et 6:13).

Foram palavras proféticas, embora viessem da boca de alguém ignorante sobre Deus e Suas condutas. Os amalequitas não puderam prevalecer contra os judeus. O Adversário deve cair diante de Cristo e de Seu povo. Mas essas palavras de Zeres não deveriam ter levado Hamã a se humilhar? Elas certamente o preocuparam, mas era tarde demais para ele evitar a forca, confessando seus crimes.

A queda de Hamã foi súbita, conforme dissemos. De fato, quanto tempo passou entre o momento quando “chegaram os camareiros do rei, e se apressaram para levar Hamã ao banquete que Ester preparara” (Et 6:14) e o momento quando cobriram sua face e, por ordem do rei, o suspenderam na forca que ele havia preparado para Mardoqueu? No máximo algumas horas. Isso transparece nos grandes julgamentos executados sobre a terra e que permanecem como monumentos da justiça santa de Deus. Os contemporâneos de Noé ouviram a voz dele, alertando-os, mas ficaram insensíveis aos seus apelos e, de repente, o dilúvio os sobreveio, levando todos embora. O sol nasceu sobre a planície risonha onde Sodoma e suas

idades irmãs, corresponsáveis com ela, estavam localizadas. Ló entrou em Zoar, seu refúgio, e de repente “o SENHOR fez chover enxofre e fogo, do SENHOR desde os céus, sobre Sodoma e Gomorra” (Gn 19:24) e destruiu inteiramente aquelas cidades e seus habitantes. Da mesma forma, o julgamento será executado repentinamente quando o Filho do homem surgir. “Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será também a vinda do filho do homem... E todas as tribos da terra se lamentarão” (Mt 24:27-30).

Não será quando o mundo disser “paz e segurança” que a súbita destruição o sobrevirá? Assim como Hamã, o mundo também foi alertado; seu fim foi anunciado pela palavra profética. Porém infelizmente ele está intoxicado com o seu alegado progresso, com prazeres e pompa, fechando seus ouvidos para os alertas divinos. Ele prefere escutar falsos mestres que abusam dele ou zombadores que dizem: “Onde está a promessa da sua vinda?” (2 Pe 3:3-4). Como foi terrível para Hamã a voz que o condenou sem recurso. “Enforcai-o”, disse o rei, e foi o fim. Quanto mais terrível será quando esta palavra for executada: “Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até os mesmos que o traspassaram” (Ap 1:7), e quando Cristo, descendo do céu, destruir os maus com o sopro da sua boca, e a besta e o falso profeta com todos que se ajuntarem contra Ele. Julgamento súbito, inexorável, sem recurso.

Finalmente, como última característica da história de Hamã, o adversário dos judeus, podemos observar que sua queda é completa. Ele é abandonado por todos. Zeres, sua esposa, e os sábios com ela podem lhe informar sua ruína, mas não têm nenhuma palavra de conselho, consolo ou encorajamento para oferecer. Apavorado ao se tornar motivo de ira do rei, ele “se pôs em pé, para rogar à rainha Ester pela sua vida”, mas não tem tempo de implorar pela misericórdia dela. O próprio ato o arruína. O rei o abandona imediatamente, pronunciando sua sentença de morte. Era necessário que o decreto de Deus contra os amalequitas fosse executado. Sejam quais forem os instrumentos que Ele possa usar, sejam de honra e integridade pessoal ou outros, como vimos na pessoa do rei Assuero — Deus é soberano para cumprir Seus propósitos.

No momento da prisão de Hamã, a figura responsável aparece na pessoa de “Harbona, um dos camareiros”, que um dia se curvou diante do amalequita quando Mardoqueu não o fez, um verdadeiro “bajulador”, que talvez fosse um dos que acusaram Mardoqueu de desobedecer a Hamã. Agora ele vê a sua chance de obter o favor do rei e do próximo favorito e anuncia: “Eis que também a forca de cinquenta côvados de altura que Hamã fizera para Mardoqueu, que falara em defesa do rei, está junto à casa de Hamã” (Et 7:9). Harbona, em autêntica bajulação, um completo homem do mundo, que, quando lhe convém, encontra falhas e acusa Mardoqueu, agora o lisonjeia enquanto dá o golpe fatal em Hamã. Uma das ferramentas de Satanás age contra a outra. Não há misericórdia. Ele, Satanás, é um senhor duro, insensível, e a Escritura corretamente o chama de “mentiroso” e “pai da mentira” (Jo 8:44). Deus está acima de todos os acontecimentos. O salmista diz: “Certamente a cólera do homem redundará em teu louvor; o restante da cólera tu o restringirás” (Sl 76:10). Ele usa os atos, as palavras e os sentimentos do homem para cumprir Seu propósito.

A ira do rei entregou o adversário à sua justa obrigação, satisfazendo a justiça de Deus. “Cólera restringida”, pode-se mencionar neste contexto, é um lembrete solene de que ao final Deus levará todas as coisas a julgamento. “Porquanto não se executa logo o juízo sobre a má obra, por isso o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto para fazer o mal” (Ec 8:11).

Após a sua morte, não apenas ele, mas toda a posteridade de Hamã desaparece. Seus dez filhos (mencionados por nome), sua fonte de orgulho, foram mortos e pendurados numa forca (Et 9:7-10,13). Todos os seus bens passam para Ester e Mardoqueu. Portanto, ele sai totalmente de cena e o nome de Amaleque é apagado debaixo dos céus. Isso condiz com a palavra do SENHOR a Israel, citada anteriormente: “Eu totalmente hei de riscar a memória de Amaleque de debaixo dos céus” (Ex 17:14), lembrando-nos da cena final nos últimos tempos, quando a fortaleza de Satanás, a grande Babilônia, é condenada. “Porque numa hora foi assolada... e não será jamais achada” (Ap 18:19-21).

Agora o mundo está caminhando para o julgamento. Ele desaparecerá com todos os seus adversários, para ceder lugar a um

novο mundo sobre o qual Cristo reinará em paz e justiça. Depois virá o estado eterno do qual o mal será banido para sempre.

O GRANDE ADVERSÁRIO — HAMÃ, O AGAGITA

Como conclusão, vamos retratar algumas das circunstâncias que manifestam de modo muito evidente o Deus oculto, Cujo nome não é mencionado nenhuma vez neste livro, mas Cujas obras no decorrer de todos os acontecimentos são impressionantes.

O festival real é perturbado pela arrogante recusa de Vasti em cumprir o comando do rei. É uma recusa incompreensível, visto que ela ignorou a desgraça à qual se expunha. Esse incidente provocou uma mudança de enorme importância — a rainha *gentia* é degradada e substituída por uma rainha *judia*. Isso se torna o meio de salvação dos judeus. É também a origem do lugar ilustre que o judeu ocupará diante do rei. A *beleza* de Ester e a *graça*, que Deus lhe concedeu, conquistou os corações e permitiu, que ela obtivesse favor aos olhos do rei.

Mardoqueu é introduzido, não sabemos por quais meios humanos, como uma das autoridades subordinadas na porta do rei. Deus o colocou ali a fim de cumprir Seus desígnios. Um servo obscuro, despercebido, porém fiel, ele está em condições de descobrir a conspiração contra a vida do rei Assuero, que veio a saber dela por intervenção de Ester. A elevação dela e o lugar que Mardoqueu ocupa colaboram para salvar o rei.

Outra circunstância notável é que *Hamã lança sortes* para saber em qual mês e dia o massacre dos judeus deveria ocorrer. No entanto, “a sorte se lança no regaço, mas do Senhor procede toda a determinação” (Pv 16:33). Ele lançou a sorte no primeiro mês e ela cai no duodécimo mês. Para Hamã, o ato é supersticioso, mas Deus, desconhecido de Hamã, dirige a situação de tal forma que onze meses intervêm para os eventos que levam à redenção dos judeus.

Finalmente, o fato de que Hamã não se contenta em tirar a vida apenas de Mardoqueu, mas eliminaria todo o povo judeu, apenas serviu para demonstrar de forma brilhante os maravilhosos caminhos da sabedoria de Deus, que interveio do mesmo modo ao salvar Daniel da cova dos leões, e seus três amigos da fogueira ardente. Ele liberta um povo inteiro sem se mostrar, por assim dizer, mas de forma ainda mais admirável tendo isso em vista.

Quem dá ou retém o sono? É Deus; porque “naquela mesma noite fugiu o sono do rei” (Et 6:1). Pode-se pensar em procurar causas naturais para essa insônia, mas o real motivo era muito mais elevado do que isso. Deus queria que coisas ocultas viessem à tona *nessa mesma noite*, para fazer acontecer o que era necessário. Ele pretendia que o bem que havia sido esquecido fosse manifestado para que o mal que estava sendo forjado também viesse à luz, então tirou o sono dos olhos do rei. As memórias que caracterizavam um reino eram escritas pelos persas, assim como por Israel (2 Sm 8:16), como crônicas. A conspiração contra Assuero descoberta por Mardoqueu foi inscrita no “livro de registro das crônicas” do reino de Assuero.

Naquela *mesma noite* quando o sono fugiu dos olhos do rei, eles leram uma parte desse livro, e foi precisamente aquela que relatava a conspiração. O que levou o rei a escolher esse livro de anais em detrimento de qualquer outro e quem levou o leitor a ler exatamente aquela parte? Além disso, é a noite entre os dois dias do banquete de Ester preparado para ele e seu favorito. Quem conduziu todas as circunstâncias que abriram caminho para a queda de Hamã e a elevação de Mardoqueu? Estamos vendo a mão de Deus em tudo isso, não é?

Nessa mesma manhã, Hamã se apresentou na corte do palácio. Certamente, não foi para honrar o rei. Seu propósito ao estar ali desde cedo era o desejo de satisfazer plenamente seu ódio contra Mardoqueu, enquanto aguardava o massacre de todo o povo dele. A forca do tormento havia sido erguida e Hamã não tinha dúvidas de que o rei lhe concederia o seu pedido. Ele veio “para dizer ao rei que enforcassem a Mardoqueu na forca que lhe tinha preparado” (Et 6:4). Seria bom, ele sem dúvida pensou, dar ao rei algum motivo plausível, e ele supôs que o rei pouco se importaria com a vida de um miserável judeu, porque se envergonharia em admitir o verdadeiro obstáculo à sua alegria.

Mas *naquela mesma noite* que precedeu a manhã quando Hamã veio pedir permissão para matar Mardoqueu, *naquela noite* o sono havia fugido dos olhos do rei. Assuero percebeu que nada havia sido feito para recompensar Mardoqueu, seu salvador. E agora é Hamã, vindo *naquela manhã*, ele, exaltado acima de todos os

príncipes, que deve proclamar a honra que o rei concede a um homem tão detestado por Hamã. Todas essas circunstâncias nos mostram a mão sábia e segura de Deus que, sem pressa, por acontecimentos aparentemente insignificantes, conduz tudo para os Seus fins, não é?

Só mais uma palavra. O que fez o rei sair do banquete por apenas um momento, mas longo o suficiente para um Hamã apavorado cair sobre o leito de Ester, como se ele ainda fosse acrescentar mais um crime aos demais, violentando-a?

Sim, em vez de estar oculto, vemos em todo este livro, que Deus está trabalhando de modo providencial em relação ao Seu povo, o qual guarda cuidadosamente apesar de tudo que conspira contra eles. Vemos Deus nos sentimentos e na conduta dos Seus afligidos a quem ele resgata. Também o vemos em cena, comprometendo-se de forma maravilhosa com o sofrimento e a redenção do remanescente. Aqui vimos igualmente como se fossem as sombras daquela Pessoa gloriosa em quem o Espírito Santo se agrada de habitar. Este pequeno volume nos forneceu lições de exortação e encorajamento.

Por isso, não negligenciemos nenhuma parte das Sagradas Escrituras, todas elas divinamente inspiradas, e que “podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus... E [é] proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra” (2 Tm 3:15-17). Que possamos estudá-las integralmente, caso contrário não seremos capazes de apreender o plano completo de Deus, com todos os detalhes se encaixando em um projeto único, a fim de “tornar a congregar *em Cristo todas as coisas*, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra” (Ef 1:10). Por fim, mas não menos importante, estudemos sempre com oração, porque somente Deus pode nos dar inteligência espiritual e verdadeiro discernimento.

ALGUMAS DAS EVIDÊNCIAS CIRCUNSTANCIAIS DA MÃO DE DEUS

Algumas observações pelo tradutor ao inglês podem ser cabíveis, considerando que a ministração precedente sobre este encantador pequeno volume de Ester foi dada há quase cem anos.

Muitos acontecimentos mundiais se sucederam desde a época em que aquele notável remanescente dos judeus exerceu um papel muito proeminente. O grande Adversário continua causando destruição entre eles, como se ainda pudesse frustrar os planos de Deus. Somos lembrados dos pogroms, das exterminações na Europa, do constante assédio àqueles que retornaram à terra de Israel. Pode ser difícil conciliar os severos julgamentos que Deus permite que sobrevenham aos “filhos da dispersão” simultaneamente com o Seu olhar sobre eles para o bem.

Certamente o Seu governo, como foi no Egito sobre os hebreus, segue o seu curso por causa das suas vozes erguidas diante de Pilatos: “O seu sangue caia sobre nós e *nossos filhos*” (Mt 27:25). Por outro lado: “Os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento” e Ele sempre preserva para Si um remanescente. “De Sião virá o Libertador, e desviará de Jacó as impiedades” (Rm 11:26).

Maravilha das maravilhas — em breve alguns deles se levantarão e continuarão a “mensagem do reino”, interrompida quando a placa foi pregada na cruz acima da Sua cabeça: “Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus”. Essa mensagem será retomada e será divulgada em todo o mundo pelo remanescente após ocorrer o julgamento de Deus sobre as nações que ouviram o evangelho e rejeitaram a Cristo.

Os alinhamentos para os últimos grandes conflitos têm se tornado mais aparentes desde as duas grandes guerras mundiais seguidas de tremendas mudanças geográficas. Além disso, o “aumento de conhecimento” permitiu que a mensagem do evangelho seja amplamente espalhada por meios até então desconhecidos. A letargia e infidelidade dos cristãos não impediram que um Deus misericordioso permitisse meios incomuns para a propagação de Suas boas novas.

Enquanto isso, um espetáculo impressionante ocorre na chamada “Terra Santa”. Há quase quarenta anos, um grupo de filhos de Judá que retornou de todas as partes da terra, luta incessantemente para possuir, colonizar e reter o pequeno pedaço de terra que tentou conquistar, mas não tem conseguido paz, apenas guerras e problemas. Por quê? Porque eles não o buscaram pela fé, por isso nada deverá surtir efeito, até que o SENHOR, Deus deles, os leve de volta. “Porque eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que farei voltar do cativeiro o meu povo Israel, e de Judá, diz o SENHOR; e tornarei a trazê-los à terra que dei a seus pais, e a possuirão... Não temas, pois, tu, ó meu servo Jacó, diz o Senhor, nem te espantes, ó Israel; porque eis que te livrarei de terras de longe, e à tua descendência da terra do seu cativeiro; e Jacó voltará, e descansará, e ficará em sossego, e não haverá quem o atemorize” (Jr 30:3-10). Novamente: “Porquanto com amor eterno te amei, por isso com benignidade te atraí. Ainda te edificarei, e serás edificada, ó virgem de Israel!” (Jr 31:3-4).

Nossa história começou com Vasti, a rainha gentia, sendo deposta, que corresponde bem à noiva gentia de Cristo em seu estado de Laodiceia. Na terra, ela falhou como testemunha dEle e é dispensada como sendo nauseante para Ele. Porém, com relação à verdadeira Igreja, redimida e comprada pelo Seu precioso sangue, ela jamais será condenada, mas também já não é mais vista como testemunha na terra. Agora, ela é uma companhia celestial, Sua noiva — um mistério nunca antes revelado, descrito como “o mistério que esteve oculto desde todos os séculos, e em todas as gerações, e que *agora* foi manifesto aos seus santos; aos quais Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória” (Cl 1:26-27). Que esperança mais abençoada! Deus “sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos” (Ef 1:22,23). Aleluia! “O SENHOR contará na descrição dos povos que este homem nasceu ali” (Sl 87:6).

J. W. Roossinck

OBSERVAÇÕES FINAIS DO TRADUTOR

Pedidos Brasil e África direto com a editora:

pedidos@boasemente.com.br

www.boasemente.com.br

Rua Athos Palma, 250

CEP 04476-020 - São Paulo - SP

BRASIL

Pedidos Portugal e África:

www.ensino-biblico.org

Pedidos outras partes do mundo:

www.gbv-dillenburg.de

Pedidos em Moçambique:

Bíblias & Livros Cristãos

Av. de Namaacha - loja 4 (Prédio Rio)

Matola - Rio Maputo

celular: +258 849 576 299 - falar com Ismael

e-mail: jesussalvador.dospecadores@hotmail.com



Estudos
SOBRE O
LIVRO DE

1º artigo: William Kelly
2º artigo: autor desconhecido

ESTER

Esse livro porta o nome de Ester. Pertence claramente à época dela — uma época de trevas para o povo de Israel, em que não havia mais muito a se contado a respeito desse povo agora cativo na Babilônia, dominado pelos reis poderosos da Pérsia antiga.

Às vezes, parece que Satanás está ganhando e Deus está perdendo. O livro de Ester ilustra como Deus, hoje assim como nos dias de Ester, está no controle de tudo. Aprendemos como Deus age para o nosso bem, mesmo quando tudo parece confuso e contra nós. Ainda que Ele não apareça por nome nesse pequeno volume das Escrituras, a Sua mão graciosa pode ser percebida em todos os detalhes. A época de Ester foi uma época escura assim como o são os nossos dias de hoje, contudo cheio do brilho da graça de Deus, cujos raios iluminam a escuridão geral.



www.boasemente.com.br

ISBN: 978-85-9579-023-0



9 788595 790230 >

Table of Contents

[Introdução](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Conclusão](#)

[Introdução](#)

[O governo dos gentios](#)

[Os judeus](#)

[Mardoqueu e Ester](#)

[O grande adversário — Hamã, o agagita](#)

[Algumas das evidências circunstanciais da mão de Deus](#)

[Observações finais do tradutor](#)